

2. APRESENTAÇÃO¹

2.1. “Por onde começar”?²

Recorrente no pensamento barthesiano, tal pergunta sugere, como é óbvio, a dificuldade ou o embaraço que se apresenta em toda situação de início. Curiosamente, no momento em que começo a discorrer sobre o relato de toda uma vida – 37 anos como professora efetiva na Universidade Federal Fluminense – reencontro Roland Barthes da minha juventude. Nos anos 70, na qualidade de estudante do curso de graduação em Letras Português-Francês da UFF, como meus colegas, tive de ler o artigo "Introdução à análise estrutural da narrativa"³ para “aplicá-lo” à leitura de textos variados, que nos cabiam de forma aleatória. Segundo Barthes, diante de um texto literário, o leitor e o crítico se encontram diante de uma multiplicidade de entradas, o que era ignorado por alguns professores daqueles tempos sombrios, que ditavam aos estudantes um modelo rígido a ser seguido na abordagem do literário, como se não importassem suas especificidades estéticas e seus contextos de produção. O importante era encaixar modelos elaborados por Barthes, Bremond, Todorov, entre outros, em narrativas curtas que a eles deviam se curvar. Ai dos alunos que tinham a pouca sorte de receber um conto que não se adequava à camisa de força proposta! Pobres críticos reduzidos a serem a única chave para se penetrar na complexidade e ambiguidade das searas do literário!

Retomada em outro momento de minha vida no domínio das letras, faço minha a indagação barthesiana. Ao desenvolver reflexões calcadas na experiência vivida e reconstruída pela memória, tenho consciência da pluralidade de vias de acesso a essa reconstrução que passa, necessariamente, pelo racional e pelo afeto. Consciente de que a atividade memorial inclui, necessariamente a intervenção do esquecimento e do ficcional, ligados à afetividade, consentirei em me deixar levar ao sabor e ao saber

¹O presente memorial constitui um complemento ao material entregue à Direção do Instituto de Letras da UFF. Além dos cinco exemplares do memorial, fazem parte deste acervo: o Relatório de Atividades contendo os anexos IV e V (um volume), e os Anexos A (um volume), B (três volumes) e C (um volume) onde foram apresentados os comprovantes de atividades.

²BARTHES, Roland. Por onde começar? In. *O grau zero da escrita: seguido de novos ensaios críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

³O texto de Barthes faz parte da obra coletiva *Análise estrutural da narrativa*, publicada pela Editora Vozes, de Petrópolis, que, em 2013, teve nova edição.

daquilo que me afeta e me afetou ao longo de quase quarenta anos de magistério na UFF. Na presente exposição iluminada pelo ato de recordar – tornar a passar pelo coração, segundo Eduardo Galeano⁴ – haverá recortes, silêncios, que também falam, como bem mostram Eni Orlandi⁵ e Clarice Lispector⁶.

Apropriando-me da abertura do livro que inspirou o título deste memorial⁷, chego à cena inaugural da escrita deste documento, trazendo no bolso uma frase-cartão de visita: “Leciono há muito tempo. Costumo dizer que se ainda não aprendi não foi por falta de prática.” Isso porque o exercício pedagógico e o trabalho de pesquisadora me levaram a assumir a posição do mestre-aprendiz, daquele que, sem falsa modéstia, encara o processo de aprendizagem como incompletude permanente, capaz de sempre colocar novas questões, desdobráveis em outras que, por sua vez, se abrem para inusitadas indagações. Trata-se também de apostar na via de mão dupla do verbo “apprendre” em francês, que aponta para o caráter complementar do aprender e do ensinar.

Uma vez definido o lugar de onde falo – o do mestre-aprendiz, disponível para se engajar em novas buscas e na procura de mais perguntas do que respostas, sempre transitórias e incompletas –, gostaria de ressaltar onde se formou e consolidou em mim o gosto pelas letras.

2.2. “Onde será que isso começa?”⁸

Em seu livro *Fora de lugar: memórias*⁹, um dos grandes intelectuais dos estudos culturais afirma que todas as famílias inventam seus pais e filhos, dando a cada um deles uma história e um destino. (SAID, 2004, p.19) No meu caso específico, cedo fui catalogada como “aquela que gosta de estudar”, o que, se não era falso, não dava conta

⁴ GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1991. p. 11: “Recordar: Do latim *recordis*, tornar a passar pelo coração.”

⁵ ORLANDI, Eni. ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio, no movimento dos sentidos*. 6ª edição, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

⁶ LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

⁷ Trata-se do livro de Moacyr Scliar *O texto, ou: a vida: uma trajetória literária*. (Bertrand Brasil, 2007). Transcrevo aqui a abertura dessa obra que me deu o mote para começar a apresentar minhas reflexões aqui: “Escrevo há muito tempo. Costumo dizer que se ainda não aprendi não foi por falta de prática.” (p.7).

⁸ VELOSO, Caetano. O nome da cidade. In: CALCANHOTO, Adriana. *Olhos de onda*. 2014.

⁹ SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

de meu outro lado: minha paixão pelo ensinar, manifestado já nos meus primeiros anos de vida.

Meu interesse pelo ensino-aprendizagem começou logo que tive o primeiro flash de consciência de meu estar no mundo. Desde cedo, o cheiro de livros novos, a textura de suas páginas, as múltiplas variedades de lápis de cor, os decalques e cromos que enfeitavam cadernos maiores encantos, exerciam sobre mim forte atração, sobretudo porque pertenciam a duas irmãs que já usufruíam do privilégio de frequentar os bancos escolares. Quanto aos livros, para mim lá permaneciam as histórias e os mistérios do saber em estado latente, à espera do leitor – no caso, da leitora – Príncipe Encantado que os despertaria para a plena existência. Como diz o escritor antilhano Patrick Chamoiseau, em *Écrire en pays dominé*¹⁰, em sua mais tenra infância, após o término do ano escolar, os livros que não serviam mais aos filhos mais velhos, eram guardados pela mãe em um caixote utilizado anteriormente para colocarmas. Adormecidos na ótica do menino, eles lhe acenavam com as promessas do novo e da descoberta. *Bibliothèque, sentimenthèque*, esse pequeno acervo constituía para o garoto da Martinica sua primeira bagagem memorial enquanto leitor.

Quando eu acabara de completar cinco anos, antecipando-se ao início do calendário letivo, minha tia decidiu me dar lições particulares em casa e, como toda criança que convive com outras mais velhas, em pouco tempo aprendi a ler. Para mim, isso constituiu um enriquecimento único. Não seria mais pega em flagrante delito de fingimento ao simular que estava lendo, como fazia anteriormente, às vezes com o livro de cabeça para baixo.¹¹ Alfabetizada, sentia-me “alfabetada” – se cabe aqui o neologismo – por toda a novidade do mundo. Elegi a poltrona do quarto de meus pais para ser a ilha-redoma que me isolava de tudo para ali exercitar a prática do ler. Primeiro lugar de memória de minha atividade de leitora, ela acolhia personagens, paisagens, constituindo-se como meio privilegiado de deslocamento capaz de transpor as fronteiras entre o real e o fictício. Sentada no conforto do estofado, imobilizada durante horas, descobri, sem ter consciência naquele tempo, os vínculos entre a leitura e a mobilidade. Há alguns anos, identifiquei essa mesma sensação experimentada em criança na obra do

¹⁰ CHAMOISEAU, Patrick. *Écrire en pays dominé*. Paris: Gallimard, 1997.

¹¹ Talvez tenha faltado a Daniel Pennac, no seu delicioso livro *Comme un roman* (Paris, Gallimard, 1992), incluir um outro direito do leitor à lista proposta por ele com muito humor: o de fingir saber ler, manifestado por crianças que, antes do processo de alfabetização, decoram livros e teatralizam o ato de leitura diante dos adultos, como fazia Bernardo, meu filho, exercitando seu poder de sedução.

escritor quebequense Michel Tremblay. Em *Un ange cornu avec des ailes de tôle*¹², ele retrança os primeiros momentos de sua formação como leitor, através do contato estabelecido com obras variadas. Encolhido no fundo de um velho e desconfortável sofá, que lhe servia de abrigo contra os apelos do mundo exterior, o pequeno Michel se tornou um leitor. Aqui um parênteses se abre: a partir de minha experiência e da narrativa de Tremblay, poderíamos estender a condição paratópica do escritor, estudada por Maingueneau¹³, à do próprio leitor que precisa também negociar um lugar fora do lugar para exercer plenamente a função de ler?

Durante muitos anos, o ritual da leitura em voz alta, feita antes de dormir por nossa mãe, era um tempo especial, substituído posteriormente pelas novelas de rádio. Apesar de dominarmos a leitura, nesse momento desenvolvíamos a capacidade de escuta, tão esquecida hoje, como mostrou Benjamin¹⁴. Com nosso pai, pouco letrado, mas sensível e generoso, as histórias brotavam de seus lábios com uma facilidade admirável. Durante muitos anos acreditei ser ele o autor dessas narrativas. Que decepção ao descobrir que aqueles personagens e enredos estavam no filme *A canção do Sul*¹⁵, que assisti a seu lado em um cinema de Campinas! Uma vez superada a frustração inicial causada pela descoberta da “fraude” paterna, com o passar dos anos, voltei a atribuir a meu pai o lugar de autor, como se, contadas por ele, essas histórias adquirissem o sabor do vivido e da veracidade cunhados no e pelo afeto. Uma vez apropriadas por ele, que as compartilhava conosco, ele adquirira o direito à posição de autor, “ladrão de palavras”, na ótica de Michel Schneider¹⁶. Com essa vivência, tive contato, pela primeira vez, com o que a escritora canadense Nancy Huston chama de “espécie fabuladora”¹⁷: é pela nossa capacidade de criar ficções que nos distinguimos como seres humanos e nossas verdades se constroem, muitas vezes, a partir de ficções. (HUSTON, 2008, p.33).

Se até agora enfatizei meus primeiros passos nas vias da leitura, cabe-me retomar meus ensaios iniciais como professora. Em nossa casa, uma das brincadeiras favoritas das três irmãs girava em torno de uma pequena sala de aula de madeira, fabricada pelas

¹² TREMBLAY, Michel. *Un ange cornu avec des ailes de tôle*. Montréal: Actes Sud, 1999.

¹³ MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

¹⁴ BENJAMIN, Walter. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

¹⁵ Produzido por Walt Disney, esse filme foi lançado nos Estados Unidos em 1946.

¹⁶ SCHNEIDER, Michel. *Voleurs de mots: essai sur le plagiat, la psychanalyse et la pensée*. Paris: Gallimard, 1985.

¹⁷ HUSTON, Nancy. *L'espèce fabulatrice*. Montréal: Actes Sud/Leméac, 2008.

mãos habilidosas de nosso avô. Com a ajuda de nossa tia-avó, costureira improvisada, davam vida ao microcosmo escolar bonecos vestidos com o uniforme do Colégio Marília Mattoso, onde cursei a escola primária. Exercendo um trabalho artesanal, meu avô e sua irmã imprimiram simbolicamente sua assinatura no presente oferecido a uma das três Marias, que mais tarde se tornariam professoras, formadas em Letras. Primeiro e eterno exemplo de professor, meu avô me deu aulas no curso normal do Colégio Bittencourt Silva, em Niterói. Pude ver de perto, na qualidade de aluna, seu carinho e entusiasmo pela segunda carreira que escolhera como opção de vida, já casado, pai de três filhas e médico. Apesar de ser reconhecido na sua primeira atividade profissional, abriu mão da mesma para assumir o magistério em colégios particulares e públicos, em uma época em que os profissionais do ensino eram muito desprestigiados, não sendo amparados por direitos trabalhistas. Todavia, para ele, o que importava era o sentido humano e ético da profissão, a troca sempre bem-humorada com os alunos, a efetiva parceria que estabelecia, em particular, com os estudantes mais indisciplinados. Artesão nas bricolagens familiares e nas artes de fazer do magistério, responsáveis pela invenção do cotidiano¹⁸(DE CERTEAU, 1990), meu avô me ensinou, com sua vida, que ser professor é saber compartilhar e, com sua morte, aprendi a fazer a primeira experiência do luto, que também supõe o gesto de compartilhar e a necessidade do narrar.

2.3. Relato de uma certa UFF como lugar de memória

Assim como Salman Rusdhi¹⁹ que, escrevendo sobre seu país natal, se propõe a apresentar certa versão da Índia, (RUSHDIE, 1993, p.21), ao discorrer sobre minha experiência na UFF, só posso trazer uma visão particular desta instituição à qual minha existência se liga estreitamente. Como não levar em conta a elaboração de uma memória-palimpsesto na UFF, formada por diversas camadas temporais, a partir de 1970, ano de meu ingresso no curso de Letras Português-Francês? Mais do que os diferentes prédios onde estudei e exerci a atividade do magistério, o Instituto de Letras se define para mim como lugar de memória em construção permanente, marcado por um valor simbólico significativo. Nesse espaço concreto e abstrato se teceram lembranças

¹⁸ DE CERTEAU, Michel. *L'invention du quotidien 1: arts de faire*. Paris: Gallimard, 1990.

¹⁹ RUSHDIE, Salman. *Patries imaginaires. Essais et critiques*. 1981/1991. Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1993.

de diversas épocas: a da jovem que entrou no curso de Letras Português-Francês em 1970, a da estagiária (segundo semestre de 1974 e primeiro semestre de 1975), a da professora Colaboradora (1976, 1977), a da professora Assistente através de concurso público realizado em 1978, que, no ano seguinte à defesa de seu Doutorado na UFRJ em 1983, foi elevada à categoria de professor Adjunto IV, para nos últimos anos percorrer os quatro níveis de professor Associado. Como, em um aparente piscar de olhos, a jovem de 19 anos se transformou em professora da pós *Stricto Sensu*, tendo orientado em 1988 a primeira dissertação em literaturas francófonas, participado posteriormente da comissão instituída pelo Prof. Silvano Santiago para avaliar a viabilidade da criação do curso de Doutorado em Letras, e assumido, anos mais tarde, o lugar de decana do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFF?

Pelo meu histórico no seio da UFF, cheguei a ser vista por alguns colegas sob a etiqueta redutora de “cria” da instituição, como se isso representasse algum tipo de privilégio. Ora, tenho plena consciência de que meu trajeto profissional serviu para desmentir essa visão preconceituosa e injusta. Considero a UFF como minha casa, casa que também ajudei a construir com meu esforço e dedicação. Ao encarar a UFF como casa, não pretendo fixá-la como lugar de fechamento e proteção-protecionismo. Como toda casa, há portas e janelas que se abrem para o mundo e para a possibilidade dos diálogos fora dos limites do familiar. Lugar de trânsito e de hospitalidade, a casa-universidade é ou deveria ser sinal de abertura e de convite para ir além de fronteiras. Nesse sentido, sem deixar meu vínculo com pesquisas desenvolvidas na UFF na área de estudos francófonos, cursei o Mestrado e Doutorado na UFRJ, respectivamente nos períodos de 1976 e 1977; e de 1979 a 1983, tendo defendido dissertação e tese que contribuíram para a consolidação de uma área de pesquisa instituída na UFF graças ao trabalho pioneiro da Profa. Dra Lilian Pestre de Almeida no âmbito das universidades brasileiras. Posteriormente, minha inclusão em grupos de pesquisa da ANPOLL (A mulher na literatura; Literatura Comparada; Relações literárias interamericanas), da ABECAN (Associação Brasileira de Estudos Canadenses) e do CECAB (Centro de Estudos do Caribe no Brasil) me permitiu difundir a bagagem crítica produzida na UFF e estabelecer vínculos “fora de casa”.

À luz de Ecléa Bosi, ao discorrer sobre minha “arte de fazer” profissional, não poderia deixar de assinalar os vínculos estreitos entre a memória e a experiência vinculada ao trabalho, tão bem estudados pela autora em sua obra *Memória e sociedade*:

*lembranças de velhos*²⁰. Partindo do depoimento de pessoas idosas que moraram e trabalharam em São Paulo no passado, Bosi analisa a atividade memorial ancorada em paisagens afetivas de uma cidade e nas atividades produtivas do fazer. A partir de Bosi, considero valiosa minha história com a UFF: é o sentimento de pertencer a uma comunidade que colaborou na construção de minha subjetividade e que ajudei a consolidar na minha área de atuação.

2.4. A memória como dom a ser compartilhado

Ligada à experiência e à necessidade de transmissão da experiência, a redação do memorial equivale, ao mesmo tempo, às noções de dever e de dom. Se, por um lado, a escrita do presente documento evoca o sentido da memória como dever – dever de casa para quem pretende chegar à Classe de Titular? -, dever para substituir a fala dos ausentes, dos que já se foram, ou não encontram mais ouvidos sensíveis para os escutarem, não é possível deixar de lado o que me parece mais significativo: a representação da memória como dom a ser compartilhado. Segundo o intelectual quebequense Pierre Ouellet, “a memória não é um dever, ela é um dom: um dom que se recebe, um dom que se faz”²¹. (OUELLET, 2012, p.7). Assim, longe de ser um “saco de lembranças” ou um “bolso de esquecimentos”, a memória não está presa ao que foi e não existe mais. Inteiramente “poiética”, ela faz, cria, modela. (OUELLET, 2012, p.65). Seres de memória, somos, pois, ligados ao fazer, ao criar ficções, mais verdadeiras, muitas vezes, do que se poderia crer.

Na minha concepção de memorial, se a vida pode ser vivida como narrativa (AUGÉ, 2001, p.8)²² e se a memória nos constitui como textos (PARÉ, 2003, p.26)²³, o relato de uma longa trajetória profissional se propõe como algo a ser dividido com terceiros que emprestarão sua disponibilidade de escuta para que essa palavra não se perca e venha se somar a outras, cada qual com sua versão pessoal do Instituto de Letras da UFF.

²⁰ BOSI, Ecléa. *Memória & sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

²¹ OUELLET, Pierre. *Testaments: le témoignage et le sacré*. Montréal: Liber, 2012.

²² AUGÉ, Marc. *Les formes de l'oubli*. Paris: Rivages, 2001.

²³ PARÉ, François. *La distance habitée: essai*. Ottawa: Le Nordir, 2003.

2.5. O que é ser professor de línguas e culturas estrangeiras?

Antes de tudo, o docente de língua estrangeira e sua(s) respectiva(s) literatura(s) precisa saber colocar-se à escuta: das demandas e expectativas dos alunos, e da multiplicidade de sotaques e de memórias culturais expressas em um único idioma, que é sempre plural na sua riqueza e diversidade. Ser dos trânsitos, do desassossego das relativizações, vivencia a experiência da alteridade. Sensível ao lugar do Outro, faz-se mediador cultural e exerce o papel do tradutor, não para simplesmente traduzir as palavras estrangeiras na língua materna, mas para acolher a diferença e estimular os alunos a fazerem o mesmo, exercitando o trânsito entre o Mesmo e o Diverso. Retomando a metáfora proposta por Antoine Berman²⁴, transforma-se em albergue que dá hospitalidade à estranheza do Outro, aderindo ao jogo da reciprocidade sugerida pelo duplo sentido da palavra “hôte” em francês. Em resumo, tanto acolhe o idioma estrangeiro e suas realidades culturais como se deixa acolher por ele, sem cair nos riscos da pulsão mimética que acarreta a alienação e a perda de sua singularidade. O grande desafio nesse caso, é abrir-se ao Outro sem perder a sua identidade.

Exercitando a experiência dos limites, o docente de uma língua estrangeira torna-se Outro, o Outro que o habitava de forma insuspeitada. Evidencia-se aí a possibilidade de desejar (em) outros lugares e campos do saber e de se colocar à escuta de outras vozes para o exercício do diálogo e da prática maior da Relação²⁵ (GLISSANT).

Situando-me sempre na posição intervalar entre ensino e pesquisa, pude constatar, ao longo dos anos, que os dois eixos se nutrem reciprocamente, o que favoreceu meu crescimento intelectual. Tendo a certeza de que certos livros são capazes de nos ler— ou seja, permitem que nos leiamos através deles, atribuindo a momentos de nossa própria vida as tintas do ficcional—, elegi, de forma frequentemente inconsciente, algumas obras que correspondem a afinidades eletivas de minha trajetória intelectual. Não é, pois, por acaso, que no primeiro projeto apoiado pelo CNPq, “Educação e colonização nas Américas. Ordem e desordens no feminino. Leituras da pedagogia da opressão através de textos literários”, privilegiei a figura da professora primária, muito recorrente na literatura quebequense, no interior da qual ela está associada à afetividade libertária ou à repressão no processo de construção do feminino. Retorno—releitura da jovem

²⁴ BERMAN, Antoine. *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*. Paris: Seuil, 1999.

²⁵ GLISSANT, Édouard. *Poétique de la Relation*. Paris: Gallimard, 1990.

universitária que, durante dois anos, desempenhou o papel de professora primária no Externato Balesdent, em Niterói. Não por acaso obras de Gabrielle Roy– e, em especial, textos de cunho autobiográfico nos quais se refere à sua atuação como professora – estiveram tão presentes na bibliografia de meus cursos de graduação, extensão e pós-graduação *Lato e Stricto Sensu*. Coube a uma mestranda, Valéria Medeiros Gasparello, explorar, em sua dissertação²⁶, com acuidade e competência, a poética do encontro e a escuta dos dons no romance *Ces enfants de ma vieda* mersma autora. Como salientou Gasparello a partir de Barthes²⁷, escutar é entrar em relação, é perceber a existência do outro. Tal é a meta a que me proponho em minha prática pedagógica que se faz sempre como movimento em direção ao aluno, aos possíveis dons que podem permanecer ocultos se não forem estimulados.

No âmbito da mesma pesquisa, voltei-me para a representação dos efeitos da escola colonial em narrativas e ensaios antilhanos, não raro de cunho autobiográfico. Aí encontrei reflexões valiosas, assinadas por Joseph Zobel, Patrick Chamoiseau, Édouard Glissant, Ernest Pépin, entre outros. Essas leituras aguçaram meu olhar de professora de francês e literaturas francófonas, atenta ao ranço de etnocentrismo que, ainda hoje, infelizmente, se faz presente na prática pedagógica de colegas que apresentam trabalhos em congressos de professores de francês. *Douce France...* ainda vista como centro do mundo, que há muito, não pode mais ser encarado a partir de tal postura, sobretudo em nossos dias, quando cresce a consciência diaspórica que supõe, aos olhos de François Paré, a plurilocalidade, ligada a uma lógica plural da história.²⁸ (PARÉ, 2003, p.72). Imbuída deste novo olhar, reconheço-menas palavras do antropólogo Marc Augé²⁹:

É preciso aprender a sair de si, a sair de seu entorno (...). É preciso sair do cerco culturalista e promover o indivíduo transcultural, aquele que, adquirindo o interesse por todas as culturas do mundo, não se aliena em relação a nenhuma delas. É chegado o tempo da nova mobilidade planetária e de uma nova utopia da educação. (AUGÉ, 2010, p.109)

²⁶GASPARELLO, Valéria Medeiros. *A poética do encontro em Gabrielle Roy: entre escutas e embates em "Ces enfants de ma vie"*. Dissertação de Mestrado. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF, 2013.

²⁷BARTHES, Roland. *Oeuvres complètes V. Livres, textes, entretiens. 1977-1980*. Paris: Seuil, 2002. p.340-352.

²⁸PARÉ, François. *La distance habitée: essai*. Ottawa: Le Nordir, 2003.

²⁹ AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: UNESP/UFAL, 2010.

Ao se falar em transcultura, é preciso evocar o processo inacabado de culturas em contato, também presente no conceito de criouliização estudado por Glissant. Em um mundo que se criouliiza cada vez mais, deve-se acolher as diferenças e admitir, com o intelectual e escritor antilhano que, em todas as línguas, é possível construir a Torre³⁰.(GLISSANT, 1990, p.123). À luz de Octavio Paz³¹, identifica-se aí a Babel revista a partir de Pentecostes, da comunicação para além das diferenças. Tal pista de leitura orienta minha arte de fazer cotidiana junto a alunos de graduação, pós-graduação e extensão, a quem tento mostrar, como a personagem central do romance quebequense *Nous avons tous découvert l'Amérique*³², que a língua francesa, hoje, pode representar a própria Babel, resgatada na sua incompletude promissora, que confere hospitalidade a múltiplas vozes da alteridade.

³⁰GLISSANT, Édouard. *Poétique de la Relation*. Paris: Gallimard, 1990.

³¹PAZ, Octavio. *Convergências: ensaios de arte e literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

³²NOËL, Francine. *Nous avons tous découvert l'Amérique*. Montréal: Actes Sud, 2000.

3. ATIVIDADES DE ENSINO

Durante meu percurso profissional no Instituto de Letras da UFF, priorizei, na graduação, as disciplinas de Língua Francesa e Literaturas Francófonas. Mesmo nas aulas de língua, nunca abri mão do texto literário, pois creio que, em uma Faculdade de Letras, desde cedo as turmas precisam entrar em contato com a multiplicidade de culturas e histórias que se expressam esteticamente em um único idioma. Se, em um primeiro momento, trata-se de sensibilizar os alunos para a especificidade do discurso literário, aos poucos, no cotidiano das disciplinas de língua francesa, apura-se seu gosto e seu espírito crítico. Tomando para minha experiência nas searas da língua francesa palavras de Caetano Veloso sobre o português, busco sempre mostrar aos alunos “o que quer, o que pode essa língua” – o francês – para aprofundar nossa leitura de mundo e de nossa própria identidade.

Como disciplinas recorrentes de graduação atuei em todos os níveis de Língua Francesa e nos dois semestres obrigatórios de Literaturas Francófonas, ministrei Linguística Aplicada ao ensino de francês e ofereci disciplinas optativas. Ao longo do tempo, foram adotados pelo setor de Francês vários métodos de ensino de Francês Língua Estrangeira, com um maior ou menor grau de acerto. Aderindo, nas aulas de língua, à ideia do método como ponto de apoio para a progressão gramatical, sintática e lexical, procurei sempre seguir a proposta dos métodos no que concerne à distribuição das unidades, sem me restringir à camisa de força que eles podem representar para os que aderem a uma perspectiva redutora do ensino de línguas estrangeiras. Por isso mesmo, ao lado do método escolhido, explorei, além de textos literários francófonos, filmes, publicidades, músicas e curtas-metragens que favoreceram a expressão oral e os debates criativos.

No que diz respeito às aulas de Especialização, concentrei-me em disciplinas como Literaturas Francófonas I e II, Tradução e Literatura Comparada, Textos e discursos não-literários, Metodologia do texto literário. Como cursos oferecidos no âmbito dessas disciplinas, poderia citar: A releitura de Babel na contemporaneidade; (Geo)grafias e representações da alteridade na literatura do Quebec; Práticas e percursos

identitários em narrativas curtas quebequenses; Trânsitos identitários e mediações culturais em obras literárias da francofonia; Babel em trânsito: identidade e memórias; Visões do Canadá de língua francesa através de textos literários; A invenção do cotidiano na literatura antilhana: leitura das “artes de fazer” no contexto da criouldade; Leitura do documento publicitário; Tradução e viagem na literatura quebequense contemporânea (*Le désert mauve*, *Copies conformes* e *Une histoire américaine*); A procura do paraíso perdido na América: a cartografia mítica da Acádia na obra de Antonine Maillet; Uma leitura da pedagogia do oprimido. Análise de textos de Anne Hébert, Lya Luft, Denise Bombardier e Gabrielle Roy; Para uma abordagem do intercultural nos cursos de civilização (Brasil-Quebec); A poesia de língua francesa: Aimé Césaire e Birago Diop; A fundação do território na poesia quebequense; A narrativa do Quebec contemporâneo: o conto (Ferron) e o romance (Hubert Aquin).

Quanto às aulas dadas no Mestrado e Doutorado, elas corresponderam às disciplinas Literatura e identidades culturais; Literatura, História e Memória; A narrativa de língua francesa; A poesia de língua francesa; O teatro de língua francesa; Perspectivas teóricas do comparativismo. Algumas dessas disciplinas não figuram mais no currículo atual da pós-graduação. Poderia citar como cursos ligados a essas disciplinas: Representações da precariedade no espaço urbano: a cidade suas margens; Corpos em movimento e a elaboração da memória na contemporaneidade; Encontros entre Oriente e Ocidente em produções literárias contemporâneas de língua francesa; Habitar e representar a distância em textos literários brasileiros e canadenses; O imaginário da mobilidade em práticas criativas e indisciplinadas de Régine Robin e Sophie Calle; Representações imaginárias do lugar: práticas, invenções e apropriações; Bibliotecas reinventadas: citação, e “braconagem” nas práticas de leitura e escrita; Paratopias e poéticas do deslocamento; Poéticas da exiguidade e dos deslocamentos no universo feminino; Cartografias identitárias nas/das Antilhas; Babel revisitada em textos produzidos nas Américas; Escrever o cotidiano em “coletividade nova: a literatura antilhana; Construções de identidades nas Américas: enraizamentos e movências: O riso e a reinvenção do cotidiano no romance quebequense e antilhano; A representação do cotidiano nas literaturas periféricas (Marie-Claire Blais e Réjean Ducharme); A escrita no feminino. Desvios e diferenças nas literaturas “periféricas”; A construção do feminino em romances de aprendizagem na literatura quebequense; As máscaras da apropriação e da sedução em textos brasileiros e quebequenses; Os lugares do feminino

na pedagogia da opressão nas Antilhas; Perfis e papéis femininos no palco da intertextualidade: diálogos Brasil/Quebec. Leitura de *Le premier jardin* (Anne Hébert), *A doce canção de Caetana* (Nélida Piñon) e *As horas nuas* (Lygia Fagundes Telles); As trilhas de passos perdidos na América: o mito e a história da Acádia na obra de Antonine Maillet; O espaço mágico da memória na obra de Gabrielle Roy; Para uma abordagem da geografia mítica em textos literários e não-literários. Explorações em torno da poesia quebequense; O teatro histórico de Aimé Césaire; A poética de Léon Damas; A poesia de Aimé Césaire: dialogismo e poética da Relação; O discurso da paixão em Anne Hébert e Clarice Lispector; A poética da narrativa em Anne Hébert.

Os cursos de Especialização e Mestrado acima apresentados, foram efetivamente ministrados. Como não acheitodos os seus comprovantes,não entraram no Relatório de Atividades no qual aparecem as disciplinas de pós-graduação sem a visualização de seus programas, ementas e bibliografias.A renovação tecnológica tornou obsoleto o uso de disquetes e de alguns computadores e se encarregou de deletar esses registros como objetos concretos, mas seus efeitos e marcas memoriais continuam a existir, quer no desenvolvimento de minhas reflexões, quer em monografias, dissertações ou teses de alunos.

Comecei a atuar na graduação, ainda estudante,na condição de monitora, responsável por uma carga horária reduzida. Como as aulas de Língua Francesa correspondiam a seis horas semanais, a mim cabiam duas horas do que o setor chamava de “Orientação à leitura”. Sartre, Camus, Gide, Marguerite Duras, Marcel Aymé e François Mauriac – com seu romance inesquecível *Thérèse Desqueyroux* – faziam parte da biblioteca indispensável dos alunos dos quatro primeiros semestres de Língua Francesa e, por conseguinte, das primeiras aulas dadas por mim na UFF. Como monitora, era também responsável pela avaliação da turma, o que contribuiu para o crescimento de minha autonomia e de meu espírito crítico. Ingressei como professora do corpo docente efetivo da UFF, logo após o concurso para Assistente em 1978. Antes disso, na qualidade de Professor Colaborador, já tinha carga horária na Graduação. Meu ingresso como docente na Pós-Graduação Lato Sensu ocorreu em 1983 e na Pós Stricto Sensu em 1984, imediatamente depois da obtenção do diploma de Doutorado na UFRJ (dezembro de 1983).

Como não foram incluídos,no Relatório de atividades, os cursos dados por mim em 2015, permito-me aqui explicitá-los: Literaturas Francófonas I (Graduação) e

Literaturas Francófonas I (Especialização em Língua Francesa e Literaturas Francófonas).

4. ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO

Ao longo de várias décadas, elegi a atividade de orientação como uma de minhas metas no seio da vida acadêmica, pois creio na relevância desse exercício intelectual para mim e para os estudantes. Nunca pretendi me restringir a uma única modalidade de orientação, por acreditar no papel do docente de terceiro grau na formação do aluno, desde o início de seu cotidiano universitário. Assim, acolhi em minhas pesquisas muitos estudantes de graduação, que a elas se vincularam através de “bolsas de balcão” do CNPq ou através do processo seletivo do PIBIC UFF. Também orientei bolsistas do CNPq na categoria, hoje extinta, de Aperfeiçoamento, bolsistas de Iniciação à Docência, de Treinamento e de Desenvolvimento Acadêmico. No que concerne à pós-graduação, tive sob minha orientação alunos (bolsistas ou não) de Especialização, Mestrado e Doutorado. Como supervisora de Pós-Doutorado, tenho uma supervisão concluída e outra em andamento.

Antes de ser bolsista de Produtividade do CNPq (a partir de agosto de 1992), já tinha obtido apoio desse órgão de fomento para orientar estudantes de Iniciação Científica da área de Letras (Renato Venâncio Henrique de Sousa, Waldéris da Silva Alves e Genilda Maria Nascimento Gonçalves), de Psicologia (Elaine Pauvolid Correa), de Aperfeiçoamento (Edmilson Rocha Borret, Letras; e Rosana da Camara Teixeira e Wilson Poliero, morto prematuramente antes de concluir seu Mestrado no Museu Nacional da UFRJ; ambos de Ciências Sociais), o que me permitiu familiarizar-me com prazos, relatórios e processos seletivos no âmbito da mesma instituição. Através de décadas assisti, às vezes de longe, ao crescimento intelectual e profissional de orientandos do passado, como o dos professores Renato Venâncio Henrique de Sousa (doutor, docente na UERJ), Arnaldo Rosa Vianna Neto (pós-doutor, professor da UFF), Rosana da Camara Teixeira (doutora, professora da Faculdade de Educação da UFF), Gileade Pereira de Godói ³³(doutora, professora efetiva CEFET-Rio), Vanessa Massoni da Rocha (doutora, professora efetiva no CAP UFRJ), Juliana Perner Pereira (professora

³³Hoje, Gileade Godoi Abrantes de Barros.

efetiva do Colégio Pedro II), Carlos Eduardo do Prado³⁴(Mestre, professor efetivo do CAP UERJ). Muitos ex-orientandos de PIBIC ingressaram na Especialização, como Alexandre Oliveira do Nascimento, terminaram o Mestrado e/ou o Doutorado (Renato Venâncio Henrique de Sousa, Vanessa Massoni da Rocha, Valéria Medeiros Gasparello, Gileade Pereira de Godoi). Os três antigos bolsistas de Treinamento cursam pós-graduação: Rafael Barcellos (Mestrado em Letras-UFF), Egleiy Amarolina Pereira Carvalho (Mestrado em Ciência da Arte na UFF) e Susana Darlen dos Santos (Especialização na UERJ). No último ingresso para o Mestrado em Estudos de Literatura da UFF obtiveram aprovação os jovens André Luiz Vieira dos Santos (ex-orientando de PIBIC) e Ariana dos Anjos Barbosa (ex-bolsista de Desenvolvimento Acadêmico).

Como não foi possível, no Relatório de Atividades (Anexo V), incluir o nome de meus atuais orientandos, penso ser importante acolhê-los neste Memorial. São eles:

1. Irene Corrêa de Paula Sayão Cardoso. Supervisão de Pós-Doutorado. Bolsista do CNPq. Título da pesquisa: Vozes singulares e as escritas plurais: o processo de constituição de subjetividades nas escritas de si e nas narrativas fantásticas e realistas mágicas de Maryse Condé e Marie Ndiaye. Início: 2015.
2. João Luiz Peçanha Couto. Doutorado em Estudos de Literatura da UFF. Bolsista do CNPq. Título do projeto de tese: Humano, demasiado desumano: periferia, utopia e contemporaneidade na poética “das margens”. Início: 2014.
3. Fabiane Alves Martins. PIBIC. UFF/CNPq. Vinculada ao projeto: Escritas do exílio: habitar e representar a distância. Pesquisa desenvolvida pela aluna: Representações do Oriente na literatura do Quebec. Início: 08/2014
4. Philippe Avellar Dias Pinto. PIBIC.UFF/CNPq. Vinculado ao projeto: Representações imaginárias do lugar: práticas, invenções e apropriações. Pesquisa desenvolvida pelo aluno: O imaginário do lugar em Dany Laferrière. Início: 01/01/2015. Término: 01/07/2015
5. Fernando Feitoza. Orientação da monografia de fim do curso de Especialização em Língua Francesa e Literaturas Francófonas. Tema escolhido: Astúcias e estratégias identitárias em romances antilhanos.

³⁴Carlos Eduardo do Prado foi meu orientando como bolsista de Iniciação à Docência junto ao PROLEM/UFF.

Da mesma forma, por falta de comprovante, deixei de registrar no Anexo V alunos de Iniciação à Docência que tiveram bolsas em 2010 junto à Faculdade de Educação da UFF. Alguns deles, bolsistas em 2009, tiveram seus nomes registrados no referido relatório de atividades. Somados aos atuais bolsistas cujos nomes também deixaram de ser elencados, um total de vinte orientações não foi contabilizado no Relatório de Atividades. No quadro de minhas orientações concluídas (p.18 a 22) houve a inclusão dos bolsistas de Iniciação à Docência que exerceram atividades em 2010. Segue abaixo a lista dessas quotas concedidas em 2010.

No que se refere às atividades de orientação relativas a 2015, lembraria que, como o projeto “Relendo a biblioteca de Babel na era do hipertexto” foi aprovado, mais uma vez, pela PROAES, aguardo os estudantes que a ele vão aderir como Bolsistas de Desenvolvimento Acadêmico. Da mesma forma, concorrerei ao processo seletivo do PIBIC UFF com os projetos de pesquisa “Escritas do corpo: inscrições e memórias tatuadas” e “Escritas do exílio: habitar e representar a distância”.

Foi grande o número de orientandos que passaram por mim. A eles agradeço a oportunidade do diálogo, do debate intelectual e também as desavenças e frustrações que sempre nos fazem crescer. Como aparece no formulário para pontuação (Anexo V), no item Orientação obtive um índice elevado (508 pontos). Não se trata de valorizar a quantidade, mas de constatar quantas vidas passaram por mim, deixando sempre vestígios memoriais, rastros de experiências compartilhadas. Por motivos de ordem afetiva e profissional não poderia deixar de registrar aqui o nome de meus ex-orientandos e o título de seus trabalhos:

Orientações de Tese de Doutorado concluídas
1. Tese de Doutorado de Maria Daura Bittencourt Macedo Rocha. Título da tese: <i>Deslocamentos espacio-temporais e discursivos em textos de Régine Robin e Jacques Poulin</i> . UFF. 2014.
2. Tese de Doutorado de Vanessa Massoni da Rocha. Título da tese. <i>Por um protocolo de leitura do epistolar</i> . UFF. 2012.
3. Tese de Doutorado de Valdir da Silva Chagas. Título da tese: <i>Cartografias imaginárias. O espaço em Anne Hébert</i> . UFF. 2010.
4. Tese de Doutorado de Valéria Ribeiro Guerra. <i>Narrar para lembrar, narrar para esquecer. Figurações da América e do Brasil em relatos de Piñon, Hatoum e Miranda sobre imigrantes</i> . UFF. 2009.
5. Tese de Doutorado de Renato Venâncio Henrique de Sousa. A “escrita migrante” de Sérgio Kokis em <i>Le pavillon des miroirs, Negão e Doralice e Errances</i> ”. UFF. 2007.

6. Tese de Doutorado de Arnaldo Rosa Vianna Neto. <i>Movências e mutações em construções identitárias nas Américas: cartografia dos imaginários em narrativas de Nélide Piñon e Réjean Ducharme</i> . UFF. 2003.
7. Tese de Doutorado de Márcia Maria de Jesus Pessanha. <i>O cotidiano e seu tecido histórico em Quarto de despejo (Carolina Maria de Jesus) e Léonora: l'histoire enfouie de a Guadeloupe</i> . UFF. 2002.

Orientações de Dissertação de Mestrado concluídas
--

1. Dissertação de Mestrado de Valéria Medeiros Gasparello. <i>A poética do encontro em Gabrielle Roy</i> . UFF. 2013.
2. Dissertação de Mestrado de Jordélia Mendes Brandão. <i>A diáspora haitiana em Passages de Émile Ollivier</i> . UFF. 2012.
3. Dissertação de Mestrado de Verônica Accioly Teixeira de Oliveira. <i>Mapas e paisagens da estrada: a arte da travessia no roman de la route quebequense Volkswagen Blues de Jacques Poulin</i> . UFF. 2010.
4. Dissertação de Mestrado de Vanessa Massoni da Rocha. <i>A reinvenção da memória no romance Cantique des Plaines de Nancy Huston</i> . UFF. 2009.
5. Dissertação de Mestrado de Maria Daura Bittencourt Macedo Rocha. <i>Entre a morte e a vida: uma representação do entre-deois em L'immense fatigue des pierres, de Régine Robin</i> . UFF. 2008.
6. Dissertação de Mestrado de Maria Teresa Castelo Branco Fantinato. <i>A língua no romance Le Matoude Yves Beauchemin</i> . UFF. 2003.
7. Dissertação de Mestrado de Cleusa Maria Mendes de Oliveira. <i>Corpo e oralidade em Tambour-Babel</i> . UFF. 2003.
8. Dissertação de Mestrado de João Carlos Teixeira de Mello. <i>A representação de uma nova ordem em Des Nouvelles d'Édouard, de Michel Tremblay</i> . UFF. 1999.
9. Dissertação de Mestrado de Marília Sales de Siqueira. <i>Dramático, enérgico e apaixonado: o riso do grotesco e a desordem em Thérèse et Pierrette à l'École des Saints-Anges de Michel Tremblay</i> . UFF. 1999.
10. Dissertação de Mestrado de Arnaldo Rosa Vianna Neto. <i>A representação do ethos underground na obra de Réjean Ducharme</i> . UFF. 1998.
11. Dissertação de Mestrado de Renato Venâncio Henrique de Sousa. <i>Pélagie-la-Charrette: retorno ao país da oralidade, reconstrução da Identidade sem país</i> . UFF. 1997.
12. Dissertação de Mestrado de Glória Maria Miranda da Silva. <i>O corpo como escritura na poética de Léon Gontran Damas</i> . 1988.

Orientações de Monografia de Especialização concluídas

1. Monografia de Especialização de Maria Valéria de Oliveira Dudkiewicz. <i>Tradução, sedução e palimpsesto no romance de Jacques Poulin La traduction est une histoire d'amour</i> . Término: 2008.
2. Monografia de Especialização de Márcia Maria Pires de Oliveira. <i>Pós-Graduação em Língua Francesa e Literaturas Francófonas</i> . Término: 2007.

Outras orientações Acadêmicas
1. Iniciação Científica de Fabiane Alves Martins. PIBIC. UFF/CNPq. Vinculada ao projeto: Escritas do exílio: habitar e representar a distância. Pesquisas desenvolvidas pela aluna: Introdução à leitura do ciclo romanesco <i>Le poids des secrets</i> , de Aki Shimazaki (Quebec) e Leitura de obras da autora Ying Chen (Quebec). Vigência: 2012 a 2015. 3 anos
2. Iniciação Científica de André Luiz Vieira dos Santos. Vinculado ao projeto: Representações imaginárias do lugar: práticas, invenções e apropriações. Pesquisa desenvolvida pelo aluno: O imaginário do lugar em textos de autores da diáspora haitiana no Quebec. Vigência: 15/03/2014 a 21/12/2014. 1 ano
3. Iniciação Científica de Nadia Nacif Company Neves. PIBIC. UFF/CNPq. Vinculada ao projeto: Representações imaginárias do lugar: práticas, invenções e apropriações. Pesquisas desenvolvidas pela aluna: Marcas plurais de nascença: Nancy Huston e A linguagem das trevas em Nancy Huston. A aluna obteve o segundo lugar no Prêmio UFF Vasconcellos Torres, na área Linguística, Letras e Artes. Vigência: 2011 a 2014. 3 anos
4. Iniciação Científica de Ana Teresa Barbosa dos Santos. PIBIC. UFF/CNPq. Vinculada ao projeto: Escritas do exílio: habitar e representar a distância. Pesquisa desenvolvida pela aluna: Travessias e (re)descobertas na Torre-refúgio (Francine Noël). Vigência: 2011 a 2013. 2 anos
5. Iniciação Científica de Valéria Medeiros Gasparello. PIBIC. UFF/CNPq. Vinculada ao projeto: Representações imaginárias do lugar: práticas, invenções e apropriações. Pesquisas desenvolvidas pela aluna: A memória da água: leitura de Ying Chen; <i>Lignes de faille</i> , de Nancy Huston, e o labirinto da infância; A poética do encontro em Gabrielle Roy e O “dom de ver” e outros dons em <i>Ces enfants de ma vie</i> , de Gabrielle Roy. Vigência: 2009 a 2012. 3 anos
6. Iniciação Científica de Alexandre Oliveira do Nascimento. PIBIC. UFF/CNPq. Vinculado ao projeto: Poéticas da exiguidade e da errância nas Américas. Pesquisa desenvolvida pelo aluno: A cidade e o corpo: metáforas de uma dialética transcultural. Vigência: 2006 a 2008. 2 anos
7. Iniciação Científica de Vanessa Massoni da Rocha. PIBIC. UFF/CNPq. Vinculada ao projeto: Babel revisitada: a construção de uma poética das línguas nas Américas e Poéticas da exiguidade e da errância nas Américas. Pesquisas desenvolvidas pela aluna: A representação da criança na poética das migrações; A descoberta da América no imaginário das migrações; Palhaço: estrangeiro de si mesmo e A reescrita do passado na correspondência de Abelardo e Heloísa. Vigência: 2002 a 2006. 4 anos
8. Iniciação Científica de Beatriz Veiga de Freitas Gomes. Bolsa de Iniciação Científica. CNPq. Vinculada ao projeto: Babel revisitada: a construção de uma poética das línguas nas Américas. Pesquisa desenvolvida pela aluna: Nas searas de Babel: primeiras pistas. Vigência: 2000 a 2002. 2 anos
9. Iniciação Científica de Gileade Godoi Abrantes de Barros. Bolsa de Iniciação Científica. CNPq. Vinculada ao projeto: Educação e colonização nas Américas. Leitura da pedagogia da opressão através de textos literários. Ordem e desordens no feminino. Pesquisa desenvolvida pela aluna: Feiticeiras da Inquisição: discursos (re)significados. Vigência: 1994 a 1996. 2 anos
10. Iniciação Científica de Adriana de Barros Vita. Bolsa de Iniciação Científica. CNPq. Vinculada ao projeto: Educação e colonização nas Américas. Leitura da pedagogia da opressão através de textos literários. Ordem e desordens no feminino.

Pesquisa desenvolvida pela aluna: Reflexões sobre a tradução. Vigência: 1994 a 1996. 2 anos
11. Aperfeiçoamento tipo B de Edmilson Rocha Borret. CNPq. 1992/1993: Vinculado ao projeto: Diálogos no feminino: a representação da mulher no Brasil e no Quebec. Pesquisa desenvolvida pelo aluno: Leitura crítica de obras quebequenses. Vigência: 1992 a 1994. 2 anos
12. Iniciação Científica de Genilda Maria Nascimento Gonçalves. Bolsa de Iniciação Científica. CNPq. 1991/1992: Vinculada ao projeto: Diálogos no feminino: a representação da mulher no Brasil e no Quebec. Pesquisa desenvolvida pela aluna: A construção do feminino em textos da Condessa de Ségur. Vigência: 1991 a 1993. 2 anos
13. Iniciação Científica de Elaine Pauvolid Correa. Bolsa de Iniciação Científica. CNPq. 1991/1992: Vinculada ao projeto: Diálogos no feminino: a representação da mulher no Brasil e no Quebec. Pesquisa desenvolvida pela aluna: A mulher em textos de Psicanálise e de Psicologia. Vigência: 1991 a 1993. 2 anos
14. Iniciação Científica de Waldéris da Silva Alves. Bolsa de Iniciação Científica. CNPq. 1991/1992: Vinculada ao projeto: Diálogos no feminino: a representação da mulher no Brasil e no Quebec. Pesquisa desenvolvida pelo aluno: Pistas para a leitura da poética de Adélia Prado. Vigência: 1991 a 1993. 2 anos
15. Iniciação Científica de Renato Venâncio Henrique de Sousa. Bolsa de Iniciação Científica. CNPq. 1989/1990: Vinculada ao projeto: Diálogos no feminino: a representação da mulher no Brasil e no Quebec. Pesquisa desenvolvida pelo aluno: A mulher em textos de Antonine Maillet. Vigência: 1990 a 1991. 1 ano
16. Aperfeiçoamento do tipo B do CNPq de Wilson Poliero. Bolsa vinculada ao projeto: Diálogos no feminino: a representação da mulher no Brasil e no Quebec. Pesquisa desenvolvida pelo aluno: Imagens da mulher em <i>Júlia, Sabrina e Bianca</i> . 1990,1991 e 1992. Vigência: 1989 a 1991. 2 anos
17. Aperfeiçoamento do tipo B do CNPq de Rosana Câmara Teixeira. Bolsa vinculada ao projeto: Diálogos no feminino: a representação da mulher no Brasil e no Quebec. Pesquisa desenvolvida pela aluna: Imagens da mulher em <i>Júlia, Sabrina e Bianca</i> . Vigência: 1989 a 1991. 2 anos
18. Iniciação à docência no âmbito do Projeto de cunho social “Primeiras vivências na prática de ensino de língua estrangeira: francês”, vinculado ao PROLEM/UFF (curso de extensão). Aluno: Guilherme Santana da Silva. 2013 e 2014. 2 anos
19. Iniciação à docência no âmbito do Projeto de cunho social “Primeiras vivências na prática de ensino de língua estrangeira: francês”, vinculado ao PROLEM/UFF (curso de extensão). Aluna: Nadia Nacif Campany Neves. 2012. 1 ano
20. Iniciação à docência no âmbito do Projeto de cunho social “Primeiras vivências na prática de ensino de língua estrangeira: francês”, vinculado ao PROLEM/UFF (curso de extensão). Aluno: Carlos Eduardo do Prado. 2010 e 2011. 2 anos
21. Iniciação à docência no âmbito do Projeto de cunho social “Primeiras vivências na prática de ensino de língua estrangeira: francês”, vinculado ao PROLEM/UFF (curso de extensão). Aluna: Juliana Perner Pereira. 2008 e 2009. 2 anos
22. Iniciação à Docência ligada à Subcoordenadoria de Apoio à Prática Pedagógica Discente da UFF. Aluno: Aluísio de Almeida e Albuquerque Costa. Escola Municipal Paulo de Almeida Campos. 2009. 1 ano
23. Iniciação à Docência ligada à Subcoordenadoria de Apoio à Prática Pedagógica Discente da UFF. Aluna: Bianca Barboza da Silva. Escola Municipal Paulo de Almeida Campos. 2009. 1 ano
24. Iniciação à Docência ligada à Subcoordenadoria de Apoio à Prática Pedagógica

Discente da UFF. Aluna: Francine de Sousa Almeida. Colégio Estadual Aurelino Leal. 2009. 1 ano
25. Iniciação à Docência ligada à Subcoordenadoria de Apoio à Prática Pedagógica Discente da UFF. Aluna: Mariana Class Moraes. Colégio Estadual Aurelino Leal. 2009. 1 ano
26. Iniciação à Docência ligada à Subcoordenadoria de Apoio à Prática Pedagógica Discente da UFF. Aluna: Mariana Vieira Gomes Pereira. Colégio Estadual Aurelino Leal. 2009. 1 ano
27. Iniciação à Docência ligada à Subcoordenadoria de Apoio à Prática Pedagógica Discente da UFF. Aluna: Priscilla Moraes Freire de Souza Pavão. Colégio Estadual Aurelino Leal. 2009. 1 ano
28. Iniciação à Docência ligada à Subcoordenadoria de Apoio à Prática Pedagógica Discente da UFF. Aluna: Sunny Waneska Pereira Anhon. Colégio Universitário Geraldo Reis/COLUNI UFF. 2009. 1 ano
29. Iniciação à Docência ligada à Subcoordenadoria de Apoio à Prática Pedagógica Discente da UFF. Aluna: Camilla Marques Ferreira Branco. Colégio Universitário Geraldo Reis/COLUNI UFF. 2009. 1 ano
30. Iniciação à Docência ligada à Subcoordenadoria de Apoio à Prática Pedagógica Discente da UFF. Aluna: Carine Lima Cordeiro. Colégio Estadual Aurelino Leal. 2009. 1 ano
31. Iniciação à Docência ligada à Subcoordenadoria de Apoio à Prática Pedagógica Discente da UFF. Aluno: Cyro Alves da Silva Neto. Escola Municipal Paulo de Almeida Campos. 2009. 1 ano
32. Iniciação à Docência ligada à Subcoordenadoria de Apoio à Prática Pedagógica Discente da UFF. Aluna: Raquel Murat Kelly. Colégio Estadual Aurelino Leal. 2009. 1 ano
33. Orientação de Bolsas de Treinamento (vinculadas ao Projeto “A produção e a expansão do conhecimento no Núcleo de Estudos Canadenses da UFF”). Aluna: Egley Amarolina Pereira Carvalho. 2009 e 2012. 4 anos
34. Orientação de Bolsas de Treinamento (vinculadas ao Projeto “A produção e a expansão do conhecimento no Núcleo de Estudos Canadenses da UFF”). Aluno: Rafael Barcelos de Faria. 2009 a 2012. 4 anos
35. Orientação de Bolsas de Treinamento (vinculadas ao Projeto “A produção e a expansão do conhecimento no Núcleo de Estudos Canadenses da UFF”). Aluna: Suzana Darlen dos Santos. 2011 a 2012. 2 anos
36. Orientação em Bolsas de Desenvolvimento Acadêmico (PROAES/UFF) concluídas. Aluna: Ariana dos Anjos Barbosa. Relendo a biblioteca de Babel na era do hipertexto. Período: 2012 a 2013. 1 ano
37. Orientação de Bolsas de Desenvolvimento Acadêmico (PROAES/UFF) concluídas. Aluna: Cibely Araújo Felix de Souza. Relendo a biblioteca de Babel na era do hipertexto. Período: 2012 a 2013. 1 ano
38. Orientação de Bolsas de Desenvolvimento Acadêmico (PROAES/UFF) concluídas. Aluna: Gabriela do Nascimento Correa. Relendo a biblioteca de Babel na era do hipertexto. Período: 2013 a 2015. 2 anos
39. Orientação de Bolsas de Desenvolvimento Acadêmico (PROAES/UFF) concluídas. Aluna: Marcelly dos Santos Araújo. Relendo a biblioteca de Babel na era do hipertexto. Período: 2013 a 2014. 1 ano
40. Orientação de Bolsas de Desenvolvimento Acadêmico (PROAES/UFF) concluídas. Aluna: Márcia Maria da Costa. Relendo a biblioteca de Babel na era do hipertexto. Período: 2013 a 2014. 1 ano

41. Orientação de Bolsas de Desenvolvimento Acadêmico (PROAES/UFF) concluídas. Aluna: Kelly Cristina dos Santos. Relendo a biblioteca de Babel na era do hipertexto. Período: 2014 a 2015. 1 ano
42. Orientação de Bolsas de Desenvolvimento Acadêmico (PROAES/UFF) concluídas. Aluna: Natasha Araújo Fernandes. Relendo a biblioteca de Babel na era do hipertexto. Período: 2014 a 2015. 1 ano
43. Iniciação à Docência: Alúcio de Almeida e Albuquerque Costa (primeiro semestre 2010)
44. Iniciação à Docência: Francine de Sousa Almeida (primeiro semestre 2010)
45. Iniciação à Docência: Helena da Conceição Gonçalves. (Primeiro semestre 2010)
46. Iniciação à Docência: Luana de Almeida Agualuza. (Primeiro semestre 2010)
47. Iniciação à Docência: Luana Franco Rocha. (Primeiro semestre 2010)
48. Iniciação à Docência: Mariana Vieira Gomes Pereira. (Primeiro semestre 2010)
49. Iniciação à Docência: Priscilla Moraes Freire de Souza Pavão (primeiro semestre 2010)
50. Iniciação à Docência: Vera Lucia Ferreira Tomaz (primeiro semestre 2010)
51. Iniciação à Docência: Bruna Carla Muniz Cajé (segundo semestre 2010)
52. Iniciação à Docência: Francine de Sousa Almeida (segundo semestre 2010)
53. Iniciação à Docência: Luana Franco Rocha. (Segundo semestre 2010)
54. Iniciação à Docência: Maria Alcântara (segundo semestre 2010)
55. Iniciação à Docência: Priscilla Moraes Freire de Souza Pavão (segundo semestre 2010)
56. Iniciação à Docência: Suzana Darlen dos Santos (segundo semestre 2010)
57. Iniciação à Docência: Vera Lucia Ferreira Tomaz (segundo semestre 2010).
58. Iniciação à Docência: Veronica Martins da Corte Rocha (segundo semestre 2010).

5. ATIVIDADES DE EXTENSÃO

Uma de minhas realizações mais significativas e gratificantes na universidade se refere à minha atuação no PROLEM (Programa de Línguas Estrangeiras da UFF). Convidada por um colega, Prof. Dr. Fernando Almeida, que se ausentaria do país para fazer pós-doutorado na França, assumi a coordenação de francês junto a esse programa de extensão, substituindo-o nessa função. Para surpresa de alguns colegas, que nutriam pelo PROLEM certa atitude de superioridade, até por desconhecerem a importância do mesmo, passei também a ministrar aulas nos cursos regulares e na turma de conversação desse programa. A esta altura de minha vida acadêmica, estava um tanto decepcionada com o desinteresse pelos estudos por parte de algumas turmas de graduação e minha ida para o PROLEM serviu para confirmar a escolha profissional feita há muitas décadas. Ali pude realizar, com liberdade e espírito de equipe, um trabalho de qualidade, fundamentado no respeito e nas efetivas trocas pedagógicas. O perfil do público é dos mais interessantes: estudantes de graduação e pós-graduação da UFF e de outras universidades, pesquisadores, psicólogos, psicanalistas, sociólogos, professores, médicos, colegas da UFF, ex-bolsistas de pós-doutorado ou de doutorado-sandwich em país de língua francesa, entre outros, compõem as turmas do PROLEM.

Fui coordenadora de francês no PROLEM em duas ocasiões: de 1998 a 2000 e de 2011 a 2014. Pude assistir à expansão e ao fortalecimento desse programa de extensão que, a cada ano, ganhou em credibilidade e aceitação, em grande parte, graças à coordenação segura e competente da Profa. Izabel Wilkinson. No que diz respeito ao ensino de francês, assinalaria que, sob minha coordenação, esta língua consolidou sua posição como segundo idioma mais procurado pelo público, o que se deu na gestão do coordenador anterior (Prof. Dr. Fernando Almeida). Isso foi o resultado da ação

pedagógica eficaz da equipe dos docentes de francês, com quem aprendi muito, exercitando minha capacidade de escuta de que tratei no item 2.5.

Minha experiência no PROLEM como coordenadora e professora – papel que continuo a desempenhar – contribuiu para meu trânsito pelos três eixos centrais da universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão. Não raro exploro, em turmas de Conversação e Práticas da língua oral e escrita, filmes e obras literárias que fazem parte da bibliografia de minhas pesquisas e de meus cursos de graduação e pós-graduação. Ou seja, para mim, tais eixos não constituem blocos estanques, incomunicáveis. É evidente que a abordagem do literário se adapta ao perfil dos cursos, mas frequentemente na minha turma de Conversação – no interior da qual há professoras formadas em Letras - encontro uma escuta mais apurada e disponível do que a de estudantes de Português-Francês.

Um dos pontos fortes de minha atividade profissional no PROLEM diz respeito ao projeto “Primeiras vivências na prática de ensino de língua estrangeira: francês”. Marcado pelo comprometimento social, esse projeto pretendeu favorecer a salutar e necessária relação entre a universidade pública e a comunidade em que ela se situa. Criado inicialmente na área de inglês do PROLEM, pela Profa. Izabel Wilkinson, tal iniciativa foi incorporada por mim no setor de francês. Atualizando os vínculos produtivos entre o ensino e a extensão, o mesmo projeto colaborou para uma efetiva prática de trocas entre instâncias da UFF. Transcorrido certo tempo da implantação deste projeto, o PROLEM e o Núcleo de Estudos Canadenses da UFF se uniram para fortalecê-lo. Em 2009 e 2010, com a obtenção de bolsas de Prodocência (UFF-CAPES), houve efetiva ampliação do mesmo projeto que foi levado a outras escolas públicas (Colégio Estadual Aurelino Leal, Escola Municipal Paulo de Almeida Campos, Colégio Universitário Geraldo Reis/UFF). Por excesso de trabalho e de orientações, a partir de 2012 tive de optar por reduzir o número de turmas beneficiadas por este projeto que voltou a ser oferecido apenas no âmbito do PROLEM. Em 2015, também em decorrência de excesso de compromissos profissionais, suspendi temporariamente sua realização.

A ideia norteadora de tal proposta se fundamentava também no desejo de acompanhar, de perto, a inserção de estudantes de graduação na prática pedagógica. Exercitando seus primeiros passos no magistério, esses alunos eram responsáveis pelo curso básico de francês que procurava desenvolver no público-alvo – estudantes da

escola pública - as quatro habilidades fundamentais do aprendizado de um idioma estrangeiro (a capacidade de ler, falar, compreender e escrever em situações do dia-a-dia). Apostando em um duplo alunado – o da escola pública e o do Instituto de Letras – esse projeto encarava a prática do magistério como atividade transitiva por excelência, capaz de estabelecer a transmissão de saberes através de gerações, sob minha orientação.

6. OUTRAS ATIVIDADES CIENTÍFICAS E ACADÊMICAS (BANCAS, COMISSÕES, PARECERES, EDITORIA, CONSELHO CONSULTIVO E EDITORIAL)³⁵

Como aparece no Relatório de Atividades, tive oportunidade de participar de bancas de diferentes naturezas. Por motivos óbvios, não incluí no documento citado as que dizem respeito à minha atuação como orientadora, uma vez que tal trabalho estava implícito na lista de orientações concluídas. Minha presença em bancas de Pós-Graduação *Stricto e Lato Sensu*, de ingresso aos cursos de Especialização em Língua Francesa e Literaturas Francófonas, de Mestrado e Doutorado, de Monitoria de Língua Francesa fortaleceu as trocas com meus pares e confirmou meu perfil de professora que atua em diferentes níveis do curso de Letras da UFF. Há algumas décadas, fui convidada também a integrar bancas de preparação e avaliação de exames de ingresso ao Mestrado nas áreas de Matemática e Educação.

Outro aspecto que considero relevante no traçado de minha experiência na UFF concerne à correção de redações no âmbito do vestibular da CESGRANRIO e da UFF, e à preparação e correção de provas de francês da UFF. Tal vivência impediu-me de me isolar da realidade do Ensino Médio, de criar um hiato entre o segundo e o terceiro graus. Durante alguns anos, a convite das professoras doutoras Deila da Conceição Peres e Lygia Trouche, coordenei um grupo de professores responsáveis pela avaliação das provas de redação aplicadas no vestibular da UFF.

Deixei de registrar no Relatório de Atividades, devido à falta de comprovantes, minha participação, em, pelo menos, duas ocasiões, no Prêmio Zilá Bernd, instituído

³⁵ Não pretendo apresentar aqui a listagem de atividades que já consta do Relatório de Atividades (Anexos IV e V). Minha intenção é, antes, fazer uma breve reflexão sobre as mesmas.

pela ABECAN (Associação Brasileira de Estudos Canadenses) para a escolha da melhor monografia, da melhor dissertação de Mestrado e da melhor tese de Doutorado, elaboradas no Brasil, a cada dois anos.

Se não foi frequente, a participação em Colegiados no âmbito do Instituto de Letras – duas vezes no Colegiado de Unidade e uma vez no Colegiado de Curso – se mostrou de utilidade para um melhor conhecimento de nosso instituto. De maior importância, a participação nos colegiados de Pós-Graduação *Lato Sensu* – nos períodos em que coordenei a Especialização em Língua Francesa e Literaturas Francófonas – e *Stricto Sensu* se revelou produtiva. Todavia, deixei de assinalar minha participação junto aos colegiados de Pós-Graduação no Relatório de Atividades. Talvez por esquecimento, talvez por priorizar no meu perfil participações de outra ordem, ligadas diretamente ao ensino, à pesquisa e à extensão.

Realçaria, como trabalhos de relevância no meu percurso profissional, três situações. A primeira corresponde ao convite feito pelo Prof. Dr. Jorge Abrão, em 2007, para integrar, durante quatro anos, o Comitê de Acompanhamento da Assessoria de Assuntos Internacionais. A segunda se refere à minha participação no Comitê Assessor de Pesquisa da PROPP, durante o biênio 1996-1998, que me fez ter contatos com as diversas etapas do processo do PIBIC/UFF e com o Prêmio Vasconcellos Torres. Finalmente, a terceira diz respeito ao convite feito, em 1991, pelo Prof. Dr. Silviano Santiago, para compor, junto com outros colegas, a Comissão de Avaliação de Implementação de Curso de Doutorado em Literatura Comparada na UFF.

Como bolsista de produtividade do CNPq sou convidada, regularmente, a avaliar processos de demandas de bolsas, de pós-doutorado, de participação em eventos no exterior. É também uma forma de estar em sintonia com pesquisas desenvolvidas por colegas de outras instituições. Como parecerista *ad hoc*, atuei junto a periódicos marcados pela seriedade e visibilidade, como a *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* (Universidade de Brasília), *Revista Gragoatá* (Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF) e *Revista Interfaces Brasil-Canadá* (Revista da ABECAN-Associação Brasileira de Estudos Canadenses).

O exercício da atividade de parecerista coincidiu, não raro, com meu papel no âmbito do conselho consultivo de revistas como *Gragoatá* (4 anos), *Interfaces Brasil/Canadá* (7 anos), *Revista Brasileira do Caribe* (2 anos) e do conselho editorial

das revistas *Interfaces Brasil/Canadá* (12 anos) e *Revista Brasileira do Caribe*. O trabalho desenvolvido junto a estas revistas me trouxe resultados frutíferos. A convite da Profa. Dra. Olga Cabrera, historiadora, líder do Grupo de Pesquisa Estudos do Caribe no Brasil e editora da revista do CECAB da Universidade Federal de Goiás, organizei dois números da mesma revista: os volumes IX, nº 17 e VI, nº 12, publicados em 2008 e 2006. Como editora da Revista *Interfaces Brasil/Canadá*, publicação da ABECAN (Associação Brasileira de Estudos Canadenses), lancei os números 12, 13 e 14 deste periódico, classificado como A1 na área de Letras. Além da versão em papel, as revistas citadas se apresentam sob a forma digital.

Outra experiência relativa à organização de um número de revista se deu em 1993, quando reuni artigos de colegas do Instituto de Letras e de fora para compor o número 8 dos *Cadernos de Letras da UFF* (dois volumes). Intitulado Mulher e Literatura, esse número reuniu frutos de reflexões variadas em torno da construção do feminino.

Ainda na esfera de participação em revistas, não poderia deixar de salientar que durante quatro anos, de 2000 a 2003, integrei o Comitê Consultivo do *International Journal of Canadian Studies, Revue Internationale d'études canadiennes*. Revista bilingue e multidisciplinar, reconhecida por sua qualidade, valoriza a pesquisa acadêmica, oferecendo aos canadianistas de todo mundo um espaço para a discussão de questões acadêmicas.

Poderia fazer referência aqui ao meu pouco interesse pelo exercício de cargos administrativos, o que não me impediu de assumir a subchefia do hoje extinto Departamento de Linguística e Filologia, que tinha como chefe a Profa. Dra. Sônia Oliveira Almeida; a coordenação, em duas ocasiões, da Especialização em Língua Francesa e Literaturas Francófonas; e a - felizmente - brevíssima direção *pro-tempore* do Instituto de Letras. Consciente de que meu potencial se manifesta plenamente como professora e pesquisadora, optei por esse caminho no decorrer dos anos.

7. CONTATOS PRODUTIVOS FORA DA UFF: NACIONAIS E INTERNACIONAIS

7.1. O lugar pioneiro da UFF na introdução dos estudos francófonos no Brasil

Na década de oitenta, sensíveis aos possíveis diálogos entre a realidade brasileira e a de países de língua francesa que sofreram o processo colonial, encorajados pela Profa. Dra. Lilian Pestre de Almeida, professores de francês da UFF se voltaram para culturas que nos permitem compreender melhor nossa identidade graças ao contato com a alteridade e com a riqueza da diversidade. Conscientes da necessidade de incluir nos currículos de graduação e pós-graduação da UFF a produção literária de países de língua francesa excluídos dos programas e do meio acadêmico brasileiro, optaram pela criação de duas disciplinas obrigatórias na graduação, centradas nas literaturas francófonas. Dentro do mesmo espírito, foi criado o curso de Especialização de Língua Francesa e Literaturas Francófonas, que prioriza realidades culturais situadas fora da França. Durante muitos anos, o Mestrado em Literaturas Francófonas se orientava a partir desta perspectiva, o que conferiu à UFF um perfil bem delineado e inovador no seio das universidades brasileiras, em parte marcadas por uma perspectiva eurocêntrica e excludente. A própria criação do Doutorado em Literatura Comparada encontrou no Instituto de Letras da UFF um terreno propício para se explorarem os vínculos entre Literatura e vida cultural; Literatura, História e Memória e a questão das construções identitárias, sempre presentes em produções da francofonia.

O fato de ter participado, mesmo como recém-formada, da grande mudança pedagógica e ideológica que, nos anos 80, enriqueceu o curso de Português/Francês, abriu-me novos horizontes, na esfera profissional e privada. Isso incutiu também em mim o sentido da responsabilidade para garantir a continuidade e a renovação dos estudos francófonos cuja importância se faz cada vez mais presente em nosso meio acadêmico. E, mesmo se hoje, autores do porte de Patrick Chamoiseau, Édouard Glissant, Nancy Huston, Amin Maalouf, Dany Laferrière, entre outros, defendem o fim da ideia de francofonia – considerada como um último avatar do colonialismo– e o reconhecimento de uma literatura-mundo em francês, continuo a reconhecer a relevância dos estudos francófonos, encarados como lugar de trocas inacabadas e frutíferas, espaço da diversidade cultural por excelência. E é a partir dessa certeza que construí um perfil profissional coerente e minha diferença, ao lado de alguns pares, no interior da universidade brasileira.

7.2. A Coordenação do Núcleo de Estudos Canadenses da UFF

Antes mesmo da criação do Núcleo de Estudos Canadenses na UFF, em 1991, o Canadá já se fazia presente no cotidiano acadêmico do Instituto de Letras. Em 1983, defendi, na UFRJ, a primeira tese brasileira sobre a literatura produzida no Canadá e, mais particularmente, no Quebec. No ano seguinte, fui credenciada para a Pós-Graduação *Stricto Sensu*, e meu primeiro curso foi centrado no Quebec. Logo, há mais de trinta anos ofereço cursos centrados em autores e/ou temáticas quebequenses, o que corrobora meu efetivo envolvimento com esta literatura. Como já foi dito, antes de mim, os estudos francófonos foram trazidos para os currículos de graduação e de Pós-Graduação *Stricto e Lato sensu* pela Profa Dra. Lilian Pestre de Almeida, responsável pela assinatura de convênios entre a UFF e as universidades Laval e UQAM (Universidade do Quebec em Montreal).

Reconhecido pela qualidade e a regularidade de sua produção acadêmica, o NEC/UFF sempre valorizou a reflexão crítica sobre a diversidade canadense e, em especial, a produção literária de língua francesa. Mesmo não tendo assumido a coordenação do NEC/UFF nos primeiros anos de sua existência, estive sempre ligada a ele pela importância que o Quebec assumiu nos meus estudos.

Preocupada em assegurar a continuidade dos estudos canadenses através da formação de novas gerações de canadianistas, como coordenadora do NEC UFF, sempre encorajei o desenvolvimento de pesquisas por parte dos alunos, desde a graduação. Assim, pesquisadores da literatura canadense, que hoje atuam em instituições de renome, se engajaram nessa área do conhecimento no âmbito do Núcleo de Estudos Canadenses, cuja tradição como centro acadêmico de qualidade é reconhecida no Brasil e no exterior.

Graças ao apoio da ABECAN - Associação Brasileira de Estudos Canadenses –, da AIEQ – Associação Internacional de Estudos Quebequenses –, da Embaixada do Canadá, do CIEC (Conseil International d'Études Canadiennes), do MAECI (Ministère des Affaires Étrangères et du Commerce du Canada), do Ministério das Relações Internacionais do Quebec, da Pós-Graduação em Letras da UFF e da PROPPI, organizei conferências, mesas-redondas, colóquios dos quais participaram pesquisadores de renome internacional como Régine Robin, Robert Dion, Gérard Bouchard, Annie Brisset, Wladimir Kryszynski, entre outros.

Além disto, em sintonia com a Profa.Dra. Eurídice Figueiredo, responsável pelo convênio da UFF com a UQAM (Université du Québec à Montréal) e durante alguns anos Coordenadora da Pós-Graduação em Letras, foi possível assegurar a vinda de nomes de peso como Bernard Andrès, Jean-François Chassay, Élène Cliche, André Carpentier, Barbara Havercroft, Pierre Nepveu, Simon Harel, Bertrand Gervais, Dominique Garand, Max Roy que ofereceram mini-cursos a estudantes da pós-graduação.

No decorrer dos anos, fortaleceu-se o espírito de colaboração estabelecido entre os diferentes núcleos de estudos canadenses distribuídos em diversas universidades brasileiras e associados à ABECAN. Daí resultaram publicações coletivas organizadas pelos NEC/UFF, NEC/FURG, NEC/UFRGS, NEC/UFGM, Como coordenadora do NEC/UFF, organizei os livros: *Fronteiras, passagens, paisagens na literatura canadense* (2000); *Identidades em trânsito* (2004); *Figurações da alteridade* (em colaboração com FIGUEIREDO, Eurídice. 2007); e *Habitar e representar a distância em textos literários canadenses e brasileiros* (em colaboração com VIANNA NETO, Arnaldo. 2012). Nestas obras há a participação de canadianistas reconhecidos, vinculados a instituições brasileiras e canadenses. Convidados pelas professoras doutoras Zilá Bernd e Nubia Hanciau, pesquisadores do NEC/UFF fizeram traduções de artigos de canadianistas

francófonos, publicados no interior de livros como *Quebec: Estado e sociedade* (ALAIN, Gagnon; BERND, Zilá. org.); *A América francesa: introdução à cultura quebequense* (BÉLANGER, Alain; HANCIAU, Nubia e DION, Sylvie. org.), *A voz da crítica canadense no feminino* (HANCIAU, Nubia. org.). Obras coletivas organizadas no âmbito de universidades de prestígio contaram com a colaboração de professores e pesquisadores vinculados ao NEC/UFF. Coube-me, como coordenadora, facilitar as trocas acadêmicas entre a UFF e representantes de peso de outras instituições, como Zilá Bernd, Nubia Hanciau e Sandra Regina Goulart Almeida, com quem estabeleci uma relação de parceria, confiança e respeito. Poderiam ser citados aqui: *Brasil/Canadá: visões, paisagens e perspectivas do Ártico ao Antártico* (HANCIAU, Nubia. org.) *Dicionário de Mitos e Figuras das Américas* (BERND, Zilá.org.), *Interseções: Diálogos com a literatura e a linguística aplicada no Canadá* (ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Org.), *Perspectivas transnacionais*. (ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. dir.), *Brasil-Canadá: olhares diversos* (DINIZ, Dilma Castello Branco et alii. org.) *Migrações Teóricas, interlocuções culturais: estudos comparados Brasil/Canadá* (ALMEIDA, Sandra Regina Goulart Almeida et alii. org.), *Dicionário das mobilidades culturais* (BERND, Zilá. org.).

Os projetos desenvolvidos no NEC/UFF estão frequentemente ligados ao Grupo de Pesquisa "Identidades em trânsito: estéticas transnacionais", criado e coordenado por mim, e cadastrado junto ao CNPq. Em parceria com outro Grupo de Pesquisa, "Relações literárias interamericanas", coordenado pela Profa. Dra. Eurídice Figueiredo e com o GT da ANPOLL do mesmo nome, coordenado pela Profa. Dra. Silvina Carrizo (Universidade Federal de Juiz de Fora), foi realizado no Instituto de Letras da UFF o Colóquio Internacional Relações Literárias Interamericanas sobre Território e Cultura, em novembro de 2007. Ele reuniu professores e pesquisadores de instituições brasileiras e internacionais: Simon Harel e Pierre Ouellet (UQAM), Janet Paterson (Universidade de Toronto), Christopher Rolfe (Universidade Leicester); Eurídice Figueiredo, Maria Bernadette Porto, Sonia Torres (UFF), Zilá Bernd (UFRGS), Elena Palmero González (FURG), Stelamaris Coser (UFES) e Ana Beatriz Gonçalves (UFJF). Em 2008, o Colóquio Québec-Brasil: Réinventer les Amériques celebrou, em outubro de 2008, na UQAM (Universidade do Quebec em Montreal) os 25 anos de convênio da UQAM com diferentes universidades brasileiras e teve participação de professores da UFF (além de mim, a Profa. Dra Eurídice Figueiredo), da UFRGS, da FURG, da UFBA, da UNEB.

Por ocasião das comemorações dos vinte anos de existência do NEC/UFF, buscando apoio financeiro, um projeto assinado por mim e pelo Prof. Dr. Arnaldo Vianna Neto foi endereçado ao MAECI (Ministère des Affaires Étrangères et du Commerce du Canada). Intitulado "20 anos de Estudos Canadenses na UFF: consolidação de práticas e novas perspectivas", tal projeto privilegiou temáticas já exploradas em pesquisas realizadas no Instituto de Letras da UFF, capazes de abrir outras perspectivas no interior dos estudos no campo da Literatura Comparada. Graças ao apoio obtido junto ao MAECI e à PROPPI, através do Edital de Fluxo Contínuo, em 2011 foi realizado no Instituto de Letras da UFF o Colóquio Habitar e representar adistância em textos literários canadenses e brasileiros. Inspirado em meu projeto de pesquisa desenvolvido na época, esse evento reuniu especialistas das literaturas quebequense, brasileira, canadense e literatura comparada, como Élène Cliche (UQAM), Arnaldo Vianna Neto, Eurídice Figueiredo, Stefania Chiarelli (UFF), Nubia Hanciau e Eloína Prati dos Santos (FURG), Sandra Regina Goulart Almeida e Maria Zilda Cury (UFMG), Ivette Walty (PUC- Minas Gerais), Renato Venâncio Henriques de Sousa e Maria Cristina Batalha (UERJ), e as então doutorandas Vanessa Massoni da Rocha e Maria Daura Bittencourt Macedo Rocha. Minha participação nesse evento como idealizadora, organizadora e conferencista foi uma experiência enriquecedora. Em 2012, foi publicado um livro coletivo que reuniu textos desse evento. Na avaliação da CAPES, essa obra recebeu a classificação L4.

Como coordenadora de um centro acadêmico que privilegia a pesquisa, a divulgação e consolidação dos estudos canadenses, e a orientação de futuros canadianistas, sempre incrementei, além dos projetos financiados pelo CNPq, outros que asseguraram a obtenção de recursos e de bolsistas de Treinamento e de Desenvolvimento Acadêmico. Passo a apresentar um breve perfil dos mesmos:

a) Projeto desenvolvido para obtenção de Bolsistas de Treinamento

Título: "A produção e a expansão do conhecimento no Núcleo de Estudos Canadenses da UFF" (encerrado)

Descrição

Trata-se de um projeto voltado em especial para a prática pedagógica, cujo principal objetivo era fornecer apoio a professores através do empréstimo de material fílmico e de

CDs e DVDs do NEC-UFF. Para o desenvolvimento de tal projeto, o Departamento de Assuntos Comunitários da UFF designou Bolsistas de Treinamento vinculados ao curso de Letras Português/Francês. Alunos e professores da UFF e da rede particular também procuraram o NEC-UFF para aí encontrar rico material que enriquece o processo de ensino-aprendizagem da língua francesa e o estudo da produção literária de língua francesa no Canadá.

Palavras-chave: ensino; pesquisa; Canadá

b) Projeto de Ensino apresentado à PROAES/UFF para obtenção de Bolsistas de Desenvolvimento Acadêmico

Título: “Relendo a biblioteca de Babel na era do hipertexto”(em vigência)

Descrição:

Reflexões sobre a biblioteca, lugar de memória e de renovação de saberes, levam os bolsistas a apreender interfaces entre duas áreas do conhecimento – Literatura e Biblioteconomia - responsáveis pela formação de profissionais imbuídos do valor ético da função educativa. Trata-se de lhes fornecer subsídios a partir da releitura da dimensão mítica das bibliotecas de Babel e de Alexandria. A segunda ilustra a finitude e a fragilidade dos escritos, sempre passíveis de serem destruídos como salientam Steiner e Crépu (2007). Quanto à primeira, consagrada por Borges (1999), reveste-se de um caráter paradoxal, sugerindo as tensões entre totalidade e inacabamento (ZUMTHOR, BOST, DERRIDA), entre possibilidades infinitas e a impossibilidade de se catalogar e de se ordenar o saber universal. Os estudantes são levados a desenvolver reflexões sobre as relações entre a biblioteca – espaço de múltiplas possibilidades – e o hipertexto na era contemporânea.

Palavras-chave: biblioteca; Babel; hipertexto

c) Projeto de atividades acadêmicas por ocasião dos 20 anos de existência do NEC/UFF

Título: “Vinte anos do Núcleo de Estudos Canadenses da UFF: consolidação de práticas e novas perspectivas”

Descrição:

Elaboração e execução, em parceria com o Prof. Dr. Arnaldo Rosa Vianna Neto (UFF), de Projeto de Atividades Acadêmicas. Através de processo seletivo, este projeto contou com o apoio do MAECI, sob a forma de Bolsa do Programa de Ajuda ao Desenvolvimento de Estudos Canadenses da Embaixada do Canadá. Dentre as atividades acadêmicas realizadas para o desenvolvimento do referido projeto, caberia ser ressaltada a organização do Colóquio Internacional "Habitar e representar a distância em textos literários canadenses e brasileiros" e de livro com o mesmo título que publicou reflexões apresentadas ao longo do referido evento.

Órgãos Financiador (es): MAECI (Canadá) e PROPPI (através do Edital FOPESQ)

Palavras-chave: estudos canadenses; literatura; distância habitada

A produção das atividades desenvolvidas por canadianistas vinculados ao NEC/UFF é registrada, a cada ano, em relatórios redigidos por mim como coordenadora, encaminhados à ABECAN, aos demais NECs distribuídos no Brasil, e a instâncias da UFF. Todavia, como não há um documento formal de sua aprovação, eles não foram citados nem pontuados anteriormente.

8. PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Coordenação de mesas-redondas e de sessões de comunicações
1. Participação na Coordenação da sessão de comunicação intitulada: Pratiques d'oraliture dans les littératures francophones, no XIXº Congresso Brasileiro dos Professores de Francês, realizado na Aliança Francesa de Niterói e no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, no período de 16 a 20 de setembro de 2013.
2. Participação, na VII Mostra de Iniciação à Docência na Educação Básica, como orientadora de trabalhos, realizada na Universidade Federal Fluminense nos dias 20 e 22 de outubro de 2009, no âmbito da Agenda Acadêmica.
3. Participação no 15º Seminário de Iniciação Científica e Prêmio UFF Vasconcellos Torres de Ciência e Tecnologia, como orientadora do trabalho da aluna Vanessa Massoni da Rocha, intitulado Palhaço: estrangeiro de si mesmo, realizado no período de 07 a 11 de novembro de 2005.
4. Participação na Coordenação da mesa redonda “Écritures francophones/Escritas francófonas”, no Congresso Relações literárias internacionais: lusofonia e francofonia, realizado no período de 18 a 20 de julho de 2007.
5. Participação na Coordenação da sessão de comunicação intitulada: O corpo feminino no espaço midiático, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura / II Seminário Internacional Mulher e Literatura “Entre o estético e o político: a questão da mulher na literatura”, no GT da ANPOLL, promovido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no período de 02 a 05 de agosto de 2005.
6. Participação no 14º Seminário de Iniciação Científica e Prêmio Vasconcellos Torres de Ciência e Tecnologia, como orientadora do trabalho da aluna Vanessa Massoni da Rocha, intitulado A descoberta da América no imaginário das migrações, realizado no período de 08 a 12 de novembro de 2004.
7. Participação, como coordenadora da mesa-redonda 21 – Identidades e Diversidade Cultural: Literatura do Quebec, no VII Congresso Internacional da ABECAN e I

Congresso Latino-Americano de Estudos Canadenses, realizado no Campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, no período de 11 a 14 de novembro de 2003.
8. Participação no 11º Seminário de Iniciação Científica e Prêmio UFF Vasconcellos Torres de Ciência e Tecnologia, como orientadora do trabalho intitulado: Nas Searas de Babel: Primeiras pistas, realizado no período de 26 a 30 de novembro de 2001.
9. Participação, como Coordenadora da mesa-redonda intitulada: O imaginário do Outro, durante o Colóquio Americanidade compartilhada, organizado pela Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense e o Núcleo de Estudos Canadenses da UFF, realizada no dia 9 de novembro de 2000.
10. Participação, como Coordenadora da Sessão de Comunicação Trânsitos entre culturas e identidades, no VII Congresso da ABRALIC – Terras & Gentes, realizado na Universidade Federal da Bahia, no período de 25 a 28 de julho de 2000.
11. Participação no VI Seminário de Iniciação Científica da Universidade Federal Fluminense, como orientadora do trabalho da aluna: Gileade Pereira de Godói, intitulado: Feiticeiras da inquisição: Discursos (re)significados, realizado no período de 21 a 25 de outubro de 1996.
12. Participação, na qualidade de coordenadora de Sessão de Comunicação, no V Congresso da ASSEL – Rio, realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, no período de 18 a 20 de outubro de 1995.
13. Participação, na qualidade de coordenadora de Sessão de Comunicação, na III Jornada de Letras da Universidade Federal Fluminense realizada no período de 08 a 10 de novembro de 1994.
14. Participação, na qualidade de Coordenadora e Conferencista, no 3º Congresso da ABRALIC, realizado na Universidade Federal Fluminense, no período de 10 a 12 de agosto de 1992.
15. Participação das sessões plenárias e dos trabalhos de Grupo do III Congresso Nacional dos Professores Universitários de Francês, organizado pela Associação Brasileira dos Professores Universitários de Francês, realizado no Rio de Janeiro, no período de 18 a 22 de julho de 1977.

Participação em entrevistas, mesas redondas, programas e comentários na mídia

1. Participação, como conferencista, no Congresso das Américas sobre Educação Internacional (CAEI), realizado no período de 25 a 28 de abril de 2012. Rio de Janeiro.
2. Participação, na qualidade de Conferencista, do Ciclo de Conferências das Nove Horas. “O mundo é parente: etnias, identidades culturais e migrações”, realizado na UNIRIO, no período de 07 a 09 de junho de 2003.
3. Participação do painel intitulado “Grupo Internacional de Pesquisa: Transculturalisms / Transferts Culturels”, no VI Congresso Internacional de Estudos Canadenses – Transculturalismos, realizado em Porto Alegre, no período de 11 a 14 de novembro de 2001.
4. Participação, como comunicadora, no IV Seminário Nacional Mulher & Literatura, realizado no período de 26 a 28 de agosto, no Instituto de Letras da UFF e no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ. 1991.
5. Participação, como conferencista, no ciclo de palestras “Léon Damas”, realizado na Aliança Francesa do Rio de Janeiro – Centro, no período de 02 a 23 de junho de 1988.
6. Participação, como conferencista, no ciclo de palestras “Les Litteratures

Francophones par les textes”, realizado na Aliança Francesa do Rio de Janeiro – Centro, no período de 29 de outubro a 26 de novembro de 1987.
7. Participação, como palestrante, do Seminário A Presença da África Francófona na América, realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, no período de 20 a 24 de maio de 1985.
8. Participação no II Encontro sobre Estágio, realizado na Universidade Federal Fluminense, no dia 27 de setembro de 1984.
9. Participação, na qualidade de mediadora na mesa IV, no II Seminário Nacional “Poéticas da Memória”, organizado pelo GT/ANPOLL Relações Literárias Interamericanas e o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, nos dias 29 e 30 de agosto de 2013.
10. Participação, como mediadora da Mesa Le travail de l’écriture et le parcours personnel de l’écrivaine Monique Proulx, no VIII Congresso da ABECAN, no período de 9 a 12 de novembro de 2005.
11. Participação, na qualidade de expositora da Mesa Redonda “As literaturas pós-coloniais”, no I Seminário de Pós-Graduação em Letras da UFF, realizado no período de 07 a 09 de maio de 1997.
12. Participação, na qualidade de integrante da Mesa-Redonda “Literaturas emergentes”, no IV Congresso da ASSEL – Rio, realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense no período de 26 a 28 de setembro de 1994.
13. Participação, como integrante da Mesa-Redonda “O ensino de línguas e de literaturas estrangeiras a nível universitário no Brasil”, no II Encontro de Professores de Língua Inglesa da UFF, realizado no Instituto de Letras da UFF, no dia 23 de maio de 1990.

Apresentação de trabalhos em Congressos, Seminários, etc em Evento Internacional
1. Apresentação de comunicação intitulada: Signes corporels em circulation dans la cartographie du lointain, no Colloque “Errances et dérives” de l’Université Lumière Lyon 2, França, de 16 a 18 de outubro de 2014.
2. Apresentação de comunicação intitulada: <i>Habiter la mémoire des frontières dans les cartographies de la distance au Canada</i> , no 41º Colloque Annuel International de L’AFEC “Mémoire(s) canadienne(s), organisé par le Centre d’Études Canadiennes de l’Université Rennes 2 – Haute Bretagne, realizado no dia 14 de junho de 2013.
3. Apresentação de comunicação intitulada: <i>Représentations de l’imaginaire de la distance dans des textes littéraires québécois et brésiliens</i> , no 80º Congrès de l’ACFAS. Colloque Lieux de précarité et oubli: confluences Brésil/Canada. Montréal, realizada no dia 8 de maio de 2012.
4. Apresentação de comunicação intitulada: Imaginaires des lieux: notes et pistes de recherche sur des textes brésiliens et québécois, no Colloque International Entre Le Québec et Le Brésil Réinventer les Amériques, realizado em Montréal, de 14 a 16 outubro de 2008.
5. Apresentação de comunicação intitulada: Les langues et cultures en mouvement dans le paysage transculturel de Montréal: pistes d’exploitation u livre <i>Les Aurores montréalaises</i> de Monique Proulx, no XII Congrès Mondial FIPF – Québec, 2008, de 21 a 25 de julho de 2008.
6. Apresentação de comunicação intitulada Régine Robin e Sophie Calle: passagens,

<p>conexões e mediações, no X Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Canadenses – ABECAN, realizado no Centro de Cultura e Eventos da Universidade Federal de Goiás, Campus Samambaia – Goiânia, no período de 17 a 20 de novembro de 2009.</p>
<p>7. Apresentação de trabalho intitulado: A reinvenção da biblioteca: citação, palimpsesto e “braconagem” em práticas de leitura e de escrita no romance <i>La traduction est une histoire d’amour</i> de Jacques Poulin, no IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Canadenses – ABECAN, realizado no Campus Universitário de Ondina da Universidade Federal da Bahia, Salvador, no período de 11 a 14 de novembro de 2007.</p>
<p>8. Apresentação de comunicação intitulada: Uma voz da diáspora haitiana na literatura migrante do Quebec, no IV Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil: Migrações e processos identitários, realizado na Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, no período de 27 a 30 de setembro de 2006.</p>
<p>9. Apresentação de comunicação intitulada: Para uma leitura de aspectos de paratopia na poética das migrações, no X Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC, realizado no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no período de 31 de julho a 04 de agosto de 2006.</p>
<p>10. Apresentação de comunicação intitulada: Habitabilidade e cartografias do virtual no universo de Régine Robin, no VIII Congresso Internacional da ABECAN, realizado na Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Gramado – RS, no período de 09 a 12 de novembro de 2005.</p>
<p>11. Apresentação de trabalho intitulado: Espacialidades do feminino, em sessão de comunicação, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura / II Seminário Internacional Mulher e Literatura “Entre o estético e o político: a questão da mulher na literatura”, GT da ANPOLL, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no período de 02 a 05 de agosto de 2005.</p>
<p>12. Apresentação de trabalho intitulado: Poética dos restos e reciclagem cultural em produções antilhanas, no III Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil: Culturas Híbridas no Atlântico: relações África-Ásia-Caribe, realizado na Universidade Federal de Goiás – Goiânia, no período de 20 a 24 de outubro de 2004.</p>
<p>13. Apresentação de comunicação intitulada: Lieux de la mémoire et de l’oubli dans des textes migrants, no VII Congresso Internacional da ABECAN e I Congresso Latino-Americano de Estudos Canadenses, realizado no Campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, no período de 11 a 14 de novembro de 2003.</p>
<p>14. Apresentação de trabalho intitulado: Metáforas identitárias das migrações, no VIII Congresso Internacional ABRALIC 2002 – Mediações, realizado no Campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no período de 23 a 26 de julho de 2002.</p>
<p>15. Apresentação de comunicação intitulada: Mutações no feminino: inacabamento, clonagens e reciclagens, no VI Congresso Internacional de Estudos Canadenses – Transculturalismos, realizado em Porto Alegre, no período de 11 a 14 de novembro de 2001.</p>
<p>16. Apresentação de trabalho intitulado: Babel inachevée et le processus d’élaborations identitaires en Amérique, no 12^{ème} Congrès Latino-Américain de professeurs et chercheurs de français langue étrangère, SEDIFRALE XII, realizado no Rio de Janeiro, no período de 03 a 07 de junho de 2001.</p>

17. Apresentação de palestra intitulada: Babel em Trânsito: Identidades e Memórias, no V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Canadenses – ABECAN, sob o tema “Brasil-Canadá no terceiro milênio”, com o apoio do Governo do Canadá, realizado na Universidade do Estado da Bahia, Salvador, no período de 07 a 10 de novembro de 1999.

18. Apresentação de comunicação intitulada: Revisitando Cartografias Lingüísticas e Identitárias: Travessias no/do Francês nas Américas, no IV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Canadenses, realizado em Uberlândia, no dia 14 de novembro de 1997.

Apresentação de trabalhos em Congressos, Seminários, etc, em Evento Nacional

1. Apresentação de palestra intitulada: Mobilités Culturelles – Visions Interdisciplinaires, no Programa EICOS – Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, realizado no dia 12 de setembro de 2014.

2. Apresentação de trabalho intitulado: Représentations de l’imaginaire de la distance dans des textes littéraires québécois et brésiliens, no IV Simpósio de Pós-Graduação Lato Sensu em Letras da Universidade Federal Fluminense, realizado no período de 16 a 18 de outubro de 2013.

3. Apresentação de comunicação intitulada: La scène de l’oralité et la performance du corps dans le roman *Tambour-Babel*, d’Ernest Pépin, na Mesa Redonda Pratiques d’oralité et d’oraliture dans les littératures francophones do XIXº Congresso Brasileiro de Professores de Francês, realizado na Aliança Francesa de Niterói e no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, no período de 16 a 20 de setembro de 2013.

4. Apresentação de palestra intitulada: La réinvention de l’épistolaire comme parole nomade dans des textes littéraires québécois, no minicurso intitulado Littérature Francophone do XIXº Congresso Brasileiro de Professores de Francês, realizado na Aliança Francesa de Niterói e no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, no período de 16 a 20 de setembro de 2013.

5. Apresentação de trabalho intitulado: Memória e corpo, no II Seminário Nacional “Poéticas da Memória”, organizado pelo GT/ANPOLL Relações Literárias Interamericanas e o Programa de Pós-Graduação em Letras/UFES, realizado no Campus da Universidade Federal do Espírito Santo, nos dias 29 e 30 de agosto de 2013.

6. Apresentação de trabalho intitulado: O lugar da memória nas cartografias da distância nas Américas, na qualidade de membro do GT “Relações Literárias Interamericanas, no XXVII Encontro Nacional da ANPOLL “Pensar e Produzir Inovação em Letras e Lingüística, realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, no período de 10 a 13 de julho de 2013.

7. Apresentação de trabalho intitulado: Escritas do exílio: habitar e representar a distância, no Colóquio Habitar e Representar a distância em Textos Literários Canadenses e Brasileiros, realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, no período de 1 a 3 de junho de 2011.

8. Apresentação de palestra intitulada: A circulação da palavra da alteridade e a construção da cena da enunciação em textos marcados pela experiência do lugar, no Colóquio Interuniversitário “Identidades Fora de Foco” – Migrações, Espaços,

Territórios, realizado no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no período de 16 a 18 de julho de 2009.
9. Apresentação de palestra intitulada: Representações imaginárias do lugar: práticas, invenções e apropriações, no Colóquio Relações Literárias II: interseções e fricções entre fonias, realizado no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no período de 24 a 26 de setembro de 2008.
10. Apresentação de trabalho intitulado: Imaginários do lugar: notas e pistas de pesquisas, no XXIII Encontro Nacional da Anpoll, “Produção do Conhecimento em Letras e Linguística: Identidade, impacto e visibilidade”, realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, na qualidade de membro do GT “Relações Literárias Interamericanas”, no período de 1 a 4 de julho de 2008.
11. Apresentação de conferência intitulada: “Lieux de la parole et de l’identité créole dans l’oeuvre d’Ernest Pépin: pour une poétique du devenir”, realizado no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, no período de 18 a 20 de julho de 2007.
12. Apresentação de trabalho intitulado: Montreal: a cidade-texto e o texto-cidade na obra <i>Les aurores montréalaises</i> de Monique Proulx, no VI Seminário Brasil-Canadá de Estudos Comparados: Pós-colonialismo e globalização: culturas e desenvolvimento, realizado na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), no período de 13 a 15 de junho de 2007.
13. Apresentação de conferência intitulada: A escrita e a representação do outro, no 1º Seminário sobre Leitura e Escrita – Avaliação da Redação no Vestibular da UFF, realizado na Universidade Federal Fluminense, no período de 4 a 6 de outubro de 2006.
14. Apresentação de trabalho intitulado: Revisitando metáforas na poética das migrações, na modalidade Comunicação Coordenada, no XIII Congresso da ASSEL-Rio “Linguagens para o terceiro milênio”, realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), no período de 24 a 27 de outubro de 2005.
15. Apresentação de trabalho intitulado: A poética da habitabilidade e da hospitalidade no universo de Anne Hébert, na mesa-redonda Presença da mulher feiticeira na literatura: alguns percursos, no IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia, realizado no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no período de 22 a 26 de agosto de 2005.
16. Apresentação de comunicação intitulada: Pátrias imaginárias na poética das migrações, no Seminário Identidades em Trânsito, realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), no dia 03 de dezembro de 2004.
17. Apresentação de comunicação intitulada: Poéticas da exigüidade e da errância nas Américas, no I Seminário Relações Literárias Interamericanas, realizado no Instituto de Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), nos dias 03 e 04 de outubro de 2005.
18. Apresentação de palestra intitulada: Trânsitos e lugares da extraterritorialidade na poética das migrações, no III Seminário Brasil-Canadá de Estudos Comparativistas: compartilhando experiências, e do III Seminário da Francofonia: Haiti, 200 anos de distopia, diásporas e utopias de uma nação americana, realizado na Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, no período de 11 a 14 de julho de 2004.
19. Apresentação de palestra intitulada: Histórias de exílio no feminino, no III Seminário Brasil-Canadá de Estudos Comparativistas: compartilhando experiências, e do III Seminário da Francofonia: Haiti, 200 anos de distopia, diásporas e utopias de uma nação americana, realizado na Universidade Estadual de Feira de Santana, no período de 11 a 14 de julho de 2004.

20. Apresentação de palestra intitulada: Relatos de experiências: Os Núcleos de Estudos Canadenses no Brasil, no III Seminário Brasil-Canadá de Estudos Comparativistas e no III Seminário da Francofonia: Haiti, 200 anos de distopia, diásporas e utopias de uma nação americana, realizado na Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, no período de 11 a 14 de julho de 2004.
21. Apresentação de comunicação intitulada: Práticas das migrações e dos deslocamentos na poética do cotidiano, no XII Congresso da ASSEL-Rio “Linguagens: modos de dizer, modos de fazer”, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, no período de 17 a 19 de novembro de 2003.
22. Apresentação de trabalho intitulado: Reinvenções identitárias nas Américas: artes de fazer e de dizer como práticas de errância, no XII Congresso da ASSEL-Rio “Linguagens: modos de dizer, modos de fazer”, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, no período de 17 a 19 de novembro de 2003.
23. Apresentação de palestra intitulada: Revisitando Babel: Reflexões sobre a(s) Língua(s) na Contemporaneidade, no II Seminário Integrado de Letras, realizado na Universidade Estácio de Sá (UNESA), realizada no dia 05 de outubro de 2001.
24. Apresentação de trabalho, em Sessão de Comunicação, intitulado: Reciclagens identitárias na cartografia transcultural das Américas, no VII Congresso da ABRALIC 2000 – Terras & Gentes, realizado na Universidade Federal da Bahia, no período de 25 a 28 de julho de 2000.
25. Apresentação de trabalho intitulado: Babel revisitada: a construção de uma poética das línguas nas Américas, no XV Encontro Nacional da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística), realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, no período de 04 a 07 de junho de 2000.
26. Apresentação de trabalho intitulado: Identidade e construção discursiva no contexto quebequense, no III Encontro Franco-Brasileiro de Análise do Discurso – Análise do Discurso e Ensino de Língua Materna, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no período de 13 a 15 de outubro de 1999.
27. Apresentação de trabalho intitulado: Imagens da Feiticeira na Literatura Contemporânea. Clarice Lispector, Anne Hébert e Marise Condé, no Seminário A Mulher na Literatura, realizado no Espaço Cultural FINEP, no dia 19 de agosto de 1998.
28. Apresentação de comunicação intitulada: Memórias sem fronteiras: a inscrição da palavra do imigrante no espaço americano, no VI Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC, “Literatura Comparada = Estudos Culturais?”, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, no período de 18 a 22 de agosto de 1998.
29. Apresentação de comunicação intitulada: Em busca do país natal: Diálogo entre o Brasil e o Canadá Francês, no I Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no período de 01 a 04 de junho de 1998.
30. Apresentação de trabalho intitulado: Criatividade e cotidiano em literaturas “periféricas”: táticas, astúcia e estratégias de (des)apropriação em textos quebequenses, acadianos e antilhanos, no VII Congresso da ASSEL-Rio, realizado no Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no período de 28 a 31 de outubro de 1997.
31. Apresentação de trabalho intitulado: Territórios do feminino, no Workshop Um Balanço dos Estudos sobre Mulher na UFF, realizado na Universidade Federal Fluminense, no dia 29 de abril de 1997.
32. Apresentação de trabalho intitulado: A representação do cotidiano com invenção

em Literaturas periféricas, na V Jornada de Letras da Universidade Federal Fluminense, realizada no período de 05 a 08 de novembro de 1996.
33. Apresentação de trabalho intitulado: Sedução e diabolía no cotidiano feminino nas Américas, no XI Encontro Nacional da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), realizado em João Pessoa – PB, no período 02 a 06 de junho de 1996.
34. Apresentação de comunicação intitulada: A língua como espaço da memória: travessia e identidade no Québec, no V Congresso da ASSEL-Rio, realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), no período de 18 a 20 de outubro de 1995.
35. Apresentação de trabalho intitulado: Gabrielle Roy: aprendizagens e vivências da alteridade, no Círculo de Leitura “O Canadá Multicultural” da Casa da Leitura, Rio de Janeiro, no dia 17 de setembro de 1995.
36. Apresentação de trabalho intitulado: Fazendo o gênero diabólico: <i>Les enfants du sabbat</i> (Anne Hébert) e Onde estiveste de noite (Clarice Lispector), no VI Seminário Nacional Mulher e Literatura, realizado pelo NIELM, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no período de 11 a 13 de setembro de 1995.
37. Apresentação de trabalho intitulado: Algumas faces da prática pedagógica em países colonizados: sobre a (im)possível felicidade nas escolas, na III Jornada de Letras da Universidade Federal Fluminense, realizada no Instituto de Letras da UFF, no período de 08 a 10 de novembro de 1994.
38. Apresentação de conferência intitulada: Memórias e aprendizagens: Oralidade e escritura em <i>República dos sonhos</i> , na II Jornada UFF de Cultura Galega, realizada na Universidade Federal Fluminense, no período de 16 a 19 de maio de 1994.
39. Apresentação de palestra intitulada: Língua estrangeira: um ensino sob medida?, na II Jornada de Letras da Universidade Federal Fluminense, realizada no Instituto de Letras da UFF, no período de 09 a 11 de novembro de 1993.
40. Apresentação de palestra intitulada: Educação e colonização nas Américas. Leitura da pedagogia da opressão através de textos literários. Ordem e desordens do feminino, na II Jornada de Letras da Universidade Federal Fluminense, realizada no Instituto de Letras da UFF, no período de 09 a 11 de novembro de 1993.
41. Apresentação de trabalho intitulado: Diálogos no feminino: a representação da mulher no Brasil e no Canadá de língua francesa. Uma leitura das seduções no/do feminino, na I Jornada de Letras da Universidade Federal Fluminense, realizada no Instituto de Letras da UFF, no período de 10 a 12 de junho de 1992.
42. Apresentação de conferência intitulada: A permanência de Rabelais, no Ciclo – O Riso e a Sátira nas Literaturas Clássicas e Medieval, realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UF), no dia 12 de fevereiro de 1992.
43. Apresentação de palestra intitulada La parfumerie et la mythologie de la vie quotidienne. La représentation des sexes dans la publicité française, na Aliança Francesa de Niterói, no dia 22 de outubro de 1990.
44. Apresentação de trabalho intitulado: A memória feminina: dos bastidores ao palco. A reprodução da atriz em Anne Hébert, Nélida Pinon e Lygia Fagundes Telles, em sessão de comunicações, no 2º Congresso ABRALIC, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, no período de 08 a 10 de agosto de 1990.
45. Apresentação de conferência intitulada: Diálogos no feminino: O discurso do desejo em Lya Luft e Anne Hébert no Seminário Mulheres, Discursos, Ideologias, realizado na Universidade Federal Fluminense. 1988.
46. Apresentação de conferência intitulada: Um jogo intertextual: Léon Damas e

Carlos Drummond de Andrade, no 1º Encontro de Estudos Românicos, realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no período de 03 a 06 de outubro de 1988.
47. Apresentação de trabalho intitulado: Pour l'interculturel: Dialogues entre le Brésil et le Québec – Damas / Drummond, no IX Congresso Nacional de Professores Universitários de Francês, realizado em Maceió, no período de 23 a 28 de setembro de 1988.
48. Apresentação de comunicação intitulada: Diálogos no feminino: O discurso do desejo em Lya Luft e Anne Hébert, no II Seminário Nacional sobre a presença da Mulher na Literatura, realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no período de 10 a 12 de agosto de 1988.
49. Apresentação de comunicação intitulada: Em busca do país natal: Diálogo entre o Brasil e o Canadá francês, no 1º Congresso ABRALIC, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no período de 01 a 04 de junho de 1988.
50. Apresentação de palestra intitulada: O Québec, no Ciclo de Palestras “As Literaturas francófonas e as culturas emergentes da América e África, realizada pela Aliança Francesa do Rio de Janeiro, no dia 09 de junho de 1987.
51. Apresentação de comunicação intitulada: A narrativa feminina no Brasil e no Québec, no 2º Simpósio de Literatura Comparada, promovido pela Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no período de 20 a 24 de outubro de 1986.
52. Apresentação de comunicação intitulada: Une lecture Du poème “La Roue” d’Aimé Césaire, no Simpósio Nacional sobre culturas e literaturas de expressão francesa e implantação de centros de línguas nas escolas de 1º e 2º graus, realizado pela Associação Brasileira de Professores Universitários de Francês, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no período de 27 de julho a 02 de agosto de 1980.
53. Apresentação de palestra intitulada: Mito, publicidade, estória em quadrinhos, no Ciclo de palestras da Faculdade de Formação de Professores (FFP), no dia 15 de maio de 1979.

Cursos ou Mini-Cursos ministrados em Congressos, Seminários ou Encontros (em nível Internacional)

1. Participação, na qualidade de ministrante de Mini-curso “Representações da errância e da exiguidade na literatura antilhana de língua francesa”, no IV Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil: migrações e processos identitários, realizado na Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, no período de 27 a 30 de setembro de 2006.

Cursos ou Mini-Cursos ministrados em Congressos, Seminários ou Encontros (em nível Nacional)

1. Participação, na qualidade de ministrante do Mini-curso “Astúcias do ser oprimido: artes de fazer, desvios e representação do cotidiano em contextos pós-coloniais”, na VI Jornada de Letras da Universidade Federal Fluminense, realizada no período de 18 a 21 de novembro de 1997.

2. Participação, na qualidade de ministrante do Mini-Curso Feminino, sedução e diabolía, realizado na IV Jornada de Letras, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, nos dias 3º e 31 de outubro e 01 de novembro de 1995.

- | |
|--|
| 3. Participação no Curso de Atualização Literatura e Mulher, com o tema sobre Lya Luft, realizado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, nos período de 14/09 a 09/11 de 1993. |
| 4. Participação no Curso de Atualização de Professores de Francês, realizado pelo Centro Regional de Educação do Rio de Janeiro, no período de 09/08 a 01/11/ de 1985. |

9. PUBLICAÇÕES

Livros publicados
1. Publicação de Livro. PORTO, Maria Bernadette; VIANNA NETO, Arnaldo (org.). <i>Habitar e representar a distância em textos literários canadenses e brasileiros</i> . Livro. Niterói: Editora da UFF, 2012. 230 páginas. ISBN: 9788522807437.
2. Publicação de Livro. PORTO, Maria Bernadette; FIGUEIREDO, Eurídice (org.) Livro. <i>Figurações da alteridade</i> . Niterói: EdUFF/ABECAN, 2007. 326 p. ISBN: 9788522804306.
3. Publicação de Livro. PORTO, Maria Bernadette (org.). <i>Identidades em trânsito</i> . Livro. Niterói: EdUFF/ABECAN, 2004. 256 p. ISBN: 8522803927.
4. Publicação de Livro. PORTO, Maria Bernadette (org.). <i>Fronteiras, paisagens, passagens na literatura canadense</i> . Livro. Niterói: EdUFF, 2000. 274 p. ISBN: 8522802998.
5. Publicação de Livro. PORTO, Maria Bernadette, REIS, Livia; VIANNA, Lúcia Helena (org.). <i>Mulher e Literatura. Trabalhos apresentados no 7º Seminário Nacional</i> . ANAIS. Niterói: EdUFF/7Letras, 1999. 2 vol. ISBN: 852280290.

Capítulos de livro publicados
1. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Circulations urbaines. Capítulo de livro. In: BERND, Zilá; CAS-GIRALDI, Norah Dei (dir.) <i>Glossaire des mobilités culturelles</i> . Bruxelles: Peter Lang SA, 2014. p. 61 a 77. ISBN: 9782875741950.
2. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. O lugar da memória nas cartografias da distância nas Américas. Capítulo de livro. In: PALMERO GONZÁLEZ, Elena;

COSER STELAMARIS. <i>Entre traços e rasuras. Intervenções da memória na escrita das Américas</i> . Rio de Janeiro: Ed.7 Letras, 2013. p. 15 a 28. ISBN: 9788542101720.
3. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Escritas do exílio: habitar e representar a distância. Capítulo de livro. In: PORTO, Maria Bernadette; VIANNA NETO, Arnaldo. <i>Habitar e representar a distância em textos literários canadenses e brasileiros</i> . Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 15 a 34. ISBN: 9788522807437.
4. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. A reinvenção da escrita do desamor na era do hipertexto: o caso Sophie Calle. Capítulo de livro. In: LEITE, Leni Ribeiro; CASER, Maria Mirtis; SODRÉ, Paulo Roberto; COSER, Stelamaris. <i>Leitor, leitora: literatura, recepção, gênero</i> . Vitória: Ed.PPGL, 2011. p. 463 a 468. ISBN: 9788599345146.
5. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Circulações urbanas. Capítulo de livro. In: BERND, Zilá (org.) <i>Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos</i> . Porto Alegre: Editora Literallis, 2010. p. 67 a 85. ISBN: 9788588709478.
6. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Imaginários do lugar: notas e pistas de pesquisas. Capítulo de livro. In: CARRIZO, Silvina; NORONHA, Jovita (org.). <i>Relações literárias interamericanas: Território & Cultura</i> : Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. p. 209 a 227. ISBN: 9788576720881.
7. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. A circulação da palavra da alteridade e a construção da cena da enunciação em textos marcados pela experiência do lugar. Capítulo de livro. In: SANTOS, Ana Cristina dos; ALMEIDA, Claudia; AMORIM, Claudia; BATALHA, Maria Cristina. <i>Identidades fora de foco</i> . Rio de Janeiro: de Letras, 2009. p. 167 a 179. ISBN: 9788560559091.
8. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Cibernigrâncias e reinvenções identitárias em Régine Robin. Capítulo de livro. In: ALMEIDA, Sandra Regina Goulart de; DINIZ, Dilma Castelo Brando; SANTOS, José dos. <i>Migrações teóricas, interlocuções culturais: estudos comparados (Brasil/Canadá)</i> . Belo Horizonte: <i>Argumentvm</i> , 2009. p. 97 a 110. ISBN: 9788598885728.
9. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Montreal: a cidade-texto e o texto-cidade em <i>Les Aurores montréalaises</i> de Monique Proulx. Capítulo de livro. In: OLIVEIRA, Humberto Luiz Lima de; SEIDEL, Roberto Henrique. <i>Pós-colonialismo, globalização: culturas e desenvolvimento em questão</i> . Feira de Santana: Núcleo de Estudos Canadenses da Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008. p. 41 a 50. ISBN: 9788573951653.
10. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Representações imaginárias do lugar: práticas, invenções e apropriações. Capítulo de livro. In: ALMEIDA, Claudia; PONTES Junior Geraldo; SANTOS, Ana Cristina dos. <i>Relações Literárias Internacionais II. Interseções e fricções entre fonias</i> . Niterói: EdUFF, 2008. p. 85 a 97. ISBN: 9788560559077.
11. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Andarilhos, vagabundos e mendigos: desvios, devires e lugares da alteridade. Capítulo de livro. In: FIGUEIREDO, Eurídice; PORTO, Maria Bernadette (org.) <i>Figurações da alteridade</i> . Niterói: EdUFF/ABECAN, 2007. p. 131 a 159. ISBN: 9788522804306.
12. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Lieux de la parole et de l'identité créole dans l'oeuvre d'Ernest Pépin; pour une poétique du devenir. Capítulo de livro. In: ALMEIDA, Cláudia; PONTES, Geraldo (org.) <i>Relações Literárias Internacionais: lusofonia e francofonia</i> . Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ e EdUFF, 2007. p. 159 a 168. ISBN: 9788560559022.
13. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Mascate. Capítulo de livro. In: BERND, Zilá (org.). <i>Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas</i> . Porto

- Alegre: Tomo Editorial e UFRGS, 2007. p. 421 a 427. ISBN: 9788586225512.
14. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Habitabilidade e cartografias do virtual no universo de Régine Robin. Capítulo de livro. In: HANCIAU, Núbia (org.). *Brasil/Canadá. Visões, paisagens e perspectivas do Ártico ao Antártico*. Rio Grande (RS): FURG/ABECAN, 2006. p. 163 a 176. ISBN: 8575660586.
15. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Para uma leitura de aspectos da paratopia na poética das migrações. Capítulo de livro. In: DINIZ, Dilma Castelo Branco; BARROS, Maria Lúcia Jacob Dias de; ALMEIDA, Sandra Regina Goulart; DINIZ, Thaís Flores Nogueira (org.). *Brasil-Canadá: olhares diversos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 169 a 182. ISBN: 8587470957.
16. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Lieux de la mémoire et de l'oubli dans des textes migrants. Capítulo de livro. In: Almeida Sandra Regina Goulart (org.). *Perspectivas transnacionais. Perspectives transnationales. Transnational Perspectives*. Belo Horizonte: ABECAN/Faculdade de Letras da UFMG, 2005. p. 133 a 141. ISBN: 85-87470-744.
17. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette; TORRES, Sonia. Literaturas migrantes. Capítulo de livro. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF; Niterói: EdUFF, 2005. p. 225 a 260. ISBN: 8576260034.
18. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Pátrias imaginárias na poética das migrações. Capítulo de livro. In: PORTO, Maria Bernadette (org.) *Identidades em trânsito*. Niterói: EdUFF/ABECAN, 2004. p. 71 a 96. ISBN: 8522803927.
19. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Negociações identitárias e estratégias de sobrevivência em textos de migrações nas Américas. Capítulo de livro. In: BERND, Zilá (org.). *Americanidade e transferências culturais*. Porto Alegre: Movimento, 2003, p. 47 a 63. ISBN: 8571950601.
20. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Cartografias identitárias na América: o feminino em trânsito em obras do Canadá de língua francesa. Capítulo de livro. In: Almeida Sandra Regina Goulart (org.). *Interseções Brasil-Canadá*. Diálogos com a literatura e a linguística aplicada no Canadá. Belo Horizonte: NEC da UFMG, 2001. p. 91 a 114. ISBN: 8587082043.
21. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Vinte páginas entrecortadas de silêncio. Tradução de texto de Nicole Brossard. In: HANCIAU, Nubia; CAMPPELLI, Eliane; SANTOS, Eloína Prati dos. *A voz da crítica canadense no feminino*. Rio Grande: Editora da FURG, 2001, p. 19 a 40. ISBN: 85-85042-86-9.
22. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Mutações e (i)migrações no espaço quebequense. Capítulo de livro. In: PORTO, Maria Bernadette (org.) *Fronteiras, passagens, paisagens na literatura canadense*. Niterói: EdUFF, 2000. p. 49 a 80. ISBN: 8522802998.
23. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette; BERND, Zilá. Les études francophones au Brésil: un bref historique. Capítulo de livro. In: LAVALLÉ, Denise Maria Gurgel (org.) *Estudos canadenses no Brasil e suas articulações o Canadá*. Salvador: UNEB, 1998. p. 45 a 58.
24. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Tradução e travessia de fronteiras. Viagens pela América na literatura quebequense contemporânea. Capítulo de livro. In: FIGUEIREDO, Eurídice; SANTOS, Eloína Prati dos (org.) *Recortes transculturais*. Niterói: EdUFF/ABECAN, 1997. p. 75 a 89. ISBN: 8522802386.
25. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. Aprendizagens do cotidiano: a vivência da exclusão e da sujeira em *La Sagouine* de Antonine Maillet. Capítulo de livro. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.) *A escrita feminina e a tradição literária*.

Niterói: EdUFF, 1995. p. 69 a 78. ISBN: 8522801592.

26. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. A representação da mulher no Brasil e no Canadá de língua francesa: uma leitura das seduções no/do feminino. Capítulo de livro. In: FUNCK, Suzana (org.). *Trocando idéias sobre Mulher e Literatura*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994. p. 173 a 181.

27. Capítulo de livro. PORTO, Maria Bernadette. La représentation de l'actrice chez Nelida Piñon, Lygia Fagundes Telles et Anne Hébert. Capítulo de livro. In: BERND, Zilá; PATERSON, Michel (dir.) *Confluences Littéraires. Brésil-Québec: les bases d'une comparaison*. Montréal: Les Éditions Balzac, 1992. p. 269 a 287. ISBN: 2921425165.

Artigos em periódicos publicados

1. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. Nas trilhas de François Paré: exiguidade, fragilidade e distância habitada na elaboração da memória em culturas minoritárias e diaspóricas. In: *Interfaces Brasil Canadá*. n.18, v.14. Canoas: UNILASALLE, 2014. p. 103 a 121. ISSN: 1984-5677 (on line). Qualis A1

2. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. A geografia como poética da existência na obra de Gabrielle Roy. In: *Gragoatá*. n. 33. Niterói: EdUFF, 2012. p. 137 a 151. ISSN: 1413-9073. Qualis A1

3. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. Habitar a diáspora: representações do imaginário da distância em textos contemporâneos. In: *Aletria.Migrações Literárias*. v. 22, n.3. Belo Horizonte: POSLIT, Faculdade de Letras da UFMG, 2012. p. 119 a 129. ISSN: 1679-3749. Qualis A1

4. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. VIANNA NETO, Arnaldo. Littérature québécoise et l'enseignement du français au Brésil. In: *Interfaces Brasil/Canadá*. v. 13. Niterói: EdUFF/ABECAN, 2011. p. 113 a 134. ISSN: 1519-0994. Qualis A1

5. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. Régine Robin e Sophie Calle: passagens, conexões e mediações. In: *Interfaces Brasil/Canadá*. v. 11. Rio Grande: FURG/ABECAN, 2010. p. 237 a 256. ISSN: 1519-0994. Qualis A1

6. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. Busca Identitária, língua de escritura e instituição literária de referência na literatura acadiana recente. Tradução de artigo de Raoul Boudreau. *Interfaces Brasil/Canadá*. Universidade Federal do Rio Grande: FURG/ABECAN, n. 10, 2009, p. 137 a 151. ISSN: 1519-0994. Qualis A1

7. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. *Poéticas da habitabilidade e da hospitalidade em textos de autoria feminina*. In: *Interfaces Brasil/Canadá*. v. 6. Rio Grande: FURG/ABECAN, 2006. p. 199 a 222. ISSN: 1519-0994. Qualis A1

8. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. Trânsitos e lugares da extraterritorialidade na poética das migrações. In: *Gragoatá*. n. 17. Niterói: EdUFF, 2004. p. 43 a 62. ISSN: 1413-9073. Qualis A1

9. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. Cartografias da migração na literatura quebequense contemporânea. In: *Ilha do Desterro*. v. 40. *Postcolonial cultures in contact: Bras(z)il/Canada (á)*. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.p. 85 a 106.ISSN: 01014846. Qualis A1

10. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. Babel revisitada nas Américas. In: *Interfaces Brasil/Canadá*. v. 1. Porto Alegre: UFRGS/ABECAN, 2001. p. 129 a 153. ISSN: 1519-0994. Qualis A1

11. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. O feminino em cena: dos bastidores ao palco da intertextualidade. In: *Gragoatán*. 3. Figurações de Gênero. Niterói: EdUFF, 1998, p. 105-118. ISSN: 1413-9073. Qualis A1
12. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. En découvrant l'Amérique: la poétique de la circulation dans des textes brésiliens, québécois et acadiens. In: *International Journal of Canadian Studies. Revue Internationale d'Études Canadiennes*.v.13. Canada in the Americas. Le Canada dans les Amériques. Ottawa: Carleton University, 1996. p. 95 a 114. ISSN: 11803991. Qualis A2
13. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. Diálogos no feminino: o discurso do desejo em Lya Luft e Anne Hébert. In: *Organon*. v. 16. *A mulher e a literatura*. Porto Alegre, UFRGS/Instituto de Letras, 1989. p. 68 a 74. ISSN: 01026267. Qualis A2
14. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. O ensino de francês e de literaturas francófonas na UFF: a descoberta do Outro. In: *Fragmentos v.4 n.2*. Florianópolis: UFSC, 1994. p.115 a 120. ISSN: 0103-1783. Qualis B1
15. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. A reapropriação dos lugares da memória e da alienação em *Une enfance à l'eau bénite de Denise Bombardier*. In: *Cadernos de Letras da UFF n.8. A mulher na literatura*. vol. 1. Niterói: Instituto de Letras da UFF, 1993, p. 46 a 53. Qualis B1
16. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. O Percurso Mítico do Meio-Dia. Análise simbólica de um poema de Aimé Césaire. In: *Revista África*. v.4. Universidade de São Paulo, 1981. p.121 a 124. ISSN: 0100-8153. Qualis B2
17. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. Lugares da palavra e da identidade crioula na obra de Ernest Pépin: a poética do devir. In: *Revista Brasileira do Caribe*. v. IX, n.17 Brasília: Editora CECAB, 2008. p. 35 a 54. ISSN: 1518-6784. Qualis B3
18. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. Uma voz da diáspora haitiana na literatura migrante do Quebec. In: *Revista Brasileira do Caribe*. v. VIII, n.15. Goiânia: CECAB, 2007. p. 109 a 135. ISSN: 1518-6784. Qualis B3
19. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. Paisagens da insularidade: a poética do exíguo na literatura antilhana de língua francesa. In: *Revista Brasileira do Caribe* 12, v.6. Goiânia: CECAB, 2006. p. 339 a 369. ISSN: 1518-6784. Qualis B3
20. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. *Poética dos restos e reciclagem cultural em produções antilhanas*. In: *Revista Brasileira do Caribe*. v.5, n.9. Goiânia, CECAB, 2004. p. 51 a 66. ISSN: 1518-6784. Qualis B3
21. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. Histórias de exílio no feminino: *Les lettres chinoises* e *Lettres parisiennes*. In: *Canadart*. v. XIII. Salvador: UNEB, 2006. p. 11 a 23. ISSN: 0104-6268. Qualis B4
22. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette; BERND, Zilá. Vingt ans d'études québécoises au Brésil. In: *Voix et Images.Littérature québécoise*.v.76. Montréal: Université du Québec à Montréal, 2000. p. 194 a 198. ISSN: 03189201. Qualis B4
23. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. A devoração antropofágica da língua do colonizador: o caso do Brasil e do Quebec. In: *Canadart*. v. 1.Salvador: UNEB, 1993. p.41 a 65. Qualis B4
24. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. O espaço do sagrado em *Gouverneurs de la rosée* de Jacques Roumain. In: *Estudos linguísticos e literários*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1985.v. 4. p. 35 a 48. Qualis B4
25. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. Représentations de la mémoire comme don et partage dans l'imaginaire de la distance chez Gabrielle Roy et Mona Latif Ghattas. In: *Revue Études Canadiennes/Canadian Studies*.v.74. Association

Française d'Études Canadiennes, 2013. p. 11 a 19. ISSN: 1965-0892. Qualis C
26. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. L'échange symbolique et la réversibilité: une lecture d'Anne Hébert et de Clarice Lispector. In: <i>Cadernos do CEF/Cahiers du CEF. Le Québec vu du Brésil II</i> . Niterói: Círculo de Estudos Francófonos. Instituto de Letras da UFF, 1988. p. 13 a 26. Qualis C
27. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. Em busca do país natal; diálogos entre Brasil e Quebec. In: <i>Cadernos do CEF/Cahiers du CEF. Le Québec vu du Brésil II</i> . Niterói: Círculo de Estudos Francófonos. Instituto de Letras da UFF, 1988. p.77 a 82. Qualis C
28. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. La via crucis du corps. Lecture intertextuelle d'Anne Hébert et de Clarice Lispector. In: <i>Cadernos do CEF/Cahiers du CEF. Le Québec vu du Brésil</i> . Niterói: Círculo de Estudos Francófonos. Instituto de Letras da UFF, 1985. p.53 a 82. Qualis C
29. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette. Analyse symbolique du poème 'La Roue' d'Aimé Césaire. In: <i>Revista Elos</i> . n.3. Belo Horizonte: Associação Brasileira dos Professores Universitários de Francês, 1981.p.111 a 117. Qualis C
30. Artigo em periódico. PORTO, Maria Bernadette; ALMEIDA, Lilian Pestre. Lecture Symbolique du poème d'Aimé Césaire: 'Débris'. In: <i>Présence francophone.Revue littéraire</i> . v. 17. Sherbrooke: Université de Sherbrooke, 1978. p. 133 a 150. Qualis C

Publicação de artigos completos em eventos em nível Internacional
1. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Langues et cultures en mouvement dans le paysage transculturel de Montréal: pistes d'exploration du livre <i>Les Aurores Montréalaises</i> , de Monique Proulx. In: <i>Dialogues et Cultures</i> .v.II. XII Congrès Mondial de la Fédération Internationale des Professeurs de Français (Quebec). Cracóvia: Fédération Internationale des Professeurs de Français, 2009. p. 877 a 888. ISSN: 02266881.
2. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Babel inachevée et l'élaboration d'une poétique des langues dans les Amériques. In: <i>Brésil@Montréal. Penser les transferts culturels: pratiques et discours du pluralisme</i> .CD-Rom. Montréal: CELAT Université du Québec à Montréal, 2002. ISBN: 8589273032.
3. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. A reinvenção da biblioteca: citação, palimpsesto e 'braconagem' em práticas de leitura, escrita e tradução no romance <i>La traduction est une histoire d'amour</i> , de Jacques Poulin. In: CD-Rom Coletânea de textos apresentados no IX Congresso internacional da Associação Brasileira de Estudos Canadenses: conexões, saberes, desenvolvimentos. Salvador: EDUFBA/ABECAN, 2008. ISSN: 9788560667345.
4. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Para uma leitura de aspectos da paratopia na poética das migrações. In: <i>Lugares dos discursos. X Congresso Internacional da ABRALIC</i> . Rio de Janeiro: UERJ, 2006.
5. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Uma voz da diáspora haitiana na literatura migrante do Quebec. In: <i>IV Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil – CECAB. Migrações e Processos Identitários: Relações África-Brasil-Caribe</i> . Niterói: UFG/Pós Graduação em História/CECAB,

2006.
6. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Habitabilidade e cartografias do virtual no universo de Régine Robin. In: <i>Brasil/Canadá: visões, paisagens e perspectivas, do Ártico ao Antártico</i> . Anais do VIII Congresso internacional da Associação Brasileira de Estudos Canadenses (ABECAN). Rio Grande: ABECAN/FURG, 2005. ISBN: 9788575660690.
7. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Lieux de la mémoire et de l'oubli dans des textes migrants. In: <i>Anais do VII Congresso Internacional da ABECAN</i> . CD-Rom. Belo Horizonte: ABECAN, 2003.
8. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Poética dos restos e reciclagem cultural em produções antilhanas. In: <i>III Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil. CECAB. Culturas híbridas no Atlântico: Relações África-Ásia-Brasil</i> . CD-Rom. Goiânia: CECAB/UFG, 2004.
9. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Metáforas identitárias das migrações: primeiras pistas. In: <i>Anais do VIII Congresso Internacional ABRALIC</i> . Belo Horizonte: ABRALIC, 2003.
10. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Babel em trânsito: identidades e movências. In: <i>Brasil-Canadá no terceiro milênio. Anais do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Canadenses</i> . Feira de Santana: ABECAN/UEFS/UNEB, 2000. p. 209 a 214.
11. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Aprendizagem e cultura no plural: pedagogia e feminino na literatura canadense de língua francesa. In: <i>Laços de Cooperação Cultural Brasil-Canadá. Anais do III Congresso Internacional da ABECAN</i> . Salvador: ABECAN/UNEB, 1995. p. 163 a 179.

Publicação de artigos completos em eventos em nível Nacional
1. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. A escrita e a representação do outro. In: PERES, Deila Conceição; OLIVEIRA, Célia Regina de; SOUZA, Eliane Lage; HEFFNER, Gisele; AFFONSO, Maria Lucia Reis. ATAS. <i>I Seminário sobre Leitura e Escrita</i> . Niterói: Universidade Federal Fluminense/PROAC/COSEAC, 2006. p. 21 a 29. ISBN: 859053531311.
2. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Babel inachevée et le processus d'élaborations identitaires en Amérique. In: <i>Les Actes Sedifrale XII. Mondialisation et humanisme. Les enjeux du français. Juin 2001. Discours et cultures</i> . v.3. Rio de Janeiro: APFERJ, 2003. p. 284 a 287. ISBN: 8589612031.
3. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Reciclagens identitárias na cartografia transcultural das Américas. VII Congresso da ABRALIC, Terras & Gentes. Universidade Federal da Bahia, 2000.
4. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Fazendo o gênero diabólico: feitiços, desvios e a reinvenção do cotidiano em <i>Les enfants du sabbat</i> (Anne Hébert) e “Onde estivestes de noite? (Clarice Lispector)”. In: <i>Anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura</i> . Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. p. 278 a 287.
5. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Memórias e Aprendizaxe: oralidade e escritura em <i>A República dos Sonhos</i> , de Néida Piñon. In: <i>Actas da II Xornadas UFF de Cultura Galega</i> . Xunta de Galícia, 1994. p. 177 a 185. ISBN: 8445313444

6. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Revisitando a cidade do/no feminino. A travessia de signos em romances de reaprendizagem das paisagens afetivas no universo de Anne Hébert. In: *Boletim do GT A Mulher na Literatura n.5*.1994. p. 175 a 184.
7. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Diálogos no feminino: a representação da mulher no Brasil e no Canadá de língua francesa. Uma leitura das seduções no/do feminino. In: *Cadernos de Letras da UFF n.9. Anais da I Jornada de Letras. vol. II*. Niterói: Instituto de Letras da UFF, 1994. p.160 a 167.
8. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. A permanência de Rabelais na América francófona. Uma leitura da obra de Antonine Maillet. In: *América: descoberta ou invenção. IV Colóquio UERJ*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. ISBN: 853120268. p. 329 a 335.
9. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Nos territórios do feminino: a poética do enraizamento e da mobilidade em autoras do Canadá de língua francesa (Quebec e Acádia). In: *Mulher e Literatura. IV Seminário Nacional. Anais*. Niterói: ABRALIC/UFF, 1991. p. 129 a 138. ISBN: 8522801185
10. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. La parfumerie et la mythologie de la vie quotidienne. In: *Anais do X Congresso Nacional de Professores de Francês*. Florianópolis: Associação Brasileira dos Professores de Francês/ UFSC, 1991. p. 126 a 147.
11. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. A memória feminina: dos bastidores ao palco. A representação da atriz em Anne Hébert, Nélida Piñon e Lygia Fagundes Telles. In: *2º Congresso ABRALIC. Literatura e memória cultural*. Anais. vol. 3. Belo Horizonte: ABRALIC, 1991, p.364 a 369.
12. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Um jogo intertextual: diálogos em torno do corpo. In: *Anais do I Encontro de Estudos Românicos*. Belo Horizonte: UFMG, 1988. p. 164 a 181.
13. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. Em busca do país natal: Diálogos entre o Brasil e o Canadá Francês. In: *Anais do 1º Congresso da ABRALIC*. Porto Alegre: ABRALIC, 1988. p. 258 a 262.
14. Artigo completo em evento (Anais). PORTO, Maria Bernadette. A literatura feminina no Brasil e no Quebec: Clarice Lispector e Anne Hébert. In: *Anais do 1º e 2º Simpósio de Literatura Comparada*. Belo Horizonte: UFMG, 1987. p. 836 a 844.

10. COORDENAÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA

Há vinte e três anos ininterruptos sou pesquisadora do CNPq. Inicialmente, fui classificada na categoria 2 A. A partir de 2002, fui designada para o nível 1 D. Como já afirmei anteriormente, antes de ser bolsista de produtividade desse órgão de fomento, já tinha sido contemplada com quotas de Aperfeiçoamento e Iniciação Científica, o que contribuiu para minha familiarização com os critérios e exigências do CNPq.

À guisa de apresentação dos diferentes projetos desenvolvidos ao longo de meu percurso profissional na UFF, passo a fazer um breve resumo de cada um deles. Incluí aqui os projetos anteriores à concessão de bolsa de produtividade do CNPq, que não foram citados e pontuados no Relatório de Atividades e nos Anexos IV e V, assim como o projeto atual cuja vigência se estenderá até início de 2019:

1. Escritas do corpo: inscrições e memórias tatuadas. Bolsa de Produtividade em pesquisa do CNPq. Período: 03/2015 a 02/2019. Nível: 1D

Descrição:

Enquanto conjunto de representações mentais presentes na vida do sujeito, o corpo corresponde a uma construção cultural e histórica marcada pelo inacabamento. Objeto de imaginários plurais, ele se presta a uma diversidade de abordagens referentes a vários campos do saber, tais como a Literatura, a Antropologia, a Sociologia, a História e a Psicanálise, entre outros. Por isso mesmo, a perspectiva da Literatura Comparada se mostrará rentável para aproximar múltiplos olhares centrados nas figurações da corporeidade na cena contemporânea, na qual as novas tecnologias da informação e os avanços da medicina introduziram grandes mudanças na relação entre o indivíduo e seu corpo.

Expressão de identidade e memória, o corpo se explica enquanto superfície de inscrição de traumas, alegrias e vivências do passado. Tal é o viés a ser privilegiado nesse projeto de pesquisa: a representação das Américas (Quebec, Antilhas e Brasil) como corpo sobre o qual se inscreveram e se inscrevem histórias de contatos culturais, de violências reais e simbólicas, de apropriações e desapropriações, de seres em trânsito, deslocados de sua origem.

Considerando a Literatura como “arte da tatuagem” como sugeriu Sarduy (1979), pretende-se valorizar a simbologia da pele e o conceito de *Moi-peau* proposto por Anzieu (1995). Associado ao prazer e à dor, à memória e ao esquecimento, à visibilidade e à invisibilidade, ao que está à flor da pele ou na profundidade das entranhas, à liberdade e à opressão, por sua dimensão histórica e ideológica, o corpo se investe de valores plurais no seio da sociedade onde se inscreve. Lugar de memória, o corpo fala e se cala, exhibe e esconde, conciliando a tensão produtiva entre o familiar e o estrangeiro que sempre nos habitam.

Palavras-chave: corpo; escrita; pele; memória

Situação: em andamento

2. Escritas do exílio: habitar e representar a distância. Bolsa de Produtividade em pesquisa do CNPq. Período: 03/2011 a 02/2015. Nível: 1D

Descrição:

Eixo norteador das reflexões desenvolvidas, a questão do exílio na contemporaneidade é abordada a partir de um referencial teórico que incorpora as interfaces entre diversos campos do saber, tais como a Literatura, a Antropologia, a Sociologia, a História, a Geografia, a Filosofia, a Psicanálise.

O corpus escolhido se compõe de obras representativas das literaturas francófonas (Canadá francês, Antilhas e Maghreb) e brasileira nas quais se elaboram uma poética da existência e um imaginário próprio da vivência exilar, marcado pelos signos da perda, da desorientação, do desaparecimento e das negociações identitárias. É conferida atenção a obras em que se reconhecem a descoberta da alteridade e da consciência diaspórica; as múltiplas figurações dos exilados; a reflexão sobre o “bilinguismo na escrita”; o exílio transmitido como herança e uma escrita por procuração.

Para melhor se apurar o estudo da temática proposta, recorre-se à noção de distância habitada analisada pelo professor e pesquisador canadense François Paré, grande especialista das chamadas literaturas da exiguidade. Interrogando-se sobre as possibilidades de se habitar a distância – o que parece paradoxal à primeira vista – e sobre os desafios de se escrever a distância, o projeto parte da hipótese de que, responsável por um olhar novo e desestabilizador de verdades construídas como permanentes, o distanciamento é constitutivo de toda prática criativa.

Palavras-chave: distância; exílio; diáspora; habitar

Situação: em andamento

3. Representações imaginárias do lugar: práticas, invenções e apropriações. Bolsa de Produtividade em pesquisa do CNPq. Período: 03/2008 a 02/2011. Nível ID

Descrição:

Dando lugar à questão do lugar, questão incontornável de nosso tempo (GLISSANT) e fundadora da história da cultura (DERRIDA), e situando-se no entrecruzamento de disciplinas como a Literatura, a Sociologia, a Antropologia, a História, a Geografia, o Paisagismo e a Filosofia, a pesquisa privilegiou discussões sobre conceitos e noções da contemporaneidade como as de fronteira, origem, memória, migração, habitabilidade e hospitalidade, muito presentes em obras literárias e críticas quebequenses, antilhanas e brasileiras.

Palavras-chave: imaginário do lugar; práticas espaciais; estratégias de apropriação

Situação: concluído

4. Poéticas da exiguidade e da errância nas Américas. Bolsa de Produtividade em pesquisa do CNPq. Período: 03/2005 a 02/2008. Nível: 1D

Descrição:

Dando continuidade e aprofundamento a questões já levantadas no Projeto Integrado "Babel revisitada: a construção de uma poética das línguas nas Américas" (também desenvolvido com o apoio do CNPq e terminado em fevereiro de 2005), o projeto se propôs a estudar a representação ficcional dos vínculos entre práticas espaciais e construções identitárias das Américas, a partir da leitura de obras quebequenses, antilhanas e brasileiras. Foi conferido destaque à análise das metáforas da errância e da exiguidade que dão conta de formas plurais de apropriação do continente americano, que podem ser encaradas como "artes de fazer" (DE CERTEAU) significativas.

Para se abordar o conceito de exiguidade, recorreu-se ao já clássico livro do crítico canadense François Paré, que dialoga com a noção de literatura menor (DELEUZE). Quanto à complexidade das relações estabelecidas entre personagens, narradores, autores e seu entorno, foi produtivo buscar apoio nas ideias de nomadismo, imaginário do lugar, habitabilidade, hospitalidade que evocam os nomes de Maffesoli, Simon Harel, Berque, Derrida, entre outros.

Palavras-chave: exiguidade; nomadismo; habitabilidade; hospitalidade

Situação: concluído

5. Babel revisitada: a construção de uma poética das línguas nas Américas. Bolsa de Produtividade em pesquisa do CNPq. Período: 03/2002 a 02/2005. Nível: 2 A

Descrição:

A partir da releitura do episódio bíblico de Babel em obras quebequenses, antilhanas e brasileiras, este projeto de pesquisa privilegiou as interfaces do mesmo mito com conceitos e noções da contemporaneidade, como "crioulização" e "Poética da

Relação" (GLISSANT). Longe de ser vista apenas como sinônimo de punição ou impossibilidade, por sua aproximação com Pentecostes (PAZ), Babel se reveste também das promessas da possibilidade de diálogo para além das diferenças. Como inacabamento, remete ao que se passa com a obra de arte em geral. À luz da idéia de "imaginário das línguas" proposta por Glissant, procurou-se analisar a inscrição de vozes culturais plurais em textos literários da "poética das migrações".

Palavras-chave: Babel; inacabamento; imaginário das línguas; criouliização

Situação: concluído

6.A representação do cotidiano como invenção nas literaturas periféricas. Bolsa de Produtividade em pesquisa do CNPq. Período: 03/1994 a 02/2002. Nível: 2 A

Descrição:

Partindo-se da leitura de Michel de Certeau, pretendeu-se estudar a cotidianidade como forma criativa privilegiada, presente em textos literários quebequenses, antilhanos e brasileiros. A análise de "artes de fazer" nessas obras revelou a importância da astúcia e dos desvios como modos inventivos de apropriação espacial e de construção identitária.

Palavras-chave: artes de fazer; astúcias; cotidiano

Situação: concluído

7. Educação e colonização nas Américas. Leitura da pedagogia da opressão através de textos literários. Ordens e desordens no feminino. Bolsa de Produtividade em pesquisa do CNPq. Período: 07/1992 a 02/1994. Nível 2 A

Descrição:

A idéia norteadora desse projeto foi a de estudar, em obras literárias quebequenses, antilhanas e brasileiras, as marcas de uma prática educativa baseada no exercício da alienação e da despersonalização, o que se depreende, em particular, na

história de sociedades ainda marcadas pelos efeitos do processo colonial. Foi dado relevo à construção do feminino e ao exercício da resistência criativa.

Palavras-chave: educação; pulsão mimética; resistência; feminino

Situação: concluído

8. Diálogos no feminino: a representação da mulher no Brasil e no Quebec.

Período: 03/1989 a 02/1992

Descrição:

Através da análise de obras literárias e de textos não-literários produzidos no Quebec e no Brasil, a pesquisa se orientou para a leitura da questão de gênero e de figuras privilegiadas do feminino.

Palavras-chave: gênero; intertextualidade; figurações do feminino

Situação: concluído

9. Diálogo de culturas: lusofonia e francofonia contemporâneas. O ensino da civilização numa perspectiva contrastiva. Período: 03/1986 a 02/1988

Descrição

A partir de uma perspectiva contrastiva, a pesquisa deu ênfase ao reconhecimento e análise de possíveis pontos de contato que permitem ao professor de língua francesa explorar o diálogo entre duas realidades culturais à primeira vista tão distantes como o Quebec e o Brasil. Foi conferido realce à leitura de signos e mitos da vida cotidiana, postos em circulação em textos literários e não-literários.

Palavras-chave: intertextualidade; dialogismo; cultura do cotidiano

Situação: concluído

10. O discurso da paixão em Anne Hébert e Clarice Lispector. Período: 03/1984 a 02/1986

Descrição:

A pesquisa procurou aproximar a poética de duas importantes escritoras da contemporaneidade. À luz dos signos da paixão disseminados em seus textos, foram ressaltadas, em particular, a simbologia das trocas simbólicas e a lógica da reversibilidade e do sacrifício (BAUDRILLARD. *L'échange symbolique et la mort*. 1976).

Palavras-chave: intertextualidade; sacrifício; troca simbólica

Situação: concluído

Para uma melhor visualização do apoio concedido pelo CNPq para o desenvolvimento de projetos apresentados acima, incluo abaixo um quadro com seus dados(duração, número do processo).

Bolsa de Produtividade em Pesquisa concedida pelo CNPq
1. Bolsa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, na modalidade PQ, para desenvolvimento de projetos. Nível 1D. Processo: 301725/2010-1. Período: 01/03/2011 a 28/02/2015. Duração: 4 anos
2. Bolsa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, na modalidade PQ, para desenvolvimento de projetos. Nível 1D. Processo: 303029/2007-2. Período: 01/03/2008 a 28/02/2011. Duração: 3 anos
3. Bolsa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, na modalidade PQ, para desenvolvimento de projetos. Nível 1D. Processo: 303872/2004-7. Período: 01/03/2005 a 29/02/2008. Duração: 3 anos
4. Bolsa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, na modalidade PQ, para desenvolvimento de projetos. Nível 1D. Processo: 350139/1994-6. Período: 01/08/2002 a 28/02/2005. Duração: 3 anos
5. Bolsa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, na modalidade PQ, para desenvolvimento de projetos. Nível 2A. Processo: 350139/1994-6. Período: 01/08/1994 a 31/07/2002. Duração: 8 anos
6. Bolsa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, na modalidade PQ, para desenvolvimento de projetos. Nível 2A. Processo: 300257/1992-9. Período: 01/10/1992 a 31/07/1994. Duração: 2 anos

Para ilustrar melhor o perfil de minhas pesquisas, anexeï, no fim do presente memorial, os quatro últimos projetos de pesquisa desenvolvidos com o apoio do CNPq. Como tema recorrente de minhas investigações, a questão do lugar ocupa uma posição

de destaque, o que se confirma em projetos anteriores. Noção incontornável na contemporaneidade, a ideia de lugar permite-me transitar em diferentes literaturas e campos do conhecimento, levando-me a me perguntar constantemente sobre o meu próprio lugar no seio da vida acadêmica. Inspirada por esta indagação que me remeteu a Barthes, autor da frase “Por onde começar?”, elaborei estas considerações-rememorações que vieram a confirmar plenamente a escolha de meu lugar no mundo.

11. ANEXOS: tabelas e os quatro últimos projetos de pesquisa apoiados pelo CNPq

11.1. Tabelas

ORIENTAÇÕES EM ANDAMENTO

TABELA 1

Nº	NÍVEL	NOME	Bolsistas
1	PÓS-DOUTORAMENTO	Irene Corrêa de Paula Sayão Cardoso	CNPq
2	DOUTORADO	João Luiz Peçanha Couto	CNPq
3	GRADUAÇÃO	Fabiane Alves Martins	PIBIC/CNPq
4	GRADUAÇÃO	Philippe Avellar Dias Pinto	PIBIC/CNPq
5	ESPECIALIZAÇÃO	Fernando Feitoza	

ORIENTAÇÕES CONCLUÍDAS

TABELA 2

Nº	NÍVEL	NOME
1	PÓS-DOUTORAMENTO	Maria Zilda Cury (UFMG)

TABELA 3

Nº	NÍVEL	NOME
1	DOUTORADO	Maria Daura Bittencourt Macedo Rocha
2		Vanessa Massoni da Rocha
3		Valdir da Silva Chagas
4		Valéria Ribeiro Guerra
5		Renato Venâncio Henrique de Sousa
6		Arnaldo Rosa Vianna Neto
7		Márcia Maria de Jesus Pessanha

TABELA 4

Nº	NÍVEL	NOME
1	MESTRADO	Valéria Medeiros Gasparello
2		Jordélia Mendes Brandão
3		Verônica Accioly Teixeira de Oliveira
4		Vanessa Massoni da Rocha
5		Maria Daura Bittencourt Macedo Rocha
6		Maria Teresa Castelo Branco Fantinato
7		Cleusa Maria Mendes de Oliveira

8		João Carlos Teixeira de Mello
9		Marília Sales de Siqueira
10		Arnaldo Rosa Vianna Neto
11		Renato Venâncio Henrique de Sousa
12		Glória Maria Miranda da Silva

TABELA 5

Nº	NÍVEL	NOME
1	ESPECIALIZAÇÃO	Maria Valéria de Oliveira Dudkiewicz
2		Márcia Maria Pires de Oliveira

TABELA 6

Nº	NÍVEL	NOME
1	INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC/UFF/CNPq	Fabiane Alves Martins
2		André Luiz Vieira dos Santos
3		Nadia Nacif Company Neves
4		Ana Teresa Barbosa dos Santos
5		Valéria Medeiros Gasparello
6		Alexandre Oliveira do Nascimento
7		Vanessa Massoni da Rocha
8		Beatriz Veiga de Freitas Gomes
9		Gileade Godoi Abrantes de Barros
10		Adriana de Barros Vita
11		Edmilson Rocha Borret
12		Genilda Maria Nascimento Gonçalves
13		Elaine Pauvolid Correa
14		Waldéris da Silva Alves
15		Renato Venâncio Henrique de Sousa

TABELA 7

Nº	NÍVEL	NOME
1	APERFEIÇOAMENTO – CNPq	Rosana Câmara Teixeira
2		Wilson Poliero

TABELA 8

Nº	NÍVEL	NOME
1	Iniciação à docência no âmbito do Projeto de cunho social “Primeiras vivências na prática de ensino de língua estrangeira: francês”, vinculado ao PROLEM/UFF (curso de extensão)	Guilherme Santana da Silva
2		Nadia Nacif Company Neves
3		Carlos Eduardo do Prado
4		Juliana Perner Pereira

TABELA 9

Nº	NÍVEL	NOME
1	Iniciação à Docência ligada à Subcoordenação de Apoio à Prática Pedagógica Discente da UFF	Aluísio de Almeida e Albuquerque Costa
2		Bianca Barboza da Silva
3		Bruna Carla Muniz Cajé
4		Camilla Marques Ferreira Branco
5		Carine Lima Cordeiro
6		Cyro Alves da Silva Neto
7		Francine de Sousa Almeida
8		Helena da Conceição Gomçalves
9		Luana de Almeida Agualuza
10		Luana Franco Rocha
11		Maria Alcântara
12		Mariana Class Moraes
13		Mariana Vieira Gomes Pereira
14		Priscilla Moraes Freire de Souza Pavão
15		Raquel Murat Kelly
16		Sunny Waneska Pereira Anhon
17		Suzana Darlen dos Santos
18		Vera Lucia Ferreira Tomaz
19		Verônica Martins da Corte Rocha

TABELA 10

Nº	NÍVEL	NOME
1	Bolsas de Treinamento (vinculadas ao Projeto “A produção e a expansão do conhecimento no Núcleo de Estudos Canadenses da UFF”)	Egley Amarolina Pereira Carvalho
2		Rafael Barcelos de Faria
3		Suzana Darlen dos Santos

TABELA 11

Nº	NÍVEL	NOME
1	Bolsas de Desenvolvimento Acadêmico (vinculadas ao Projeto: “Relendo a biblioteca de Babel na era do hipertexto”)	Ariana dos Anjos Barbosa
2		Cibely Araújo Felix de Souza
3		Gabriela do Nascimento Correa
4		Marcelly dos Santos Araújo
5		Márcia Maria da Costa
6		Kelly Cristina dos Santos
7		Natasha Araújo Fernandes

PUBLICAÇÕES

TABELA 12

TIPO	QUANTIDADE
LIVRO	5
CAPÍTULO DE LIVRO	27
ARTIGO EM PERIÓDICO QUALIS A1	11
ARTIGO EM PERIÓDICO QUALIS A2	2
ARTIGO EM PERIÓDICO QUALIS B1	2
ARTIGO EM PERIÓDICO QUALIS B2	1
ARTIGO EM PERIÓDICO QUALIS B3	4
ARTIGO EM PERIÓDICO QUALIS B4	4
ARTIGO EM PERIÓDICO QUALIS C	6
ARTIGO COMPLETO EM EVENTOS INTERNACIONAIS	11
ARTIGO COMPLETO EM EVENTOS NACIONAIS	14

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS

TABELA 13

TIPO	QUANTIDADE
ORGANIZAÇÃO DE EVENTO	9
PARTICIPAÇÃO EM EVENTO	28
PALESTRA EM EVENTO INTERNACIONAL	18

PALESTRA EM EVENTO NACIONAL	53
CURSO OU MINI-CURSO EM EVENTO INTERNACIONAL	1
CURSO OU MINI-CURSO EM EVENTO NACIONAL	4

11.2. Projeto de pesquisa: Escritas do corpo: inscrições e memórias tatuadas (em andamento)

Introdução

Ao longo de pesquisas anteriores³⁶ e, em particular, no interior do projeto atual “Escritas do exílio: habitar e representar a distância”³⁷, foi possível verificar a importância da representação do corpo no âmbito de produções literárias das Américas de língua francesa e portuguesa. Na verdade, seria possível indagar desde já: de que corpo se trata? Como pensa Barthes, “existem efetivamente vários corpos.” (BARTHES, 2002, p.561) e, em nossos dias, segundo o mesmo teórico, não há um objeto tão heteróclito como ele. Lido a partir de diversas perspectivas e em diferentes momentos e contextos históricos, o corpo equivale a um inesgotável campo de interrogações, que aguça o espírito investigativo de todo pesquisador.

Assim, aspectos valorizados em outros momentos de reflexão, como as “artes de fazer”; o imaginário do lugar; a representação da cidade cosmopolita como palco de circulações criativas; a poética das migrações; a consciência diaspórica e exilar; a revisão de Babel, entre outros, colocam em cena corpos em devir, em movimento incessante, em contato com outros, graças a fricções de línguas, culturas e memórias. A própria consciência da identidade e da alteridade passa, necessariamente, pelo corpo, suporte que acompanha os seres humanos no decorrer de seu trajeto existencial. Encarar o corpo sob o prisma da metamorfose, dos deslocamentos, da pluralidade e da intersubjetividade é reconhecê-lo como construção em aberto, obra inacabada, “para sempre inconclusa, como são as bases culturais que o constituem, nomeiam e transformam, através dos tempos e da história.” (VELLOSO; ROUCHOU; OLIVEIRA,

³⁶Poderiam ser citados aqui “Educação e colonização nas Américas. Ordem e desordens no feminino”; “A representação do cotidiano como invenção nas literaturas periféricas”; “Babel revisitada: a construção de uma poética das línguas nas Américas”; “Poéticas da exiguidade e da errância nas Américas”, “Representações imaginárias do lugar: práticas, invenções e apropriações”, apoiados pelo CNPq, como o atual.

³⁷ Tal projeto se encerrará em fevereiro de 2015.

2009, p.15) Admitir o inacabamento do corpo é também fugir da tentação dos essencialismos, é aderir ao pensamento barthesiano, para quem “o corpo humano não é um objeto eterno, inscrito por toda a eternidade na natureza, é um corpo que foi captado e modelado pela história, pelas sociedades, pelos regimes, pelas ideologias”. (BARTHES, 2002, p.562)

Rastrear o(s) sentido (s) do corpo leva ao reconhecimento de suas ambiguidades no decurso da história humana e no interior de sociedades muito díspares. Assim, se o corpo foi/é sujeito ao controle – e aqui a evocação da fabricação dos corpos dóceis de Foucault (1977) se faz necessária –, ele também se associa à festa, à inversão da ordem do mundo, como bem mostrou Bakhtin a respeito da carnavalização medieval. (VILLAÇA, 2009, p.31) Encarnando a submissão e a resistência, a carne e a imagem, esse objeto de estudo se reveste de um caráter contraditório e complexo.

Na contemporaneidade, os trabalhos de genética e de biomedicina tendem a reduzir o corpo à condição de organismo fisiológico, justamente porque o consideram como matéria propícia a experimentações, feitas, muitas vezes, fora dele. No âmbito da cibercultura, criam-se corpos virtuais com facilidade, identidades “à la carte” (ROBIN, 1997) que favorecem a proliferação de ficções identitárias e proteicas.

Se, à luz de David Le Breton (2003), é possível, hoje, falar do imaginário do fim do corpo, não se pode negligenciar o interesse suscitado por esse campo fecundo de investigações, cada vez mais presente em inúmeras áreas do conhecimento. Em outras palavras, encarada como ausência ou presença, a corporeidade ocupa um lugar de relevo em trabalhos científicos e em práticas artísticas. A título de exemplificação do estado da arte referente a essas pesquisas, caberia lembrar dados apontados por Andrieu e Boëtsch em seu *Dictionnaire du Corps* (2008). Segundo eles, a multiplicação dos trabalhos sobre o corpo invade todas as disciplinas. Tomando a França como parâmetro, constataram que, de 1971 a 2008, mais de 800 teses foram feitas sobre essa temática; 60 laboratórios ou equipes trabalham mais ou menos diretamente sobre a mesma; uma dezena de coleções publica obras sobre o corpo; cerca de 20 seminários centrados nesse tema foram realizados; além da publicação de uma revista interdisciplinar, de um “blog do corpo” e de um corpus temático internacional que fez o inventário de mil itens com 100.000 referências. (ANDRIEU, Bernard; BOËTSCH, Gilles, 2008, p.1). O prestígio conferido a esse objeto de estudos - que não se restringe à França, evidentemente – se explica pela importância ocupada por ele na existência humana. “Lugar de ancoragem

de nossa relação com o mundo, com os outros e com nós mesmos” (ANDRIEU, Bernard; BOËTSCH, Gilles, 2008, p.1), o corpo corresponde a um observatório social, a uma simbologia individual e coletiva que se traduz através de códigos, posturas e hábitos. Reprodutor ou produtor de sentidos, o corpo constitui um apelo incessante à reflexão acadêmica que leva em conta sua posição no centro dos saberes e dos poderes. E aqui seria possível acrescentar que o corpo se liga igualmente aos sabores do mundo, a tal ponto que a era que coincidiria com o fim do corpo seria habitada por uma humanidade destituída de sentidos, “amputada do sabor do mundo.” (LE BRETON).

Justificativa e apresentação

Associado ao prazer e à dor, à memória e ao esquecimento, à visibilidade e à invisibilidade, ao que está à flor da pele ou na profundidade das entranhas, à liberdade e à opressão, por sua dimensão histórica e ideológica, o corpo se investe de valores plurais no seio da sociedade onde se inscreve. Da infância à velhice, ele é o suporte de gestos, mitos, ritos, atitudes que o integram a uma ordem simbólica. Na constituição da bagagem memorial de um indivíduo, vinculadas à acumulação de experiências, depositam-se em seu corpo, muitas vezes de modo inconsciente, marcas do vivido que se sobrepõem como um palimpsesto. Lugar de memória, o corpo fala e se cala, exhibe e esconde, conciliando a tensão produtiva entre o familiar e o estrangeiro que sempre nos habitam.

Visto, em muitos contextos culturais, em oposição à alma, considerada imortal, o corpo é associado ao perecível, à fragilidade e à ameaça de morte. Nesta lógica, observam-se o dualismo e a separação: de um lado, os instintos e as pulsões; de outro, o espírito. Aos olhos de Boëtsch e Tamarozzi (2011, p.9), se, durante muito tempo, o corpo foi considerado o envelope da alma, posteriormente passou a ser apreciado como objeto estético e, com o progresso dos conhecimentos científicos, tornou-se um objeto da biomedicina. É preciso lembrar ainda que, na sociedade de consumo, o corpo é visto como uma mercadoria entre outras, o que se depreende nas publicidades e na mídia, que o apresentam como algo a ser vendido, comprado, consumido. A estratégia de marketing é seduzir os possíveis compradores de um corpo perfeito, ou apresentado como tal, prometido como bem acessível aos que se empenham para adquiri-lo.

Discorrer sobre o corpo é também reconhecer seus vínculos com o processo de aprendizagem. Segundo Boëtsch et Tamarozzi, o ser humano nasce com um corpo que aprende a conhecer ao longo da vida. Este conhecimento, feito inicialmente de maneira empírica, se dá segundo sua cultura e, às vezes, com a aprendizagem profissional, de maneira mais científica. Para o antropobiologista e o etnólogo citados, «viver com seu corpo significa aprender a administrar, na motricidade como na cultura, o contato com o mundo e com os outros corpos.» (BOËTSCH; TAMAROZZI, 2011, p.21)

Como já foi salientado, o conhecimento do corpo que, à primeira vista, seria universal, é, na verdade, cultural, múltiplo, variável segundo o tempo e o espaço. No prefácio do primeiro tomo da obra coletiva *Histoire du corps*, é ressaltado que nossos gestos mais naturais são fabricados por normas coletivas: maneiras de andar, jogar, dar à luz, dormir ou comer. (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2005 a, p.7) Isso se explica porque os modos de fazer, sentir, comer, jogar são aprendidos no interior de uma cultura, o que supõe que a experiência do corpo se explica como gesto de aprender e compartilhar, com outros, atos corriqueiros da vida cotidiana.

Outro ponto importante a ser destacado se refere aos vínculos entre corpo e linguagem. No título sugestivo de um livro de Pierre Weil e Roland Tompakow (1986), encontra-se uma pista significativa para se abordar a presente temática: o corpo fala, o que remete à possibilidade de comunicação não-verbal. Isso se manifesta, de modo criativo, através de performances e da dança, que colocam o corpo no centro de nossas atenções, ressignificando-o, fazendo-o sair de sua previsibilidade, tornando-o um acontecimento. Por outro lado, se o corpo fala, ele também é falado, como afirmam os autores da obra *Morceaux exquis: le corps dans les cultures populaires*: «(...) o corpo não poderia existir se não fosse contado.» (BOËTSCH; TAMAROZZI, 2011, p.11) Enquanto fala e objeto da fala, o corpo confirma sua estreita relação com a linguagem, o que aparece em expressões, metáforas e provérbios existentes em todas as línguas, como mostram os autores da obra citada e Zuenir Ventura no texto «Viva o corpo brasileiro»³⁸. A necessária verbalização do corpo que emerge na cena da escrita como resistência e insubmissão se destaca em muitas produções literárias nascidas em contextos marcados

³⁸ Trata-se de um artigo publicado no interior da obra coletiva *Oito ou nove ensaios sobre o Grupo Corpo*, organizado por Inês Bogéa (2007). Segundo Zuenir Ventura, as metáforas corporais que pontuam nossa língua “demonstram como o corpo é uma referência recorrente em nosso imaginário: pé-frio, pé-quente, nó na garganta, amigo do peito, dedo-duro, com unhas e dentes, línguanos dentes, sangue-quente, sangue-frio, sangue-bom, jogo de cintura, olho por olho, corpo a corpo, bunda-mole, boca-de-fumo, boca-livre, ombro a ombro... e a relação é interminável.” (VENTURA, 2007, p. 102)

pelo processo colonial e por práticas de violência real e simbólica. Tudo se passa como se o corpo silenciado, alienado e humilhado ao longo do tempo, assumisse o centro da página, saindo dos bastidores de histórias anônimas nas quais se evidenciam questões de raça, gênero e etnicidade.

As presentes considerações levam a encarar as Américas como corpo metafórico de grafias e de memórias plurais. Espaço privilegiado de corpos e memórias em trânsito, enquanto coletividade nova (BOUCHARD, 2000) que não cessa de atrair expatriados, deslocados e imigrantes, as Américas constituem o palco de encontro de heterogeneidades múltiplas, o corpo sobre o qual se inscreveram e se inscrevem histórias do entre-dois, de contatos culturais, de violências reais e simbólicas, de apropriações e desapropriações.

Memórias tatuadas no corpo e na “alma” das Américas revelam e escondem o passado nem sempre tão distante que deixou cicatrizes na pele do presente. A produção literária do testemunho na América Latina ilustra, muitas vezes, o registro da dor tatuada nos corpos torturados dos prisioneiros. Em um clássico da literatura brasileira, a lembrança de traumas reais e morais impostos ao corpo encarcerado aparece em uma passagem das *Memórias do cárcere* de Graciliano Ramos, na qual a experiência-limite da prisão se traduz como reificação do corpo, tornado uma ruína de esqueleto tatuado pelo estigma de uma infame cicatriz que iria perseguir sempre o presidiário. (RAMOS, 1953, v. 1, p. 221). Segundo Wander Melo Miranda, nesta obra, graças ao trabalho da memória, o corpo é, ao mesmo tempo, “lugar onde se inscreve a repressão e lugar de resistência a essa mesma repressão.” (MIRANDA, 2009, p.149)

Explorando mais a fundo os vínculos entre literatura e trauma, poderia ser lembrado aqui o processo de desumanização aviltante sofrido pelos prisioneiros de campos de concentração. Segundo Annette Becker, em Auschwitz era imposta no antebraço dos prisioneiros a tatuagem de um número que os destituía de sua identidade. Assim, o campo era “inscrito no próprio corpo”, já que o corpo dos detentos era marcado, classificado, arquivado. Se, no momento de sua chegada ao campo, eles tinham um rosto, um corpo, uma alma, logo eles os perdiam devido à fome, ao trabalho forçado, às doenças. Após a morte de um prisioneiro, seu número de matrícula era atribuído a um novo prisioneiro, o que apagava por completo as marcas da existência do morto. (BECKER, 2006, p.345)

A releitura dessa memória do horror é tratada mediante a simbologia do corpo-grafitado fotógrafa Marina Vainshtein, neta de sobreviventes do Holocausto, que se propõe a representar o irrepresentável. Em sua obra *La mémoire saturée*, Régine Robin (2003, p. 335) identifica no trabalho dessa fotógrafa a narrativa corporal da Shoah através da tatuagem. Ao exibir em sua pele, marcada por vários piercings, imagens de crematórios, vagões de deportados, arames farpados, estrelas de David, essa artista – ligada ao meio *underground* de Los Angeles – faz de seu corpo a tela onde feridas e cicatrizes guardadas no interior vêm à tona, exteriorizadas como modo de perpetuar as lembranças do trauma, pulsantes ainda na carne viva da memória que se recusa a esquecer. Dialogando com a inscrição da memória no corpo de Marina Vainshtein, o romance *Lignes de Faille* (2006) da escritora canadense Nancy Huston também privilegia marcas de nascença que atravessam gerações, inscrevendo-se para além da superfície da pele e da página, como algo que não se deixa calar.

Em seu livro *Escrito sobre um corpo* (1979), no capítulo intitulado “A aventura (textual) de um colecionador de peles (humanas)”, ao se referir à obra *Compact* de Maurice Roche, o escritor Severo Sarduy ressalta a *escrituralidade* da literatura vista como inscrição. Para ele, a literatura é a arte da tatuagem, o que supõe um trabalho sobre o corpo que inclui ferida e perda. Superfície de transformações ilimitadas, a linguagem se definiria enquanto gesto de grafar: “para que a palavra comunique, o escritor tem que tatuá-la, que inserir nela seus pictogramas.” (SARDUY, 1979, p.54) Escrever seria, pois, um investimento corporal capaz de deixar inscrições, assinaturas identitárias e memoriais sobre uma superfície em contínua invenção.

Se, no exemplo extraído de *Memórias do cárcere*, a inscrição na superfície corporal se traduz como sofrimento, em outras obras e contextos, ela é sinônimo de cumplicidade e pacto afetivo. No romance *Le double conte de l'exil* (LATIF GHATTAS, 1990), a escrita amorosa se dá como o encontro entre duas peles da alteridade: a de uma ameríndia e a de um refugiado vindo dos confins do Oriente. Para além de seus referenciais identitários, geográficos e históricos, a ameríndia deixa grafar no seu corpo fragmentos memoriais e distintivos da identidade de seu parceiro. Ponto de contato entre o interior e o exterior, entre o eu e o mundo, lugar do sensível e do perceptível, a pele remete ao mesmo tempo ao manifesto e ao escondido, à superfície e às profundezas: “o mais profundo é a pele”, como disse Valéry. (*Apud* LE BRETON, 2007, p.29). Envelope do que é interno, protetora dos órgãos, fronteira entre o dentro e

o fora, a pele permite o contato com o Outro enquanto convite para a descoberta da alteridade. No romance de Latif Ghattas, deixar-se tatuar pelo amante é abrir-se para a prática da hospitalidade, marcada por uma via de mão dupla: é receber e ser recebida pelo Outro.

A escrita-tatuagem no âmbito da experiência amorosa é representada também no romance *Budapeste*, de Chico Buarque. Explorando o imaginário das línguas e a poética das migrações, esse livro traz interessantes pistas para se repensarem as relações entre o familiar e o estrangeiro na aprendizagem de outro idioma, e o próprio processo de escrever, que supõe a incorporação da distância e a experiência da estrangeiridade. Habitado a escrever no lugar de outrem, a ser pago para exercer seu talento de escritor, ao assumir a autobiografia fictícia de um alemão que o contrata, o protagonista passa a escrever no corpo feminino no qual pratica seu amor pela língua portuguesa. Conciliando os deleites da carne e os do ato de escrever, o personagem nos faz pensar na arte da caligrafia como tatuagem corporal presente no belíssimo filme *O livro de cabeceira*, do cineasta britânico Peter Greenaway³⁹ no qual “os corpos se transformam em verdadeiros ideogramas vivos”⁴⁰:

Página sempre incompleta onde se sobrepuseram camadas de diferentes culturas e de diversas marcas memoriais, associadas frequentemente a histórias de espoliação e de alienação, as Américas não cessam de nos chamar como um corpo à espera de ser visto, lido, apreendido e falado. Aqui seria necessário evocar o corpo híbrido, resultado do contato de culturas e sinal do devir identitário contrário às ideias de essencialismo e de pureza. Além disso, enquanto corpo do exílio, cenário de seres desterritorializados, o continente americano continua a ser descoberto e reinventado sem cessar, levando-nos a sair do conforto de nossas certezas e de nossas verdades, e a considerar a situação exilar como inerente à condição humana.

Objetivos

³⁹O cineasta se inspirou em um clássico japonês assinado por Sei Shônagon cujo *Livro de Cabeceira* pertence ao gênero Sôshi ou “escritos íntimos”, muito popular no século X.

⁴⁰ GRUZINSKI, Serge. 2001. p. 116. Ressaltando a trama das tramas das mestiçagens planetárias no filme em questão, Gruzinski reconhece no corpo dos atores a inscrição de caracteres da antiga Roma, os ideogramas da China, os saberes da Índia e do Islã. (p.118)

A partir da análise de produções literárias e culturais francófonas e brasileiras contemporâneas, lidas à luz de aportes ligados a diversos campos do conhecimento, pretende-se

1. Estudar as representações do corpo como construção simbólica, histórica e cultural, variáveis e ressignificadas segundo os contextos nos quais se inscrevem
2. Investigar as relações entre corpo, poder e violência em obras marcadas pelos efeitos do sistema colonial, pela representação do irrepresentável e pela tensão entre conformismo e resistência
3. Refletir sobre as facetas plurais da corporeidade na era de novas tecnologias médicas: o corpo-máquina; o corpo-prótese; o corpo-rascunho; o corpo-laboratório; o “fora do corpo”
4. Empreender estudos sobre a *mise en scène* e a experimentação dos limites em danças e performances empreendidas por artistas que privilegiam o corpo como acontecimento
5. Averiguar as figurações da pele-palimpsesto como lugar de memórias e histórias coletivas
6. Desenvolver indagações sobre a literatura como “arte da tatuagem” e sobre a metáfora do corpo como página

Metodologia

Considerando-se que o corpo constitui um objeto de estudo que ocupa um lugar relevante em vários campos do conhecimento, o que corresponde a uma multiplicidade de perspectivas críticas, caberá adotar uma metodologia que leve em conta o entrecruzamento de saberes e práticas. Como “não há uma ciência única do corpo” (BARTHES, 2002, p.562), é necessário reconhecer os diversos aportes que diferentes disciplinas trouxeram para uma maior aproximação da corporeidade. No pensamento barthesiano se nenhuma ciência se mostra capaz de dar conta do “domínio imenso da intersubjetividade do corpo”, de sua sutileza e fragilidade, somente a literatura é capaz de assumir tal papel. (BARTHES, 2002, p.569).

Em sintonia com o crítico francês, o presente projeto se engajará nas vias da Literatura Comparada, buscando fazer dialogar textos literários e críticos com outros,

oriundos da História, da Antropologia, da Sociologia, da Psicologia e da Psicanálise. Acredita-se que das interfaces entre esses olhares plurais, seja possível propor uma leitura mais rica desse objeto de estudo que é, ao mesmo tempo, próximo e distante, matéria e imagem.

Para se explorar o corpo enquanto imagem, presente em performances de artistas contemporâneos, serão analisados vídeos e material fotográfico disponíveis na internet, além de estudos feitos sobre esses artistas. É o caso do corpo-grafite de Marina Vainshtein cuja pele tatuada expõe a memória da Shoah, e que foi objeto de interesse de Régine Robin em seu livro *La mémoire saturée* (2003). Outro exemplo produtivo se refere a Orlan, artista plástica que, se inspirando no conceito de *body modification*⁴¹, já se submeteu a diversas cirurgias plásticas sem uma finalidade estética. Seu objetivo é transformar cada operação em uma performance a ser compartilhada com jornalistas e espectadores. Enquanto instrumentos cirúrgicos recortam e costuram sua pele, Orlan responde a perguntas que lhe são feitas. Consciente da sensação desagradável causada pela cena junto ao público, ela se compraz em demonstrar seu controle da dor e em manipular continuamente seu corpo, objeto transitório, sujeito a seus caprichos e a metamorfoses. Para abordar as cirurgias-performances de Orlan, serão de grande valia as análises propostas por Robin (2003), Le Breton (2003, 2007) e Villaça; Góes (1998). Outra ilustração da experimentação de limites em práticas corporais extremas é representada no corpo tatuado do modelo canadense Rick Genest, apelidado de Zombie Boy, que expõe em sua pele uma *mise en scène* do cadáver e a fragilidade da condição humana. No seu rosto há a imagem de um crânio e seu torso deixa ver desenhos de ossos, de músculos e de vísceras e de muitos insetos prestes a atacar a carne em decomposição. Disfarçada pelas tatuagens, sua nudez revela as profundezas do corpo que se assemelha a uma página de revista. Como orientação metodológica para analisar o corpo fabricado por esse manequim, também a obra *Ce que dit l'écorce* (2014) oferece pistas rentáveis. Escrito por Nicolas Lévesque, psicólogo, ensaísta e editor, e por Catherine Mavrikakis, romancista, esse livro explora a multiplicidade de aspectos ligados ao tema da pele, da tatuagem e das roupagens reais e simbólicas que encobrem o corpo.

⁴¹Tal conceito engloba cirurgias plásticas e outros procedimentos, como as técnicas do *piercing* e da tatuagem, o consumo de esteroides, através dos quais a anatomia deixa de ser um destino. O *body modification* – que Michael Jackson ilustrou muito bem – problematiza as dicotomias estabelecidas, neutraliza as fronteiras entre masculino e feminino, entre homem e máquina e confunde as identidades étnicas. (VILLAÇA; GÓES, 1998, p.63)

Para se investigar o lugar do corpo inserido na História, presente em obras literárias e plásticas, será buscado apoio na série de três consistentes volumes dirigida por especialistas de peso: Georges Vigarello, Alain Corbin e Jean-Jacques Courtine. Trata-se da obra *Histoire du corps*, distribuída em três partes: 1. *De la Renaissance aux Lumières*; 2. *De la Révolution à la Grande Guerre*; 3. *Les mutations du regard. Le XXe siècle*. Em cada um desses tomos, a colaboração de outros historiadores abre um rico leque de perspectivas para se ler a corporeidade e suas mutações ao longo do tempo.

Ainda sob a perspectiva histórica será importante o apoio de Michel de Certeau, não só para refletir sobre as práticas espaciais e “artes de fazer” no interior das quais o corpo desempenha importante função, mas, sobretudo, para se abordar as escritas sobre o corpo. Em seu livro *A escrita da História*, De Certeau salienta o nascimento da medicina e da historiografia modernas que se interessam não apenas pelo corpo visto, mas pelo corpo sabido, “texto a ser decifrado pela medicina, para quem o corpo se torna um quadro legível e tradutível enquanto código que espera para ser decifrado, interioridade aberta como um livro, cadáver mudo diante do olhar investigador.” (2011, p.XVII) A partir dessa metáfora, confirma-se que seria produtivo ler as Américas como corpo, o que sugere um trabalho de decifração e de tradução do que ele tem de familiar e de estrangeiro, de prazeroso e de doloroso.

A contribuição da antropologia e da sociologia para a pesquisa em questão será conferida pela leitura das inúmeras publicações de David Le Breton. Com ele, será possível refletir sobre o imaginário do fim do corpo, que se apresenta, nos dias de hoje, sob a forma do desaparecimento da carne no âmbito de uma sexualidade cibernética (LE BRETON, 2007, p.164) e da tecnociência médica, biopoder que controla a procriação feita fora do corpo. Visto como prótese ou rascunho pelo olhar do antropólogo, o corpo é considerado manipulável, orientado “por um imperativo de se transformar, de se modelar, de se colocar no mundo.” (LE BRETON, 2007, p.31) O foco da sociologia confirma a ideia de que o corpo “está no cruzamento de todas as instâncias da cultura” (LE BRETON, 1992, p.35) e é o vetor semântico por meio do qual se estabelece a relação do indivíduo com o mundo.

Para abordar a arte do corpo em movimento – a dança – a pesquisa se apoiará na leitura da obra *Le corps et sa danse* do psicanalista Daniel Sibony. Segundo ele, a dança encarna a possibilidade de se simbolizar com o corpo, de expandir seus limites e de sair

da inércia. Graças a ela, o corpo fala de outro modo, deixa-se impregnar por outros significados, desviando-se de qualquer função utilitária. Associada às promessas do devir, essa arte aponta a incompletude do corpo e anuncia “le corps à venir”. Pelo fato de não poder prescindir de um espaço, a dança coloca em cena a questão do lugar: é a busca de um lugar, às vezes impossível, que impulsiona o indivíduo a se deslocar dos usos corriqueiros de seu corpo. Além de ser uma espécie de manifestação do corpo-acontecimento, ela é também uma escrita: “trata-se de escrever um texto com o corpo, uma textura de movimentos a serem decifrados, interpretados.” (SIBONY, 1995, p.288)

A pele⁴² constitui um eixo semântico de grande produtividade para o desenvolvimento de reflexões sobre o corpo como lugar de escrita. Para tanto, o *Dictionnaire du corps*, organizado por Bernard Andrieu, professor de epistemologia do corpo e de práticas corporais na Nancy Université, e por Gilles Boëtsch, antropobiologista e presidente do conselho científico do CNRS, abrirá caminhos de análise. Para eles, a pele é a “página acessível para escrever a história viva de acontecimentos cujas cicatrizes são as marcas visíveis.” (ANDRIEU; BOËTSCH, 2008, p.241). Ainda segundo os mesmos autores, “entre superfície e interioridade, a pele é um palimpsesto individual.” (ANDRIEU; BOËTSCH, 2008, p.241). Outra obra organizada a quatro mãos, por Gilles Boëtsch e Federica Tamarozzi, *Morceaux exquis: le corps dans les cultures populaires*, também publicada pelo CNRS, consagra algumas páginas ao estudo da simbologia da pele. Para os organizadores desse livro, a pele permite o desenvolvimento de um conhecimento tátil fundamental, saber indissociável da vida prática, social, cultural, intelectual e afetiva. (BOËTSCH; TAMAROZZI, 2011, p.65)

É também na esfera dos afetos que se coloca o conceito⁴³ de *Moi-peau*, criado pelo psicanalista Didier Anzieu. Por esse conceito, ele designa uma representação primária e metafórica do Ego, elaborada pela criança na fase precoce de sua vida, que se apoia na sensibilidade do tato. Como representação psíquica, o *Moi-peau* emerge dos jogos entre o corpo da mãe e o do bebê, de onde decorrem as ideias de sustentação e de contenção física e psíquica. Inspirando-se na ideia da pele como envelope do corpo, Anzieu considera que o Ego tende a envolver o aparelho psíquico, ou seja, a pele fornece ao aparelho psíquico as representações constitutivas do Ego e de suas principais

⁴²A representação da pele como eixo semântico muito rico está presente na mitologia (como nas histórias do Leão da Nemeia, do sátiro Marsias), nos contos de fada (como em *Peau d'âne*, de Perrault), na literatura (como em *Peau de chagrin*, de Balzac, *Balzac et la petite tailleuse chinoise*, de Daí Sijie).

⁴³ Para Anzieu, trata-se mais de uma metáfora do que de um conceito. (ANZIEU, 1995, p.28)

funções. Concebendo a pele no plano orgânico e no plano imaginário, Anzieu a analisa como sistema de proteção de nossa individualidade e como primeiro instrumento e lugar de trocas com outrem. (ANZIEU, 1995, p.25). Para o psicanalista, a pele apresenta um estatuto de intermediário, de entre-dois, sendo, ao mesmo tempo, permeável e impermeável, superficial e profunda, sólida e frágil. (ANZIEU, 1995, p.39). Dentre as funções do *Moi-peau* elencadas por Anzieu, interessam ao presente projeto a de estocagem, ligada ao armazenamento da memória. (ANZIEU, 1995, p.131), e a de inscrição de marcas sensoriais. Para Anzieu, o “*Moi-peau* é o pergaminho originário, que conserva, à maneira de um palimpsesto, os rascunhos rasurados, arranhados, sobrecarregados de uma escrita ‘originária’, pré-verbal feita de marcas cutâneas.” (ANZIEU, 1995, p.128) Ao tratar da representação da superfície corporal e do *Moi-peau* como página metafórica, ele evoca as inscrições infamantes impostas aos condenados na obra *Colônia Penal* de Kafka, na qual a máquina infernal da violência grava na pele dos prisioneiros, em letras góticas, o artigo do código que eles teriam transgredido. (ANZIEU, 1995, p.129)

Para melhor anunciar aqui percursos metodológicos a serem traçados ao longo da pesquisa que, como já foi dito, contemplará produções culturais e literárias francófonas e brasileiras das Américas, podem ser elencados alguns aspectos a serem desenvolvidos⁴⁴:

1. Representações da pele e do corpo na literatura antilhana
2. Figurações do feminino: desvios e devires do corpo
3. A troca simbólica de pele na situação exilar
4. Marcas e cicatrizes: a História ressignificada
5. A fabricação do corpo na era cibernética e biomédica
6. Corpos descartáveis e lugares da precariedade

Cronograma

⁴⁴Ao longo da pesquisa, outros eixos semânticos ligados às escritas do corpo podem ser escolhidos, assim como outras obras literárias e produções culturais, outros ensaios podem ser acrescentados a este primeiro recorte metodológico.

A distribuição das atividades previstas contemplará os diferentes aspectos levantados como percursos metodológicos a serem seguidos.

Março a julho de 2015

Atualização bibliográfica. Leitura de obras críticas e literárias que abordam a questão do corpo. Preparação e oferecimento de curso junto à Pós-Graduação Lato Sensu, centrado na representação do corpo – e, em particular, da pele – em obras antilhanas. Apresentação de projeto junto ao processo seletivo do PIBIC-UFF. Seminários internos com orientandos (Pós-Doutorado, Doutorado, Mestrado e PIBIC). Elaboração de comunicações a serem apresentadas em congressos e de artigo para periódico com corpo editorial.

Agosto a Dezembro de 2015

Redefinição do *corpus* literário e crítico. Aprofundamento das reflexões sobre a representação da pele e do corpo na literatura antilhana, com a inclusão de filmes, como *Vers le Sud*, de Laurent Cantet, baseado no universo de Dany Laferrière. Seminários internos com orientandos. Elaboração de texto a ser publicado. Participação em eventos científicos com apresentação de trabalho. Participação, como orientadora, do Seminário de Iniciação Científica e Prêmio Vasconcelos Torres da UFF.

Janeiro a Fevereiro de 2016

Alargamento bibliográfico. Leituras e elaboração de texto sobre a temática “Figurações do feminino: desvios e devires do corpo”. Preparação de curso de Mestrado e Doutorado.

Março a Julho de 2016

Oferecimento de curso de Mestrado e Doutorado sobre a temática “Figurações do feminino: desvios e devires do corpo”. Seminários internos com bolsistas e orientandos. Apresentação de projeto junto ao processo seletivo para escolha de novos bolsistas de PIBIC-UFF. Elaboração de capítulo de livro e de comunicações. Participação em eventos científicos com exposição de trabalho.

Agosto a Dezembro de 2016

Alargamento bibliográfico. Exploração da temática “A troca simbólica de pele na situação exilar”. Seminários internos com orientandos. Participação, como orientadora,

do Seminário de Iniciação Científica e Prêmio Vasconcelos Torres da UFF. Elaboração de comunicações. Participação em eventos científicos com apresentação de trabalho.

Janeiro e Fevereiro de 2017

Balanco das atividades realizadas até então. Definição de novas metas que se fizerem necessárias. Elaboração de texto crítico.

Março a Julho de 2017

Apresentação de projeto junto ao processo seletivo para escolha de novos bolsistas de PIBIC/UFF. Desenvolvimento da temática “Marcas e cicatrizes: a história ressignificada”. Alargamento de bibliografia. Elaboração de textos críticos sobre o tema. Seminários internos com orientandos. Participação em eventos científicos com apresentação de trabalho.

Agosto a dezembro de 2017

Oferecimento de Curso de Mestrado e Doutorado sobre a temática “A fabricação do corpo na era cibernética e biomédica”. Seminários internos com orientandos. Elaboração de comunicações e capítulo de livro. Participação em eventos científicos com apresentação de trabalho. Participação, como orientadora, do Seminário de Iniciação Científica e Prêmio Vasconcelos Torres da UFF.

Janeiro e fevereiro de 2018

Balanco das atividades realizadas até então. Elaboração de texto sobre a temática “A fabricação do corpo na era cibernética e biomédica”.

Março a Julho de 2018

Alargamento de bibliografia. Participação no processo seletivo de escolha de futuros bolsistas de PIBIC-UFF. Exploração do tema “Corpos descartáveis e lugares da precariedade”. Preparação de textos críticos a serem publicados. Seminários internos com bolsistas e orientandos. Participação de eventos com apresentação de trabalho.

Agosto a Novembro de 2018

Continuação da temática “Corpos descartáveis e lugares da precariedade”, a partir de alargamento bibliográfico. Elaboração de comunicações. Participação em eventos com apresentação de trabalho. Seminários internos com bolsistas de PIBIC/UFF, mestrandos e doutorandos. Participação em eventos com apresentação de trabalho.

Dezembro de 2018, Janeiro e Fevereiro de 2019

Balço final das atividades realizadas no âmbito da pesquisa. Elaboração de relatórios para o CNPq. Encontros com bolsistas e orientandos

Bibliografia:

Obras de cunho teórico e crítico

ANDRIEU, Bernard; BOËTSCH, Gilles. *Dictionnaire du corps*: Paris: CNRS Éditions, 2008

ANZIEU, Didier. *Le Moi-peau*. Paris: Dunod, 1995

ARAÚJO, Leusa. *Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo*. São Paulo: Cosac Naify, 2005

BARTHES, Roland. Encore le corps. In: *Oeuvres complètes V: livres, textes, entretiens*. 1977-1980. Paris: Seuil, 2002

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005
1977-1980. Paris: Seuil, 2002

BECKER, Annette. Exterminations. Le corps et les camps. In: _____ . *Histoire du corps 3*. Les mutations du regard. Le XXe siècle. Paris: Seuil, 2006

BERND, Zilá. *Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea a partir dos rastros*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013

BOËTSCH et TAMAROZZI. *Morceaux exquis: le corps dans les cultures populaires*. Paris: CNRS Éditions, 2011

BOGÉA, Inês (org.) *Oito ou nove ensaios sobre o Grupo Corpo*. São Paulo: Cosac Naify, 2007

BOUCHARD, Gérard. Littérature et culture nationale du Québec: le clivage culture savante/culture populaire. In: PORTO, Maria Bernadette (org.) *Fronteiras, passagens, paisagens na literatura canadense*. Niterói: EdUFF/ABECAN, 2000

CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien 1*. Arts de faire. Paris: Gallimard, 1990

_____ et alii. *L'invention du quotidien 2. Habiter cuisiner*. Paris: Gallimard, 1994

_____ . *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2011

COHEN, Renato. *Performance como linguagem: criação de um tempo-espaço de experimentação*. São Paulo: Perspectiva, 2009

CONDÉ, Maryse. *Moi, Tituba, sorcière... noire de Salem*. Paris: Mercure de France, 1986

CORBIN, Alain; Courtine, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (dir.). *Histoire du corps 1. De la Renaissance aux Lumières*. Paris: Seuil, 2005 a

_____ . *Histoire du corps 2. De la Révolution à la Grande Guerre*. Paris: Seuil, 2005 b

_____ . *Histoire du corps 3. Les mutations du regard. Le XXe siècle*. Paris: Seuil, 2006

CYRULNIK, Boris. *De corpo e alma: a conquista do bem estar*. São Paulo: Martins Fontes, 2009

DEPESTRE, René. *Bonjour et adieu à la négritude*. Paris: Robert Laffont, 1980

DOUEK, Sybil Safdie. *Memória e exílio*. São Paulo: Escuta, 2003

FANON, Frantz. *Peau noire, masques blancs*. Paris: Seuil, 1952

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977

GLISSANT, Édouard. *Introduction à une poétique du divers*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 1995

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

HANCIAU, Nubia. *A feiticeira no imaginário ficcional das Américas*. Rio Grande: Editora da FURG, 2004

HAREL, Simon. *Espaces en perdition: les lieux précaires de la vie quotidienne*. Tome 1. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2007

_____ . *Espaces en perdition: humanités jetables*. Tome II. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2008

KHATIBI, Abdelkébir. *Le corps oriental*. Paris: Hazan, 2002

LAPIERRE, Arnaud. *L'empreinte: le sens de l'absence*. Mémoire de fin d'études sous la direction de Marie-Haude Caraës. E.N.S.C.I. Les Ateliers, 2006

LAROCHE, Maximilien. Bizango, o camaleão voador. In: BERND, Zilá (org.). *Escrituras híbridas: estudos de literatura comparada interamericana*. Porto Alegre:Ed. Universidade-UFRGS, 1998

LE BRETON, David. *La sociologie du corps*. Paris: PUF, 1992

_____. Adeus ao corpo. In: NOVAES, Adauto (org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 a

_____. *La peau et la trace: sur les blessures de soi*. Paris, Métailié, 2003 b

_____. *Anthropologie de la douleur*. Paris: Métailié, 2006

_____. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 2007

_____. *La chair à vif: de la leçon d'anatomie aux greffes d'organes*. Paris: Métailié, 2008

_____. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

LEPAGE, Élise. Nancy Huston, empreintes et failles d'une mémoire sans frontières. In: *Francophonie d'Amérique*, 29, 2010

LÉVESQUE, Nicolas; MAVRIKAKIS, Catherine. *Ce que dit l'écorce*. Montréal: Nota Bene, 2014

MACIEL, Maria Esther. Corpo, imagem e escrita. In: *Revista UFMG*, vol.19, n.1 e 2. Belo Horizonte: UFMG, jan./dez. 2012

MAXIMIN, Daniel. *Les fruits du cyclone: une géopoétique de la Caraïbe*. Paris: Seuil, 2006

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*:Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009

NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Paris: Métailié, 2006

ORLAN. *De l'art charnel au baiser de l'artiste*. Paris: Jean-Michel Place, 1997

PORTO, Maria Bernadette. Trânsitos e lugares da extraterritorialidade na poética das migrações. In: *Gragoatá 17*. Revista do Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói: EdUFF, 1996

QUASIMODO n° 7. Modifications corporelles. Montpellier, printemps 2003

QUENTIN, Caffier. *La représentation de la souffrance en photographie: images de blessures, blessures d'images et images blessantes*. Mémoire de fin d'étude et de recherche appliqué. ENS Louis Lumière, 2008

ROBIN, Régine. *Le Golem de l'écriture: de l'autofiction au Cybersoi*. Montréal: XYZ, 1997

_____ . *La mémoire saturée*. Paris: Stock, 2003

ROLLA, Marco Paulo. O corpo da performance. In: *Revista UFMG*, vol.19, n.1 e 2. Belo Horizonte: UFMG, jan./dez. 2012

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

SARDUY, Severo. *Escrito sobre um corpo*. São Paulo: Perspectiva, 1979

SELLIGMAN-SILVA, Márcio (org.) *História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora UNICAMP, 2003

SFEZ, Lucien. *La santé parfaite*. Critique d'une nouvelle utopie. Paris: Seuil, 1995

SIBONY, Daniel. *Le corps et sa danse*. Paris: Seuil, 1995

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joëlle; OLVEIRA, Cláudia de. *Corpo: identidades, memórias e subjetividades* (org.). Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

VENTURA, Zuenir. Viva o corpo brasileiro. In: BOGÉA, Inês (org.) *Oito ou nove ensaios sobre o Grupo Corpo*. São Paulo: Cosac Naify, 2007

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988

_____ . Sujeito/Abjeto. *LOGOS 25: corpo e contemporaneidade*. Ano 13, 2º semestre 2006

_____. Os imageiros do contemporâneo: representações e simulações. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joëlle; OLVEIRA, Cláudia de. *Corpo: identidades, memórias e subjetividades* (org.) Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

VENTURA, Zuenir. Viva o corpo brasileiro. In: BOGÉA, Inês (org.) *Oito ou nove ensaios sobre o Grupo Corpo*. São Paulo: Cosac Naify, 2007

WEIL, Pierre Weil; TOMPAKOW, Roland. *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1986

Obras literárias ⁴⁵

CHEN, Ying. *La mémoire de l'eau*. Québec : Leméac, 1992

_____. *L'ingratitude*. Montréal: Leméac, 1995

_____. *Querelle d'un squelette avec son double*. Montréal: Boréal, 2003

DAMAS, Léon Gontran. *Pigments. Névralgies*. Paris: Présence Africaine, 1971

DE LILLO, Don. *A artista do corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
FREIRE, Marcelino. *Angu de sangue*. Ateliê Editorial, 2000

_____. *Nossos ossos*. Rio de Janeiro: Record, 2013

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2011

HÉBERT, Anne. *Les enfants du sabbat*. Paris: Seuil, 1975

_____. *Le torrent*. Montréal: Hurtubise/HMH, 1976

_____. *Le premier jardin*. Paris: Seuil, 1988

HUSTON, Nancy. *La virevolte*. Montréal: Leméac, 1994

_____. *Instrument des ténèbres*. Québec: Babel, 1996

_____. *Lignes de faille*. Montréal: Actes Sud/Leméac, 2006

_____. *L'empreinte de l'ange*. Montréal: Actes Sud, 1998

KHATIBI, Abdelkébir Khatibi. *La mémoire tatouée*. Paris: Denoël, 1971

⁴⁵Como foi dito anteriormente, a pesquisa elegeu como *corpus* obras literárias do Quebec, das Antilhas e do Brasil. Todavia, alguns títulos fora desse recorte foram incluídos no projeto, dada a sua importância para se tratar da temática do corpo.

- _____. *Féerie d'un mutant*. Paris: Le Serpent à Plumes, 2005
- LAFERRIÈRE, Dany. *Je suis un écrivain japonais*. Montréal: Boréal, 2008
- LATTIF GHATTAS, Mona. *Le double conte de l'exil*. Montréal: Boréal, 1990
- LISPECTOR, Clarice. *A via-crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998
- LUFT, Lya. *A asa esquerda do anjo*. Rio de Janeiro: Record, 2010
- MIRANDA, Ana. *Amrik*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997
- MOUAWAD, Wajdi. *Incendies*. Montréal: Actes Sud, 2011
- OLLIVIER, Émile. *Regarde, regarde les lions*. Paris: Albin Michel, 2001
- PÉAN, Stanley. *Bizango*. Montréal: Les Allusifs, 2011
- PENNAC, Daniel. *Journal d'un corps*. Paris: Futuropolis Gallimard, 2013
- PÉPIN, Ernest. *L'Homme-au-Bâton*. Paris: Gallimard, 1992
- POULIN, Jacques. *Le coeur de la baleine bleue*. Ottawa: Leméac, 1987
- PROULX, Monique. *Les aurores montréalaises*. Montréal: Boréal, 1997
- _____. *Homme invisible à la fenêtre*. Montréal: Boréal, 2001
- ROBIN, Régine. *L'immense fatigue des pierres*. Montréal: Boréal, 1996
- _____. *Cybermigrances: traversées fugitives*. Montréal: VLB, 2004
- ZOBEL, Joseph. *Laghia de la mort*. Écrits. Paris: Présence Africaine, 1978

Filmes

- A pele que habito*. Direção: Pedro Almodóvar. Roteiro: Pedro Almodóvar e Agustín Almodóvar. 2011
- Incêndios*. Direção e roteiro de Denis Villeneuve. 2010
- Vers le Sud*. Direção de Laurent Cantet. 2005
- O livro de cabeceira*. Direção e roteiro: Peter Greenaway. 1996

Filmes de animação (ligados à dança)

Ballet Adagio. In: MC LAREN, Norman. *L'Intégrale*. Office National du Film du Canada, 2006

Narcisse. In: MC LAREN, Norman. *L'Intégrale*. Office National du Film du Canada, 2006

Pas de deux. In: MC LAREN, Norman. *L'Intégrale*. Office National du Film du Canada, 2006

Curtas

FURTADO, Jorge. Ilha das Flores. In: *Curtas*. DVD. Casa de Cinema de Porto Alegre, 1989

PRADO, Marcos. *Estamira*. Direção e roteiro: Marcos Prado. Produção: Marcos Prado e José Padilha. Depoimentos: Estamira e outros. Distribuição: Rio filme / Zazen Produções Audiovisuais, 2004

WALKER, Lucy (dir.) *Lixo extraordinário*. 2009

11.3. Projeto de pesquisa: Escritas do exílio: habitar e representar a distância (encerrado)

Apresentação e justificativa

Prática fundamental da existência e nova condição de nosso imaginário (OUELLET, 2005, p.10), o exílio não se restringe à ideia de deslocamento espacial, revestindo-se de novos sentidos no cenário da contemporaneidade⁴⁶. Experiência da perda, da ausência e da separação, o exílio desencadeia a tomada de consciência do existir⁴⁷ e de uma dupla distância – em relação ao país natal e à terra de adoção. Ao oscilar entre os apelos da ruptura e da promessa, da memória e da esperança, o exílio supõe uma complexa relação do ser humano com o espaço e o tempo, e com sua própria origem, favorecendo a vivência do luto e as releituras identitárias.

⁴⁶Embora tenha sempre existido na história da humanidade, o exílio se tornou mais visível nos últimos tempos. Como afirma Nubia Hanciau, atualmente quase todas as grandes cidades “abrigam um grande número de deslocados, exilados voluntários ou não, que atravessam as fronteiras, rompem barreiras do pensamento e da experiência (...)”(HANCIAU,2009, p.129)

⁴⁷ Segundo o filósofo Shmuel Trigano (2001,p.9), antes de conhecer o exílio o homem não é capaz de perceber o significado do existir, o que supõe o papel da distância na apreensão de si mesmo e do mundo.

Após a quebra da continuidade de seu viver, o sujeito exilado descobre que ele habitara até então um lugar (TRIGANO, 2001, p.17), no qual construíra uma história junto a seus pares. Reduzido, pela primeira vez, a si mesmo (TRIGANO, 2001, p.18), sem o apoio de laços de segurança (ainda que questionáveis), sente-se subtraído de um modo de estar no mundo, compartilhado com outros no âmbito de sua cultura. Destituído de seus pontos de referência, cabe-lhe reinventar-se, encarar a origem não como algo fixado no passado, mas como um vir a ser que lhe descortina outras potencialidades, orientadas em direção ao futuro. Vivenciando as (im)possibilidades do entre-dois (SIBONY), o exilado experimenta impasses e promessas a serem atualizadas, o que requer uma atitude disponível para aceitar as metamorfoses e a aprendizagem da relativização. Como pensa Todorov, tal experiência corresponde a um distanciamento em relação ao que parecia evidente e leva os indivíduos deslocados de sua terra natal a assumirem um olhar de espanto e de interrogação que lhes permite distinguir o absoluto do relativo. (TODOROV, 1996, p.25)

Em seu texto já clássico “Reflexões sobre o exílio”, em sintonia com George Steiner, para quem todo um gênero da literatura ocidental do século XX é extraterritorial, Edward Said reconhece que grande parte da cultura do Ocidente é obra de exilados, emigrantes e refugiados. (SAID, 2003, p.46). Em nossa época, marcada pelas grandes migrações pós-coloniais, na qual, por motivos diversos, numerosas pessoas e comunidades são arrancadas de seus territórios, de suas tradições, de suas paisagens afetivas, a literatura constitui um domínio privilegiado para se analisar as inúmeras faces do exílio⁴⁸, seu caráter desestabilizador, suas figuras exemplares e suas implicações na vida pessoal e coletiva de seres desterritorializados.

Além de representar, como propôs Edward Said, uma fratura incurável entre um indivíduo e um lugar natal; um estado de ser descontínuo e uma perda de contato com a solidez, a experiência exilar apresenta aspectos positivos, como a descoberta da alteridade. Alteridade identificada, antes de tudo, pelo exilado no interior de si mesmo,

⁴⁸Como um conceito guarda-chuva, o exílio remete a diversas formas de disjunção que afastam o indivíduo de seu espaço identitário original, podendo ser vivido de modo mais ou menos traumático. Ter optado livremente pelo exílio pode neutralizar a dor da ruptura, muito mais suportável do que a conhecida de perto por quem foi expulso de seu país, mas ainda assim trata-se de uma experiência difícil e desestruturante. Além disso, não é preciso ter deixado seu país para se conhecer a experiência exilar: é o que experimenta a personagem Sassa do romance epistolar *Les lettres chinoises* de Ying Chen (1993) que, ao contrário de seu noivo – que descobre as contradições do exílio em Montreal – não precisa sair de sua cidade para se sentir estrangeira. É também o que explica a vivência da frase “La vraie vie est ailleurs”, recorrente nas obras de Anne Hébert, sem que haja, necessariamente, uma história de exílio geográfico.

pois, como pensa o autor do ensaio *Le temps de l'exil*, “a consciência de uma estranheza íntima o invade”. Por ter adquirido um olhar mais apurado sobre sua própria trajetória, ele se pergunta se continua a ser o “eu-mesmo” ou se, com sua nova condição, tornou-se um “eu-outro”. (TRIGANO, 2001, p.39). Para o mesmo filósofo, “propedêutica à convivialidade e ao diálogo que coloca dois sujeitos frente a frente”, o exílio é também “uma experiência de hospitalidade” (TRIGANO, 2001, p.81). Sensível às profundas modificações de seu cotidiano, “o exilado descobre então que habitar é ser estrangeiro” (TRIGANO, 2001, p.86). Tal ideia é confirmada nas palavras do poeta e ensaísta quebequense de origem haitiana Joël des Rosiers: “O verdadeiro lugar do nascimento é aquele em que se tem, pela primeira vez, um olhar estrangeiro sobre si mesmo: minhas primeiras pátrias foram terras estrangeiras” (ROSIERS, 1996, p.75). Associado à visão da criança que se pergunta o porquê de todas as coisas, o olhar estrangeiro se fundamenta na interrogação e no distanciamento críticos, capazes de desestabilizar certezas e verdades construídas.

Visto como uma forma simbólica de nascimento, o exílio orienta-se em direção ao futuro, a novos horizontes. Falar dessa vivência é também levar em conta a transmissão de uma condição ao longo do tempo, através do advento de novas gerações. Aos olhos do psicanalista Jacques Hassoun, na expressão “nascer no exílio”, a justaposição de termos antagônicos indica uma contradição, uma vez que sugere um nascimento deslocado, fora da terra de origem dada como natural (HASSOUN, 1993, p.61). Em outras palavras, insinuam-se aí uma defasagem equivalente à separação do corpo de sua terra natal, a não-coincidência do sujeito com o lugar em que nasceu, a perda da identidade encarada como algo estável, transmitido pela tradição.

No caso específico dos imigrantes – uma das inúmeras faces do exilado -, sua condição lhes traz a sensação do transitório e do não-duradouro. Em seu livro *Aimigração ou os paradoxos da alteridade*, Abdelmalek Sayad, sociólogo argelino, orientador de pesquisas no CNRS da França, define o imigrante como “uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito” (SAYAD, 1998, p.54). Dependente do trabalho e, mais especificamente do “mercado de trabalho para imigrantes” que lhe designa um lugar no país de adoção, ele “desaparece no momento em que desaparece o trabalho que os cria a ambos.” (p.55). *Atopos*, deslocado, nem cidadão nem estrangeiro, na fronteira entre o ser e não-ser, situa-se em um lugar “bastardo” (SAYAD, 1998, p.11).

Para a escritora, ensaísta, historiadora e socióloga Régine Robin, o exílio é constitutivo de todo escritor, mesmo quando ele não conhece a desterritorialização. Isso porque não lhe é possível situar-se completamente em sua ou suas línguas, coincidir consigo mesmo ou com seu passado individual, familiar ou coletivo. (ROBIN, 1993, p.9) Para a autora do livro *Le deuil de l'origine: une langue en trop, la langue en moins*, somente na escritura o escritor consegue ocupar um lugar de sujeito. Inspirando-se em Derrida e em outros autores, Robin se vale de uma aproximação metafórica para designar a condição paratópica⁴⁹ de todo escritor: sua identificação à figura do judeu em virtude da fratura, da fissura, da não-coincidência já apontadas.

Em qualquer situação exilar – seja ela de caráter geográfico, pessoal, coletivo, ontológico, político etc – ressalta-se seu caráter produtivo: trata-se da possibilidade de se transmitir a vivência através da linguagem (relato, escrita epistolar, texto autobiográfico, auto-ficção, romance, poema, ensaio, entre outras formas). Desse modo, “a experiência da ausência se torna formulável” (TRIGANO, 2001, p.35) em função da mobilidade que pode trazê-la à presença nas páginas e no palco da escrita. Prática eficaz para se atenuar e se representar o vazio e a distância, a escrita do exílio assume o valor do luto, através do trabalho sobre a dor e a ruptura.

Enquanto travessia – que vai além da esfera topográfica –, a prática exilar requer outro tipo de trânsito nas searas da linguagem: a atividade tradutória, que supõe a passagem entre línguas e culturas, as relações complexas entre o familiar e o estrangeiro, o próximo e o distante. Em seu texto “Patries imaginaires”, Salman Rushdie lembra a etimologia do verbo “traduzir” que se origina de *traducere*: levar além. Identificando-se com autores que foram levados a morar longe de seu lugar de nascimento, considera-se um homem traduzido. (RUSHDIE, 1993, p.28). Como ele, muitos outros escritores empreendem em seus textos marcados por uma dupla distância um processo de tradução inacabada.

Abordar a temática do exílio leva necessariamente a uma reflexão sobre sua vivência na expressão linguística. Segundo Pierre Ouellet, a consciência do exílio pode ser detectada no interior da própria língua onde se manifesta a condição asilar e exilar do homem (OUELLET, 2005, p.11). Em outra de suas obras, *Asiles: langues d'accueil*,

⁴⁹Segundo Maingueneau (2001), o conceito de paratopia designa a situação de todo escritor, visto como alguém que perdeu seu lugar e que tenta, através de sua obra, construir um território através da difícil negociação entre um lugar e um não-lugar.

o mesmo pensador quebequense faz alusão à criação de línguas, de culturas e de histórias que são abrigos, refúgios, lugares da segurança e do acolhimento. (OUELLET, 2002, p.7). Parecendo ilustrar o pensamento de Ouellet, em seu romance *Nous avons tous découvert l'Amérique*, a autora quebequense Francine Noël dá realce à metáfora do francês como nova torre de Babel no Quebec, capaz de abrigar vozes, culturas e memórias plurais, acolhendo todos os que nasceram em solo quebequense ou os que o escolheram como lugar de suas histórias de apropriações e desapropriações. (NOËL, 1992, p.284). “Ponto de contato entre todas as pessoas que acreditaram ter enfim chegado a algum lugar”, como na “Babilônia-antes-do-raio” em que “a língua servia de laço entre os povos, agindo como argamassa que solda os tijolos do edifício” (NOËL, 1992, p.283), aos olhos de Noel, o francês deveria desempenhar um papel relevante nos contatos culturais do Quebec atual.

Também no contexto antilhano, fortemente diaspórico (HALL, 2003), as relações entre línguas, memórias e referências culturais evocam o aspecto asilar de Babel⁵⁰. Apostando na liberação do imaginário capaz de romper as clausuras do pensamento redutor, o crítico, pensador e escritor antilhano Édouard Glissant, declara ser possível, em todas as línguas, a construção da torre de Babel, revisitada pela poética da Relação (GLISSANT, 1990, p.123). O romance *Tambour-Babel* (1996) de Ernest Pépin (Guadalupa) atualiza o mesmo mito bíblico, através da caracterização desse instrumento musical como o lugar do encontro que hospeda a diversidade⁵¹. Concentrando todos os silêncios, todas as palavras já ditas e escritas e até mesmo as que existem como virtualidade, o tambor-Babel é a expressão maior da criouliização, com sua imprevisibilidade e inacabamento promissores. Através dessa metáfora, Ernest Pépin mostra a superação do luto causado pelo “exílio” forçado, conhecido pelos “migrantes nus” (GLISSANT, 1995, p.13) que aportaram nas Américas no interior de navios negreiros, primeiro espaço da desapropriação identitária.

Ao contrário da representação do idioma como Babel acolhedora proposta por Pierre Ouellet e Francine Noël, a língua materna pode não ser encarada como abrigo em outras obras: é o que constata a personagem imigrante do romance *La Québécoise*, texto

⁵⁰Para melhor aprofundamento da releitura de Babel na contemporaneidade, poderia ser lembrado o projeto “Babel revisitada: a construção de uma poética das línguas nas Américas”, já concluído, desenvolvido por mim com o apoio do CNPq.

⁵¹ Aos olhos do escritor e ensaísta da Guadalupe Daniel Maximin, “a única língua coletiva reconhecida por todo o Caribe é a da música” (2006, p.32), o que confirma a expressividade do tambor, escolhido por Ernest Pépin para traduzir a ideia de Babel que vai além da cultura caribenha, abrindo-se para a poética da Relação (Glissant, 1990).

emblemático da palavra nômade e da identidade fora de lugar. Orientada pelo desejo de ficcionalizar a inquietante estranheza criada pelo choque cultural num país marcado pela hibridação de sons, de formas e pela riqueza da alteridade (ROBIN, 1993, p.208-209), Régine Robin sugere, nas palavras de sua personagem, a distância criada entre uma falante da língua francesa e o mesmo idioma:

Exilada na sua própria língua.
A trouxa sempre pronta
de partida talvez?
Uma palavra imigrante quase muda
sem sombra
sem eco
rachada (ROBIN, 1993, p.95)

E é nesse espaço de estranhamento, de não coincidência entre a francesa de origem e sua língua materna, de fissura no interior de um mesmo idioma que se instalam o olhar desestabilizador de certezas e o distanciamento crítico necessário ao processo criativo⁵². Longe de ser um porto seguro identitário, o francês é aqui mostrado como um não-lugar, avesso às noções de segurança, de hospitalidade e de apropriação. Estar na sua própria língua como um estrangeiro e tirar partido de seu plurilinguismo equivalem a explorar outros usos da mesma, levar em conta “zonas de terceiro mundo linguísticas por onde uma língua escapa” (DELEUZE e GUATTARI, 1975, p.49).

Em seu artigo “En deuil d’une langue?”, apoiando-se em sua própria trajetória e no depoimento de exilados, Julia Kristeva afirma não acreditar no esquecimento total e definitivo da língua original, uma vez que ela pode sempre ser reativada. Ao se referir à sua situação, descreve um percurso significativo: em seus primeiros trabalhos, utilizava uma linguagem técnica, quase internacional e as lembranças de sua língua materna e de seu passado não interferiam na sua escrita. Posteriormente, graças a seu processo analítico, passou a traduzir em francês inscrições pulsionais e passionais dos primeiros anos de sua infância. Quando algumas palavras lhe apareciam em sonhos e em

⁵²As palavras de Daniel Maximin são particularmente reveladoras: “sabe-se muito bem que para se tornar linguagem de ficção, de poesia, de música, toda língua deve ser colocada à distância” (2006, p.32).

lembranças na língua materna, ela tentava captar as sonoridades do búlgaro e encontrar suas correspondências em francês. (KRISTEVA,1992, p.31)

Também para Jacques Hassoun, o exílio é frequentemente uma questão de língua. Para este psicanalista, o exílio não começa quando o trem parte, o navio deixa o cais ou o avião decola, mas quando a língua dos ancestrais é esquecida, desprezada, murmurada (HASSOUN, 1993, p.65). Todavia, resta sempre ao exilado a possibilidade de carregar, de forma camuflada, no mais profundo da subjetividade, a língua do contrabando que teve de ser calada no cotidiano. Idioma capaz de dar um sentido ao existir, de suprir carências, de preencher a ausência, essa língua reaparece, em particular, com toda sua força criadora, em momentos-chave da vida de um indivíduo.

Na obra da escritora de origem argelina Leila Sebbar encontram-se inúmeras alusões a uma língua interdita, fonte de criação e de contínuo questionamento por parte da autora⁵³. Em duas obras em particular, *Je ne parle pas la langue de mon père* (2003) e *L'arabe comme chant secret* (2007), ela revela o segredo de sua inspiração: o fato de nunca ter aprendido o árabe. Embora tenha nascido na Argélia e vivido lá muito tempo, em companhia de seu pai argelino e de sua mãe francesa – professores de francês na escola colonial -, Sebbar nunca aprendeu o idioma paterno, tendo se mantido afastada do mundo árabe. Como seu pai não a aproximou de sua cultura de origem, não teve a oportunidade de entender melhor uma de suas vertentes identitárias. Presa em uma espécie de dilaceramento, ela parece não habitar plenamente seu lugar no mundo, pela impossibilidade de habitar sua cultura de origem que, curiosamente, continua a habitá-la:

Escrevo a violência do silêncio imposto, do
exílio, da divisão, escrevo a terra de meu pai,
colonizada, maltratada (ainda hoje), deportada de
maneira selvagem, escrevo-a na língua de minha
mãe. É assim que posso viver, na ficção, filha de
meu pai e de minha mãe. Traço minhas estradas
argelinas na França.(SEBBAR, 2007, p.50)

⁵³A escritora nasceu em Aflou, pequena cidade da Argélia, durante o período colonial. Aos dezenove anos, na época do fim da guerra da Argélia, muda-se para a França para realizar estudos em Aix-en-Provence, depois em Paris. Só voltou a seu país de origem em algumas ocasiões muito breves.

Escrevendo em francês sobre a superfície de uma ausência - a língua/cultura árabe, ela explora a possibilidade de se habitar simbolicamente o vazio. Sem que seu pai lhe tenha incumbido a tarefa de fazer falar seu próprio silêncio em relação à sua cultura, a autora assume para si a tarefa de significar tal silenciamento. Assim, a língua árabe – que durante muito tempo lhe parecia hostil e perigosa – assume novo estatuto para ela que, após uma longa vivência de exílio na França, lhe dá hospitalidade, mesmo reconhecendo a distância que a separa da história familiar paterna:

Essa língua árabe que, durante muito tempo, os outros consideraram estrangeira – e eu também -, hostil às vezes e perigosa, o árabe de meu pai dá emoção, canto profundo à língua de minha mãe. Deixei vir a língua árabe e ela veio, flexível e redonda, com risadas e cóleras. Ela veio e eu a acolho. Como meu pai fez em relação à língua da França, acolho a estrangeira do país natal. Eu a quero estrangeira com a distância familiar e cúmplice do amor, o árabe do estrangeiro bem amado, meu pai.(SEBBAR,2007, p.74)

Ao escrever o pai no idioma materno, Sebbar exerce a atividade tradutória e promove sua própria reconciliação com uma complicada filiação, marcada por um duplo apelo identitário: “Traduzo a Argélia, traduzo meu pai na língua de minha mãe. Fabrico para ele e para mim uma família imensa dos dois lados do mar. Creio que assim restabeleço a filiação rompida” (SEBBAR, 2007, p.73). Consciente de que mesmo ausente e perdida, a língua paterna continua a habitá-la com seus silêncios, deixa-se invadir por sua música, pelas lembranças de fragmentos de diálogos escutados⁵⁴ em sua infância e adolescência, trocas de palavras entre o pai e seus conterrâneos (familiares, empregadas, mães de alunos da escola colonial). E é sob a ótica do dom que ela concebe

⁵⁴ Em seu livro *L'arabe comme un chant secret*, a autora se refere, em vários momentos, à musicalidade do idioma árabe que ela ouvia sem entender.

seu processo de escrita, o que a faz oferecer ao pai a sua produtividade intelectual que torna presente a ausência, suprimindo distâncias e o silêncio.

Atraída, desde cedo, pelo feminino representado na cultura do pai pela dissimulação sob o véu dos interditos e pela hospitalidade vivenciada na casa da avó paterna, Sebbar colocou em seu livro “todas as mulheres árabes de (seu) pai, muçulmano, monógamo, apaixonado por uma francesa de França durante mais de meio século” (2007, p.62). Identificando-se com as mulheres que usam o véu em sua terra de origem ou que se despojam dele no exílio (2007, p.62), criou inúmeras figuras femininas de peso, como a Sherazade reinventada na contemporaneidade⁵⁵. Cabe lembrar ainda a obra epistolar escrita por Sebbar em parceria com Nancy Huston, outra escritora dos trânsitos por excelência: trata-se de *Lettres parisiennes: autopsie de l'exil* (1986). Ressalte-se aí a estratégia criada pelas duas autoras que, na época da elaboração desse livro, participavam regularmente dos mesmos projetos e reuniões feministas, encontrando-se com frequência. Coube-lhes criar uma distância na produção do livro citado, para melhor refletirem sobre a temática escolhida que supõe a ideia de afastamento e de intervalo.

Representante maior do exílio, a canadense anglófona Nancy Huston que, há muitos anos deixou sua terra natal (a província de Alberta no Canadá) para viver na França, soube tirar partido do entre-dois, conferindo-lhe um sentido promissor. Em muitos de seus ensaios, reflete sobre suas duas línguas de escrita – o inglês e o francês – trazendo uma efetiva contribuição para o estudo dos vínculos entre o exílio e o “imaginário das línguas” (GLISSANT). Ao invés de se considerar como bilíngue, vê-se marcada por um duplo analfabetismo (HUSTON, 1986, p.77). Como pensa Vanessa Massoni da Rocha, valendo-se da fricção entre as duas línguas, Huston busca criar para si mesma uma língua, ‘que nasça dos diálogos e nos silêncios entre o inglês e o francês’ (2010, p.291).

Após muitos anos de distanciamento de sua língua materna, que coincidiu com o abandono de sua pátria, Nancy Huston assume um retorno ao mesmo idioma. Enriquecido “por uma longa e amorosa prática de uma língua estrangeira” – o francês – (HUSTON, 1995, p.260) o inglês é falado por ela com imperfeições e com sotaque, o que se dá ainda no exercício do francês, língua estrangeira tornada familiar. Não

⁵⁵ Ver os romances *Schérazade, 17 ans, brune, frisée, les yeux verts* (1982), *Les carnets de Schérazade* (1985), *Le fou de Schérazade* (1991)

coincidindo perfeitamente com nenhum idioma e com nenhuma identidade, ela se sente profundamente canadense na convivência de duas línguas que “não querem se reunir, se dar as mãos, falar entre si”, reivindicando “toda a ambiguidade de sua situação”(HUSTON, 1995, p.261).

A adoção do francês como língua de escrita por Nancy Huston trouxe-lhe a necessária distância que favorece seu processo criativo. Interrogando-se sem cessar sobre suas incertezas linguísticas diante do idioma estrangeiro, escapa à pretensa segurança que se tem na língua materna. Ao se reconhecer como estrangeira em toda parte, a autora aceita se desorientar, “perdre le Nord”⁵⁶, captando uma percepção de si mesma própria a todo exilado que se sente múltiplo, em contínua procura identitária.

Na obra de algumas autoras do exílio, a ideia de busca se revela como uma longa caminhada que pode ser lida no âmbito de uma geopoética. Ao revisitar sua própria trajetória, Leïla Sebbar afirma que, para chegar a assumir o “eu”, precisou andar durante muito tempo, “falar e viver a distância real, próxima do imaginário”, e ouvir, longe do país natal, a voz da língua de seu pai, “a língua estrangeira, a estrangeira íntima” (SEBBAR, 2007, p.63). Por sua vez, em um livro de título expressivo, *Quatre mille marches*, a escritora de origem chinesa Ying Chen, nome importante da chamada literatura migrante do Quebec, explora a noção de errância e a dupla distância em relação à terra natal e ao país de adoção. Levada pelo desejo de sair de uma realidade previsível e definida antes mesmo de seu nascimento, optou por uma vida sem laços em um outro lugar. Entretanto, dá-se conta, hoje, de que “partiu mas não chegou”, de que seu destino está aos pedaços e de que se situa entre o ponto de partida e o alhures (CHEN, 2004, p.35). Nesse hiato existencial, declara sua incompatibilidade com o país em que se encontra: “Habitó uma terra que me é muito distante. Às vezes, sinto-me um pouco cansada, mas não ousou parar. (...) enquanto eu respirar, estarei na estrada e não terei repouso. (CHEN, 2004, p.74). Nessa citação, em que se insinua a ideia do filósofo Shmuel Trigano, para quem o exílio abre possibilidades de futuro, reitera-se a sugestão de se habitar a distância, norteadora do projeto a ser desenvolvido.

Um aspecto da experiência exilar merece ser apontado: a possibilidade do exílio ser vivido como herança. No texto “Pur polyester” de Lori Saint-Martin (Quebec), a personagem-narradora se refere à sua condição: “Não estou no exílio, a não ser através

⁵⁶Não é ingênua a escolha do título *Nord Perdu*: segundo a autora, “perdre le nord” equivale a “to be all abroad”, expressão que significa “estar completamente no estrangeiro”(HUSTON, 1999, p.12).

de mamãe-papai” (SAINT- MARTIN, 2000, p.41). Apesar de ser ainda uma menina, descobre as contradições do exílio transmitido por seus pais, nascidos na Espanha. Remetendo ao romance *La Québécoise*, ela se pergunta se será possível para ela se tornar um dia quebequense (p.47), já que carrega em seu cotidiano as marcas de uma exclusão relativa à sua história familiar. Sentindo-se ao mesmo tempo fora e dentro do país de adoção, cabe-lhe gerenciar as ambiguidades decorrentes de um exílio herdado.

A vivência do exílio transmitido aparece, muitas vezes, em textos em que se identifica uma escrita por procuração. Como já foi visto anteriormente, no livro *L'arabe comme unchant secret*, sem que seu pai lhe tivesse passado a incumbência de escrever em seu lugar, Leila Sebbar afirma ser sua escriba.(SEBBAR, 2007, p.69). No Brasil, essa ideia ganhou especial relevo no romance *A República dos sonhos*(1984) de Nélide Piñon, em que a jovem Breta assume para si a tarefa de contar a saga familiar de seu avô galego e, mais recentemente, no romance *A chave da casa*, da jovem escritora Tatiana Salim Levy (2007). Nesse livro, uma jovem herda de seu avô a chave da casa familiar⁵⁷ localizada na Turquia, incumbência difícil, sobretudo por dois motivos: a casa não existe mais e a neta se encontra em uma espécie de paralisia existencial, “um casulo pétreo” (LEVY, 2007, p.12) que lhe impede os movimentos. Promessa de devir, de liberdade e de metamorfose, o casulo é aqui ameaça de morte. Segundo suas palavras, para “escrever esta história” – a de sua família e a do próprio romance (LEVY, 2007, p.12), precisa empreender “uma viagem de volta, ainda que não tenha saído de lugar algum”⁵⁸(LEVY, 2007, p.12). Buscando um sentido, um nome, um corpo, decide realizar tal viagem, para ver se não os esqueceu “por aí, em algum lugar ignoto”(LEVY, 2007, p.12).

Ao se colocar na rota do sonho construído pelo avô, a personagem sente-se habitada e possuída pela voz de outrem, o que evoca uma espécie de ventriloquia: “Às vezes sinto que é alguém que nunca conheci, mas que fala através de mim, do meu

⁵⁷Uma passagem revela a aceitação da herança por parte da neta: “E agora cabe a mim inventar que destino dar a essa chave, se não quiser passá-la adiante” (LEVY, 2007, p.13). Aceitação feita a contragosto, pois também afirma: “uma herança que trago comigo e da qual quero me livrar” (p.9). Em outro momento, a dificuldade de realizar o retorno e o desejo do avô aparecem sob a forma de um pesadelo, no qual, ao se encontrar diante da casa do avô em Esmirna, depara-se com várias chaves que se multiplicam à medida em que tenta abrir a porta. Nesse caso, não ter nenhuma chave ou possuir várias chaves dá no mesmo, sugerindo as (im)possibilidades de viver (n)o exílio.

⁵⁸ Pode ser lembrada a frase de Michel Onfray: “Voltar para é também voltar de” (ONFRAY, 2009, p.90). Para a narradora do romance citado, a impossibilidade de retornar à origem – origem de segunda mão – se deve também à sua dificuldade de se deslocar-descolar da estagnação em que se encontra na abertura do livro.

corpo” (LEVY, 2007, p.49); “no meio do gesto, sou acometida pela sensação de que não sou eu quem está ali”(LEVY, 2007, p.49). Mesmo vivenciado por procuração, o exílio coloca em cena a verbalização da experiência e a revelação da “estrangeiridade”. Vivida sob a forma de estranheza, a viagem empreendida pela personagem não deixa de sugerir a noção de familiaridade: buscando ser “a mais estrangeira das turistas” (LEVY, 2007, p.43), não consegue abrir mão de sua condição de estrangeira familiar, como detecta o motorista na Turquia (“O motorista já tinha me convencido: tenho cara de turca, não serei uma turista qualquer”. LEVY, 2007, p.45)

Texto marcado pela pluralidade de exílios – o do avô turco que, desgostoso do amor, fugira da Turquia muito jovem –, o dos pais da narradora, que escaparam da ditadura militar no Brasil, e o da própria narradora, exilada simbolicamente de seu corpo – o romance *A chave da casa* reforça a hipótese de se repensar a questão exilar à luz das ideias de memórias e de promessas, e das noções de retorno e de reinvenção. Como diz a narradora, se quisesse, seu avô poderia ter conservado seu nome e sua origem. No entanto, preferiu criar outros, deixando para trás tudo o que tinha sido um dia, pois só assim não estaria mais amarrado a seu passado (LEVY, 2007, p.42). Todavia, por mais que tenha realizado tal ruptura, ao delegar à neta o poder de retornar ao passado, tenta retomar o fio familiar perdido. Retorno por procuração, preche de (im)possibilidades e de significações, comprometido pela experiência do distanciamento, da mudança de lugar e do modo de se ler o mundo.

Ao longo dessa exposição, salientou-se, em inúmeros momentos, a importância de uma reflexão sobre o exílio a partir da revisão do conceito de distância. Em seu rico ensaio *La distance habitée*, o professor e pesquisador canadense François Paré ressalta a presença de novas identidades vindas de um outro lugar que se inscrevem em espaços fronteiriços onde se aprende a habitar a distância.(PARÉ, 2003,p.9). Para ele, pouco a pouco, os sujeitos exilados ou minoritários aprendem a viver na privação da origem, a tirar partido da distância para se reinventarem. Nesse universo intersticial, sabem habitar a distância entre o eu e o outro, entre culturas e memórias de diferentes naturezas. Em um artigo do mesmo autor, publicado no livro coletivo *Habiter ladistance. Études en marge de La distance habitée*, é possível verificar em muitos textos que, quanto mais os personagens se afastam de sua origem, mais se aproximam dela. É o que se verifica em narrativas orais da Indonésia, em que, ao se distanciar de sua origem, o personagem do filho não cessa de voltar simbolicamente em direção ao

lugar de uma ausência fundamental. (PARÉ, 2009, p.183). Trata-se de conferir domicílio ao lugar natal, de realizar um trabalho de apropriação criativo como uma forma de reelaboração identitária, apesar do hiato espacial.

Na literatura antilhana, o tema da volta ao país natal é recorrente, atualizando, muitas vezes, a prática do desvio-retorno estudada por Édouard Glissant⁵⁹. Dada a impossibilidade de se viver no país natal, só resta a alguns de seus habitantes adotar o exílio como prática desviante que, para ser fecunda, constitui um convite ao retorno. Retorno que não se confunde com uma volta ao ponto de partida, sendo enriquecido pela vivência no espaço alheio, pela acumulação de experiências nos vários lugares que passam a habitar as memórias dos desterritorializados. Centrado na questão do retorno, como *Gouverneurs de la rosée* (do haitiano Jacques Roumain), o romance *L'énigme du retour* (do haitiano Dany Laferrière, representante da chamada literatura migrante do Quebec) dialoga com o clássico *Cahier d'un retour au pays natal* do martinicano Aimé Césaire. Por ocasião da morte de seu pai em Nova York, que fugira, há muitos anos, dos horrores da ditadura no Haiti, o narrador empreende uma dupla viagem. A primeira etapa da mesma corresponde ao percurso entre Montreal e Nova York, à qual se segue o itinerário entre essa cidade americana e Port-au-Prince onde ainda mora sua mãe. Em virtude do trauma da perda de seu pai, o narrador – também exilado – redescobre a obra citada de Aimé Césaire, com a qual se reconcilia. Se, há quarenta anos, ao tomar contato com esse livro, sua primeira impressão foi negativa (LAFERRIÈRE, 2009, p.59), a morte paterna permite-lhe associar duas figuras: a do pai biológico e a do pai do movimento da negritude, figura emblemática e complexa para as gerações de escritores que lhe sucederam. Dessa forma, uma distância referente à sua imaturidade de jovem leitor de quinze anos é substituída pela proximidade afetiva e intelectual. Ao escrever a partir da distância⁶⁰, Laferrière mostra que a vivência exilar diz respeito não só ao

⁵⁹Em seu excelente ensaio *Le discours antillais*, publicado em 1990, Glissant destaca que “não há desvio quando a nação foi possível”(GLISSANT, 1997, p.48), tal prática constituindo uma estratégia para se enfrentar uma impossibilidade. A imagem da terra devastada justifica o exílio-desvio em obras de autores da literatura migrante do Quebec, como Marco Micone (de origem italiana) e Émile Ollivier (de origem haitiana). Pode também ser lembrado que o desvio não leva a lugar nenhum quando “sua astúcia original não encontra as condições concretas de ser ultrapassado” (GLISSANT, 1997, p.53). Segundo ele, o desvio pode ser seguido pelo retorno, encarado como experiência iluminada por práticas desviantes.

⁶⁰ Nessa obra, fica muito claro o vínculo entre a distância e a escrita: “eu não teria escrito assim se tivesse ficado lá. Talvez eu não tivesse escrito nada” (LAFERRIÈRE, 2009, p.35), o que confirma a opinião de autoras como Nancy Huston e Ying Chen. E se o exílio se define, particularmente, como um “estar fora de”(LAFERRIÈRE, 2009, p. 65:“Meu pai passou mais da metade de sua vida fora de sua terra, de sua língua, como de sua mulher”), escrever – e escrever a distância em particular – seria um modo de se inserir, de construir para si um lugar no mundo, de neutralizar o vazio.

espaço, mas também ao tempo: “E o exílio do tempo é mais impiedoso que o do espaço. Minha infância me faz mais cruelmente falta que meu país” (LAFERRIÈRE, 2009, p.75).

Discorrer sobre a noção de distância leva ao reconhecimento de um imaginário particular onde se inscrevem signos da falta, da nostalgia, da indiferenciação, da desorientação, do desaparecimento e da invisibilidade. É o que se depreende em dois textos centrados na representação espacial: o romance *Une ville lointaine*, do escritor franco-ontariano Maurice Henrie (2001) e o capítulo “Le village envolé”, do livro *Le figuier enchanté*, de Marco Micone (1998), escritor e dramaturgo da literatura migrante do Quebec. Visto por François Paré como ilustração da lenta erosão das identidades no universo diaspórico, o romance de Maurice Henrie explora a estética do desaparecimento. Construído a partir do sumiço gradual dos habitantes de uma cidade, esse livro dá realce, em particular, ao personagem Antoine, aspirado, como alguns de seus conterrâneos, por um buraco negro situado entre duas cidades. Vagando nesse hiato topográfico, refugia-se no deslocamento, no movimento contínuo, na condição de passageiro que não mora em lugar algum. Se, nessa obra, o gesto de desaparecer diz respeito aos personagens, no texto de Micone o desaparecimento é focado na personificação de uma aldeia italiana que, cansada de ver a miséria de seus habitantes, um dia toma a decisão de partir. Em outro texto do mesmo livro (“Le palimpseste impossible”), referindo-se à sua cultura híbrida – nem totalmente italiana, nem totalmente quebequense –, Micone retoma a mesma narrativa metafórica: “carrego comigo a aldeia que outrora se despreendeu de sua colina para se esconder na memória de cada desenraizado” (MICONE, 1998, p.100). Paisagem de contrabando, tal aldeia não cessa de habitá-lo, apesar da distância espaço-temporal que os separa, graças à atualização da ausência nos bastidores da memória afetiva.

A estética do apagamento e da invisibilidade apontada nos dois exemplos acima leva a uma indagação situada no cerne desse projeto: como é possível habitar a distância? Como se sabe, na atualidade, graças às novas tecnologias de inteligência, superam-se distâncias através da internet⁶¹: e-mails, blogs, chats, twitter, vídeo-conferências levam seus usuários a se conectarem com o mundo e esse chega até eles de modo quase instantâneo. Mas se vencer a distância constitui hoje, no mundo virtual,

⁶¹Assim, entre outras atividades, é possível estudar, comprar, pagar contas, conhecer pessoas, namorar e até romper um relacionamento à distância (como aparece no livro *Prenez soin de vous* de Sophie Calle, 2008)

uma prática corrente, o mesmo não se pode dizer sobre o ato de habitar a distância. Habitar supõe o gesto de apropriação que, por sua vez, requer certa duração, o tempo de aprendizagem, a acumulação de experiências vividas e de arquivos memorialísticos, a participação do sujeito em histórias que o ligam a outros seres no interior de sua rua, de seu bairro, de sua cidade, de seu país, de sua cultura. Além disso, a ação de habitar se vincula à consciência da localização, uma vez que, enquanto centro do mundo, o *habitat* garante o sentido da orientação. Segundo o antropólogo Georges-Hubert Radkowski (2002, p.122), o ato de habitar está estreitamente vinculado ao de se localizar. Para ele, localizar alguém significa determinar seu lugar e ser localizado indica a posse de um lugar por um sujeito. Logo, localizar equivale a estabelecer uma relação entre um sujeito e certo lugar e ser localizado é sustentar essa relação. A partir daí, pode se perguntar se existe alguma possibilidade de assegurar o sentimento do habitar quando o indivíduo se exilou, tendo se destituído de referenciais que o ligavam a um local no mundo. A consciência diaspórica é compatível com a habitabilidade quando, tirando partido de uma metáfora, constata-se que todos os navios foram queimados, assim como foram cortadas as amarras com uma habitação – mais simbólica do que concreta?

Se é problemático habitar a distância, ela continua a viver no palimpsesto das memórias como aparece nos textos citados de Marco Micone. Cabe à literatura superar as impossibilidades, mostrando que não basta viver no mundo, mas é preciso repensá-lo, representá-lo, questioná-lo, dizê-lo. Em sintonia com experiências geográficas, históricas, pessoais e coletivas dos seres humanos, os textos literários inspirados pelo exílio elaboram uma poética da existência. Ilustrando tal ideia, uma passagem do ensaio *Quatre mille marches* de Ying Chen retoma o sentido simbólico da caminhada assumida pela autora nas searas do exílio. Identificando-se ao Sísifo de Camus – consciente da inutilidade de seu gesto, mas sempre disposto a recomeçar – Chen se refere à sua relação com a língua francesa, “pedra” escorregadia que a atrai e se recusa a ser apreendida: “A língua francesa é essa pedra que ora me escapa, ora me reconforta, mas que nunca me pertencerá de modo absoluto (...) a segunda língua é um objeto de amor que nos mantém a distância e nos inspira o melhor de nós mesmos”. (CHEN, 2004, p.30). Ao explorar a leitura proposta por Camus da figura mítica em questão, Ying Chen ultrapassa os limites de sua própria trajetória nos descaminhos do exílio para tratar de todo ato criativo: “Não somente a escrita em uma segunda língua é um trabalho de Sísifo, mas a criação em geral também o é.”(p.30). Assim, toda experiência artística

supõe, necessariamente, o estranhamento e a vivência da distância, responsáveis por um novo olhar que inaugura, na cena do mundo, o deslocamento-descolamento de tudo o que se reveste de atributos do familiar e do previsível.

Objetivos

1. Refletir sobre o exílio e suas representações na literatura contemporânea
2. Investigar as (im)possibilidades de se escrever a distância
3. Analisar obras literárias nas quais se elabora o exílio vivido como herança: a escrita por procuração
4. Propor a leitura da representação da(s) língua (s) como espaço asilar e exilar de seres migrantes
5. Explorar os vínculos entre a atividade tradutória e a vivência da desterritorialização na criação de uma terceira margem
6. Estudar a escrita epistolar como meio de se vencer a distância e a ausência
7. Realizar estudos sobre o imaginário presente em obras marcadas pelo exílio
8. Revisitar as noções de origem, fronteira, diáspora e habitabilidade
9. Depreender e reler os vínculos entre o exílio e a descoberta da alteridade.
10. À luz da experiência diaspórica, aproximar textos das literaturas francófonas e da literatura brasileira em que se inscrevem negociações identitárias e práticas de itinerância.

Metodologia

Situada na confluência de várias disciplinas, a problemática do exílio será abordada a partir da contribuição de estudiosos de diversas áreas do conhecimento, como a Literatura, a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, a Psicanálise e a História. Com o apoio de autores que viveram a vivência exilar e sobre ela discorreram em textos de caráter crítico e/ou autobiográfico – como é o caso, entre outros, de escritores

da chamada literatura migrante do Quebec (Ying Chen, Régine Robin, Nancy Huston, Marco Micone, Naïm Kattan) –, de intelectuais vindos de outro lugar que se instalaram, há décadas, em Paris (Tzvetan Todorov, Julia Kristeva, Amin Maalouf) e em outra metrópole europeia (Stuart Hall, Salman Rushdie), ou que se deslocaram pelo mundo na sua condição de “fora do lugar” (Edward Said), buscar-se-á dar relevo aos elos fecundos entre essa experiência e a prática da escrita. Cabe lembrar ainda a possibilidade de se refletir sobre textos em que autores não-exilados assumem o lugar do exílio para se questionar sobre a vivência do estranhamento constitutivo do ato de criação, as negociações identitárias e a tradutibilidade no exercício de mediações culturais. A escritora quebequense Monique Proulx em seu livro de novelas *Les aurores montréalaises* e Ana Miranda no romance *Amrik* ilustram a fabricação do exílio como invenção de uma distância.

Dada a abrangência do termo exílio, detectada por Edward Said, serão estudadas diversas figurações representativas do mesmo em obras literárias, como o estrangeiro, o Outro, o imigrante, o deslocado (o “*dépaysé*”), o expatriado, o refugiado. Uma indagação se coloca: Como conciliar na leitura a ser desenvolvida exemplos tão distintos? É evidente que o exílio decorrente de razões políticas, econômicas e sociais não se confunde com o que se deve a uma escolha assumida em função de outros motivos. O exílio do pós-colonizado, como tão bem estuda Albert Memmi em seu ensaio *Portrait du décolonisé*, apresenta características que não correspondem às de outros exilados. Porém, apesar da necessidade de se levar em conta as especificidades de cada caso, deve-se atentar para o fato de que, como pensa o escritor e ensaísta Amin Maalouf, nossa época fez de todos os homens, de certa forma, migrantes e minoritários – e, poderia ser acrescentado, exilados. Mesmo apontando, a princípio, para um dado coletivo na época das migrações pós-coloniais e para uma exterioridade, o exílio pode ser vivido enquanto interioridade, experiência pessoal e intransferível. Assim, ao lado de um exílio experimentado na vida prática como deslocamento – que nunca se limita a algo espacial –, há de se atentar para a leitura metafórica dessa prática que, como sugere Pierre Ouellet, remete à própria condição humana e à construção do imaginário. Sob esse aspecto, as contribuições de Régine Robin, Pierre Ouellet e Simon Harel se revelarão também de grande valia.

Para melhor explorar as diversas figurações do exilado, uma noção se revela significativa: a de alteridade que perpassa as múltiplas categorias citadas. Ver-se ou ser

visto como Outro coloca em evidência o ponto de vista do grupo de referência (LANDOWSKI, PATERSON) que determina modelos de comportamento e de leitura do mundo. Podendo ser vivenciado como um acontecimento (CASTILLO DURANTE), o encontro com o outro (o Outro exterior ou o Outro interior que nos habita, como salientou Kristeva em seu clássico estudo) constitui uma alteração relevante que inaugura um novo olhar sobre si mesmo, seus valores, sua cultura e sobre suas relações com a diferença. Em se tratando em particular de obras produzidas no âmbito caribenho de língua francesa, a abordagem pós-colonial da alteridade se fundamentará em pistas fornecidas por Frantz Fanon, Édouard Glissant e Homi Bhabha.

A análise dos sentidos de habitabilidade e de localização – produtivos para melhor se entender a vivência exilar – ganhará relevo com a (re)leitura das obras de Simon Harel, pesquisador sempre atento a estudos desenvolvidos em diferentes campos do saber, como a Literatura, a Psicanálise, a Antropologia, a Sociologia, a História e o Paisagismo. Leitor de autores de peso em suas áreas e conhecimento, como Michel de Certeau, Berque e Radkowski, Simon Harel trouxe uma efetiva contribuição para a reflexão da chamada literatura migrante do Quebec, como também para a compreensão das reinvenções do cotidiano em nosso tempo graças às novas relações estabelecidas entre os seres humanos e o espaço.

Modelo antropológico que se revela capaz de dar conta do desenraizamento presente nas sociedades pós-modernas, o conceito de diáspora – que deve ser estendido para além da história emblemática dos judeus e de outros povos – sugere as idéias de movimento e metamorfose relativos à noção de identidades em devir. Isso evoca palavras de Stuart Hall, para quem a “cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (HALL, p.44). Mais do que uma experiência empírica, a diáspora constitui uma questão epistemológica para Hall (p.28). A seus olhos, o conceito fechado de diáspora, que se apoiava numa concepção binária da diferença, não serve para dar conta da complexidade das novas configurações identitárias no Caribe. Trata-se de reconhecer a perspectiva diaspórica da cultura e de encarar a cultura como produção inacabada e aberta às trocas e aos contatos com a alteridade.

A adesão de Stuart Hall à constatação de que estamos todos, de um modo ou de outro, longe de casa, ideia proposta por Chambers (APUD HALL, 2003, p.27) confere um lugar relevante às noções de proximidade e de distância na construção da consciência diaspórica, eixo fundamental no projeto em pauta. Na entrevista “A

formação de um intelectual diaspórico”, referindo-se à sua trajetória, Hall afirma: “É esta exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada.” (HALL, 2003, p.415) Nesse intervalo entre o deixar a terra natal e o não chegar nunca de fato ao país de adoção, se esboça o drama de seres fora de lugar que tentam habitar, ainda que simbolicamente, a distância.

É necessário reconhecer, todavia, que o ser humano vivencia a distância no interior de sua própria cultura. Por mais próximo que se sinta no interior da mesma – considerada como algo dado –, ele precisa deslocar-se dela, ainda que por pensamento, para melhor se ver no mundo. Essa forma de se encarar a cultura, fundamentada no distanciamento do indivíduo, foi estudada pelo sociólogo quebequense Fernand Dumont que realçou o caráter dialético da mesma noção. Para Dumont, a cultura só existe de modo dialético, em constante oposição em relação a si mesma. Segundo o mesmo sociólogo, o homem precisa se atribuir uma representação do que ele é, colocando-se à distância de si mesmo e de sua cultura para perceber melhor seu pertencimento a um contexto singular (DUMONT, 1995, p.55).

A abordagem crítica da distância ganhará efetivo suporte oferecido pelo professor e pesquisador François Paré. Se, no penúltimo projeto da proponente – também apoiado pelo CNPq –, um dos eixos teóricos básicos era a obra *Littératures de l'exiguïté* do mesmo intelectual canadense, na presente proposta, o ensaio *La distance habitée* será uma referência obrigatória. Em sintonia com a evolução da reflexão de Paré, caberá mostrar como, em contextos minoritários, de exclusão e de exílio, as noções de resistência e de fragilidade não são as únicas para se compreender a complexidade das relações estabelecidas em contextos diaspóricos. Trata-se de levar em consideração os processos de negociações identitárias, as itinerâncias e uma nova forma de compreender as fronteiras e as práticas do lugar. Longe ser um marco divisório e dicotômico entre mundos, culturas e memórias, para François Paré, a fronteira corresponde a uma distância habitada, em luta contra a morte, o desaparecimento e a invisibilidade, anunciando a epifania da alteridade.

Cronograma e metas⁶²

⁶²O cronograma é, necessariamente, provisório e aponta apenas algumas possíveis realizações.

Março a julho de 2011

Revisão bibliográfica. Preparação de curso de Mestrado e Doutorado centrado nas escritas do exílio. Participação no processo seletivo do PIBIC-UFF com apresentação de projeto e de tarefas a serem desenvolvidas por duas bolsistas de Iniciação Científica. Encontros com orientandos. Elaboração de comunicação a ser apresentada no Congresso Internacional da ABRALIC. Participação na Reunião Anual da Mesa-Diretora da ABECAN. Participação no XII Congresso Internacional da ABRALIC

Agosto a Dezembro de 2011

Redefinição do *corpus* literário. Organização de obra coletiva sobre a poética do exílio a ser lançada com o apoio do Núcleo de Estudos Canadenses da UFF. Elaboração de comunicação a ser apresentada no Congresso Internacional da ABECAN em Salvador. Participação no mesmo evento. Encontros com bolsistas e orientandos. Preparação de ensaio. Organização de evento no âmbito do Núcleo de Estudos Canadenses da UFF que reunirá pesquisadores vinculados ao Grupo de Pesquisa “Identidades em trânsito: estéticas transnacionais”.

Janeiro a Fevereiro de 2012

Alargamento e aprofundamento bibliográfico. Preparação da obra coletiva mencionada anteriormente. Elaboração de capítulo de livro.

Março a Julho de 2012

Encontros com bolsistas e orientandos. Participação no processo seletivo para escolha de novo(s) bolsistas de PIBIC-UFF. Preparação de curso a ser oferecido no Mestrado e Doutorado. Seminários internos no Núcleo de Estudos Canadenses. Elaboração de capítulo de livro e de comunicações a serem apresentadas no Encontro da ANPOLL (GT “Relações Literárias Internacionais”) e no Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil. Participação no Encontro da ANPOLL.

Agosto a Dezembro de 2012

Alargamento de leituras teóricas e críticas. Preparação de curso de pós-graduação lato sensu sobre a representação da distância na escrita epistolar. Participação no Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil. Encontros com bolsistas e

orientandos. Organização e realização de evento do Núcleo de Estudos Canadenses da UFF e do grupo de pesquisa Identidades em trânsito: estéticas transnacionais.

Janeiro e Fevereiro de 2013

Alargamento e aprofundamento bibliográfico. Elaboração de capítulo de livro. Encontro com orientandos.

Março a Agosto de 2013

Encontro com bolsistas e orientandos. Seminários internos no Núcleo de Estudos Canadenses da UFF. Preparação de curso de Mestrado e Doutorado. Elaboração de comunicação a ser apresentada no Congresso internacional da ABRALIC. Participação no mesmo evento. Organização de obra coletiva.

Agosto a dezembro de 2013

Encontros com bolsistas e orientandos. Seminários internos de pesquisa. Elaboração de comunicação a ser apresentada no Congresso Internacional da ABECAN. Participação nesse evento. Organização de simpósio no Núcleo de Estudos Canadenses da UFF e do grupo de pesquisa “Identidades em trânsito: estéticas transnacionais”.

Janeiro e fevereiro de 2014

Elaboração de capítulo de livro. Encontro com orientandos. Atualização bibliográfica.

Março a Julho de 2014

Participação no processo seletivo de escolha de futuros bolsistas de PIBIC-UFF. Seminários internos no Núcleo de Estudos Canadenses da UFF. Encontros com orientandos. Preparação de curso de Mestrado e Doutorado. Preparação de texto a ser apresentado no Encontro Nacional da ANPOLL (GT Relações Literárias Interamericanas). Participação nesse evento. Elaboração de futuro projeto de pesquisa.

Agosto a Dezembro de 2014

Preparação de comunicação. Organização e realização de evento do Núcleo de Estudos Canadenses da UFF e do grupo de pesquisa Identidades em trânsito: estéticas transnacionais. Encontros com orientandos. Participação, com apresentação de trabalho, no Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil.

Janeiro e Fevereiro de 2015

Balço das atividades realizadas no âmbito da pesquisa. Elaboração de relatórios para o CNPq. Encontros com bolsistas e orientandos.

Bibliografia

Textos de apoio

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart; DINIZ, Dilma Castelo Branco; SANTOS, José dos. *Migrações teóricas, Interloquções culturais: Estudos comparados (Brasil/Canadá)*. Belo Horizonte: Argvmentum, 2009.

ANCELOVICI, Marcos; DUPUIS-DÉRI, Francis. *L'archipel identitaire: recueil d'entretiens sur l'identité culturelle*. Montréal: Boréal, 1997.

ATTALI, Jacques. *L'homme nomade*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 2003.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BEN JELLOUN, Tahar. *Hospitalité française: racisme et immigration maghrébine*. Paris: Seuil, 1998.

BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger. Culture et tradition en Allemagne romantique*. Paris: Galilée, 1984.

_____. *A tradução e a letra: ou o albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

BERNARD, Roger. *Le Canada français: entre mythe et utopie*. Ottawa: Le Nordir, 1998.

BERNARDO, Gustavo (org.). *As margens da tradução*. Rio de Janeiro: Caetés, 2002.

BERND, Zilá (org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo editorial e editora da UFRGS, 2007. 704 p.

_____(org.). *Insubmissão e mobilidade cultural: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. No prelo.

_____. *Américanité et mobilités transculturelles*. Québec: Presses de l'Université Laval, 2009. Coll. Americana.

BERQUE, Augustin et alii. *La mouvance du jardin du jardin au territoire: cinquante mots pour le paysage*. Paris: Éditions de la Villette, 1999.

BOUCHARD, Gérard; LAMONDE, Yvan. *La nation dans tous ses états: le Québec en comparaison*. Montréal : Harmattan Inc., 1997.

_____. "Littérature et culture nationale du Québec: le clivage culture savante/culture populaire». In: PORTO, Maria Bernadette (org.). *Fronteiras, passagens, paisagens na literatura canadense*. Niterói: EdUFF/ABECAN, 2000.

BRANDÃO, Luis Alberto. *Grafias da identidade: literatura contemporânea e imaginário nacional*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina Editora/FALE (UFMG), 2005.

CERTEAU, Michel de. *L'étranger ou l'union dans la différence*. Paris: Desclée de Brouwer, 1991.

CACCIA, Fulvio. *Sous le signe du Phénix: entretiens avec quinze créateurs italo-québécois*. Montréal: Guernica, 1985.

CHEN, Ying. *Quatre mille marches*. Montréal: Boréal, 2004.

CHIARELLI, Stefania. *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. São Paulo: Annablume.

CURY, Maria Zilda. "Scherazade nos trópicos". In: RAVETTI, Graciela, ARBEX, Márcia (orgs.) *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. «Migrações identitárias: escritas e tradução em *Fabrizio's Passion*, de Antonio D'Alfonso". In: ALMEIDA, Sandra Regina; DINIZ, Dilma Castelo Branco; SANTOS, José dos. *Migrações teóricas, Interloquções culturais: Estudos comparados (Brasil/Canadá)*. Belo Horizonte: Argvmentum, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: pour une littérature mineure*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1975.

DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

DUMONT, Fernand. *Le lieu de l'homme*. La culture comme distance et mémoire. Montréal: HMH, 1968.

_____. *L'avenir de la mémoire*. Québec: Nuit Blanche, 1995.

_____. *Genèse de la société québécoise*. Montréal: Boréal, 1996.

DURANTE, Daniel Castillo Durante. *Les dépouilles de l'altérité*. Montréal: XYZ, 2004.

FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 2000.

FERRET, Stéphane. *Le bateau de Thésée: le problème de l'identité à travers le temps*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1996.

GAUTHIER, Louise. *La mémoire sans frontières*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 1997.

GLISSANT, Édouard. *Poétique de la Relation*. Paris: Gallimard, 1990

_____. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1995

_____. *Le discours antillais*. Paris: Gallimard, 1997

_____. *Philosophie de la Relation*. Paris: Gallimard, 2009.

GOMES, Renato Cordeiro. «Deslocamento e distância. Viagens e fronteiras na cultura latino-americana. Dramatização de marcas identitárias». In: ABDALA JUNIOR, Benjamin; SCARPELLI, Marli Fantini (org.) *Portos flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

HALL, Stuart. *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HANCIAU, Nubia. «Identidades deslocadas». In: ALMEIDA, Sandra Regina Goulart; DINIZ, Dilma Castelo Branco; SANTOS, José dos. *Migrações teóricas, Interloquções culturais: Estudos comparados (Brasil/Canadá)*. Belo Horizonte: Argvmentum, 2009.

HAREL, Simon. (dir.) *L'étranger dans tous ses états: enjeux culturels et littéraires*. Montréal: XYZ, 1992.

_____. *Les passages obligés de la littérature migrante*. Montréal: XYZ, 2000.

_____; JACQUES, Mathieu-Alexandre. "L'écrivain-témoin: déplacements, transferts culturels et expérience de l'habitabilité dans les romans d'exil

d'Émile Ollivier». In: *Revue Internationale d'Études Canadiennes* 27. Ottawa: Conseils International d'Études Canadiennes, 2003.

_____. *Espaces en perdition*, tome I: les lieux précaires de la vie quotidienne. Les Presses de l'Université Laval, 2007.

_____. *Espaces en perdition*, tome II: humanités jetables. Les Presses de l'Université Laval, 2008.

HASSOUN, Jacques. *L'exil de la langue: fragments de langue maternelle*. Paris: Point Hors Ligne, 1993.

HOTTE, Lucie et POIRIER, Guy (dir.). *Habiter la distance*. Études en marge de *La distance habitée*. Ottawa: Éditions Prise de Parole, 2009.

HUSTON, Nancy. *Désirs et réalités*. Textes choisis 1978-1994. Montréal: Leméac, 1995.

_____. *Nord perdu suivi de Douze France*. Paris: Actes Sud, 1999.

INTERFACES Brasil/Canadá. Mobilidades culturais. Rio Grande: ABECAN, 2008, n. 8. www.revistaabecan.com.br

JONASSAINT, Jean. *Le pouvoir des mots, les maux du pouvoir: des romanciers haïtiens de l'exil*. Paris: Éditions de l'Arcantère, Montréal: PUM, 1986.

KATTAN, Naïm. *L'écrivain Montréal: essai sur des cités et des hommes*. Montréal: Hurtubise HMH, 2001.

_____. *Écrire le réel*. Montréal: Hurtubise HMH, 2008.

KERTÉSZ, Imre. *A língua exilada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KRISTEVA, Julia. *Étrangers à nous-mêmes*. Paris: Fayard, 1988.

_____. «En deuil d'une langue?». In: CZECHOWSKI, Nicole; DANZIGER, Claudie (dir.). *Deuils: vivre c'est perdre*. Paris: Éditions Autrement, 1992.

LABORIT, Henri. *Éloge de la fuite*. Paris: Robert Laffont, 1976.

LACROIX, Jean-Michel; CACCIA, Fulvio. *Métamorphoses d'une utopie* (dir.). Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle/Éditions Tryptique, 1992.

LANDOWSKI, Éric. *Presença do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

- LAPIERRE, Nicole. *Pensons ailleurs*. Paris: Stock, 2004.
- LARUE, Monique. *L'arpenteur et le navigateur*. Saint-Laurent (Québec)/ Montréal, Fides/ Centre d'études québécoises (CÉTUQ), Université de Montréal, 1996.
- LÉTOURNEAU, Jocelyn; BERNARD, Roger. *La question identitaire au Canada francophone: récits, parcours, enjeux, hors-lieux*. Sainte-Foy (québec): Presses de l'Université Laval, 1994.
- _____. *Passer à l'avenir: histoire, mémoire, identité dans le Québec d'aujourd'hui*. Montréal: Boréal, 2000.
- MAALOUF, Amin. *Les identités meurtrières*. Paris: Grasset & Fasquelle, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. *Du nomadisme: vagabondages initiatiques*. Paris: Librairie Générale Française, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAXIMIN, Daniel. *Les fruits du cyclone: une géopoétique de la Caraïbe*. Paris: Seuil, 2006.
- MEMMI, Albert. *Portrait du décolonisé arbo-musulman et de quelques autres*. Paris: Gallimard, 2004.
- MICONE, Marco. *Speak what*. Suivi d'une analyse de Lise Gauvin. Montréal: VLB Éditeur, 2001.
- MOISAN, Clément ; HILDEBRAND, Renate. *Ces étrangers du dedans: une histoire de l'écriture migrante au Québec (1937-1997)*. Québec: Nota Bene, 2001.
- MONETTE, Pierre. *L'immigrant Montréal*. Montréal: Tryptique, 1994.
- NEPVEU, Pierre. «Exil comme métaphore». In: _____. *L'écologie du réel: mort et naissance de la littérature québécoise contemporaine*. Montréal: Boréal, 1988.
- OLLIVIER, Émile. *Repérages*. Montréal: Leméac, 2001.
- ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem: poética da geografia*. Porto Alegre: L&PM, 2009
- OUELLET, Pierre. *Asiles: langues d'accueil*. Montréal: Fides, 2002
- _____. *L'esprit migrateur: essai sur le non-sens commun*. Montréal: VLB, 2005.
- _____. *Outland. Poétique et politique de l'extériorité*. Montréal: Liber, 2007.

- PARÉ, François. *Les littératures de l'exiguïté*. Ottawa: Le Nordir, 1992.
- _____. *Théories de la fragilité*. Ottawa: Le Nordir, 1994.
- _____. *La distance habitée*. Essai. Ottawa: Le Nordir, 2003.
- PATERSON, Janet. *Figures de l'autre dans le roman québécois*. Montréal: Nota Bene, 2004.
- PORTO, Maria Bernadette. *Fronteiras, passagens, paisagens na literatura canadense*. (org.). Niterói: EdUFF/ABECAN, 2000.
- _____. (org.). *Identidades em trânsito*. Niterói: EdUFF/ABECAN, 2004
- _____; FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Figurações da alteridade*. Niterói: EdUFF/ABECAN, 2007.
- PRZYCHODZEN, Janusz (dir.) *Asie du soi, Asie de l'autre: récits et figures de l'altérité*. Les Presses de l'Université Laval, 2009.
- RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia. *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG:POSLIT, 2002.
- ROBIN, Régine. *Le roman mémoriel : de l'histoire à l'écriture du hors-lieu*. Longueuil: Préambule, 1989.
- _____. *Le deuil de l'origine: une langue en trop, la langue en moins*. Paris: Presses Universitaires de Vincennes, 1993.
- _____. «Défaire les identités fétiches». In: LÉTOURNEAU, Jocelyn et BERNARD, Roger. *La question identitaire au Canada francophone: récits, parcours, enjeux, hors-lieu*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 1994.
- _____. *Le Golem de l'écriture: de l'autofiction au Cybersoi*. Montréal: XYZ, 1997.
- _____. *La mémoire saturée*. Paris: Stock, 2003.
- _____. *Cybermigrances: traversées fugitives*. Montréal: VLB, 2004.
- _____. *Mégapolis: les derniers pas du flâneur*. Paris: Stock, 2009.

ROCHA, Vanessa Massoni da. «Do bilinguismo ao duplo analfabetismo: Nancy Huston e a travessia entre línguas». In: HANCIAU, Nubia (org.). *Interfaces Brasil/Canadá 11*. Rio Grande: FURG/ABECAN, 2010.

RADKOWSKI, Georges-Hubert. *Anthropologie de l'habiter*. Vers le nomadisme. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

RODRIGUES, Helenice; KOHLER, Heliane. (org.). *Travessias e cruzamentos culturais: a mobilidade em questão*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

ROSIERS, Joël des. *Théories caraïbes*. Poétique du déracinement. Montréal: Triptyque, 1996.

RUSHDIE, Salman. *Patries imaginaires*. Paris: Christian Bourgois, 1993.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Fora do lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. *Ao sol carta é farol: correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paulo: Annablume, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SEBBAR, Leïla e HUSTON, Nancy. *Lettres parisiennes: autopsie de l'exil*. Paris: Bernard Barrault, 1986.

SERRES, Michel. *Détachement*. Paris: Flammarion, 1983.

SIBONY, Daniel. *Entre-deux: l'origine en partage*. Paris: Seuil, 1991.

SIESS, Jürgen (dir.) *La lettre entre réel et fiction*. Paris: Sedes, 1998.

SIMON, Sherry; L'HÉRAULT, Pierre; SCHWARTZWALD, Robert; NOUSS, Alexis (dir.). *Fictions de l'identitaire au Québec*. Montréal: XYZ, 1991.

_____. *Le trafic des langues*. Traduction et culture dans la littérature québécoise. Montréal: Boréal, 1994.

_____. *Hybridité culturelle*. Montréal: L'Île de la Tortue, 1999.

_____. "Hibridações culturais, hibridações textuais". In: PORTO, Maria Bernadette (org.). *Identidades em trânsito*. Niterói: EdUFF/ABECAN, 2004.

_____. *Traverser Montréal: une histoire culturelle par la traduction*. Montréal: Fides, 2008.

SOARES, Vera Lúcia. »Travessias culturais e identitárias na narrativa de Milton Hatoum«. In: RODRIGUES, Helenice; KOHLER, Heliane. (org.). *Travessias e cruzamentos culturais: a mobilidade em questão*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

SOJCHER, Jacques. *Marges et exils*. Bruxelles: Éditions Laboi, 1987.

TRIGANO, Shmuel. *Le temps de l'exil*. Paris: Payot et Rivages, 2001.

TURGEON, Laurier (dir.). *Regards croisés sur le métissage*. Québec: Les Presses de l'Université Laval. 2002.

TANGENCE número 59. Écrivains d'ailleurs. Montréal: Conseil des Arts et des Lettres du Québec, 1999.

TODOROV, Tzvetan. *L'homme dépaycé*. Paris: Seuil, 1996.

VAZ, Artur Emílio Alarcon; Baumgarten, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Literatura e imigração: sonhos em movimento*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, POS-LIT; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Letras: História da Literatura, 2006.

VERNANT, Jean-Pierre. *A travessia das fronteiras: entre mito e política II*. São Paulo: EDUSP, 2009.

Corpus literário

ARMONI, Armony; LEVY, Tatiana Salem (org.). *Primos: histórias da herança árabe e judaica*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CACCIA, Fúlvio; D'ALFONSO, Antonio. *Quêtes: textes d'auteurs italo-québécois*. Montréal: Éditions Guernica, 1983.

CHEN, Ying. *Lettres chinoises*. Montréal: Actes Sud, 1993.

D'ALFONSO, Antonio. *L'autre rivage*. Montréal: VLB, 1987

GAUVIN, Lise. *Lettres d'une autre*. Montréal: Typo, 1991.

GHATTAS, Mona Latif. *Quarante voiles pour un exil*. Montréal: Boréal, 1986.

_____. *Les voix du jour et de la nuit*. Montréal: Boréal: 1988.

- _____ . *Le double conte de l'exil*. Montréal: Boréal, 1990
- _____ . *Nicolas le fils du Nil*. Montréal: Édition Trois, 1999.
- HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____ . *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____ . *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____ . *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____ . *A cidade ilhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HENRIE, Maurice. *Une ville lointaine*. Québec: L'Instant Même, 2001.
- _____ . *La chambre à mourir*. Québec: L'Instant Même, 2002.
- HUSTON, Nancy. *Infrarouge*. Paris: Actes Sud, 2010.
- LAFERRIÈRE, Dany. *L'énigme du retour*. Montréal: Boréal, 2009.
- LEVY, Tatiana Salem. *A chave de casa*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- MICONE, Marco. *Le figuier enchanté*. Récit. Montréal: Boréal, 1998
- MIGUEL, Salim. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999
- MIRANDA, Ana. *Amrik*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- NOËL, Francine. *Nous avons tous découvert l'Amérique*. Montréal: Leméac/Actes Sud, 1992.
- OLLIVIER, Émile. *Passages*. Paris: Le Serpent à Plumes, 1994.
- _____ . *Mère-Solitude*. Paris: Le Serpent à Plumes, 1999.
- _____ . *Mille eaux*. Paris: Gallimard, 1999.
- PÉPIN, Ernest. *Tambour Babel*. Paris: Gallimard, 1996.
- _____ . *L'envers du décor*. Paris: Éditions du Rocher, 2006.
- PIÑON, Nélide. *A República dos sonhos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- _____ . *O presumível coração da América*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Topbooks Editora, 2002.
- _____ . *Coração andarilho*. Memórias. Rio de Janeiro: Record, 2009.

- PROULX, Monique. *Les aurores montréalaises*. Montréal: Boréal, 1997.
- ROBIN, Régine. *La Québécoise*. Montréal :XYZ, 1993.
- ROY, Gabrielle. *Un jardin au bout du monde*. Montréal: Stanké, 1987.
- SAINT-MARTIN, Lóri. «Pur polyester». In: PORTO, Maria Bernadette (org.). *Fronteiras, passagens, paisagens na literatura canadense*. Niterói: EdUFF/ABECAN, 2000.
- SEBBAR, Leïla. *Schérazade, 17 ans, brune, frisée, les yeux verts*. Paris: Stock, 1982.
- _____ . *Les carnets de Schérazade*. Paris: Stock, 1985.
- _____ . *Les fous de Schérazade*. Paris: Stock, 1991.
- _____ (org.) *Une enfance outremer*. Textes réunis par Leïla Sebbar. Paris: Seuil, 2001.
- _____ . *Je ne parle pas la langue de mon père*. Récit. Paris: Éditions Julliard, 2003.
- _____ . *L'arabe comme un chant secret*. Récit. Bleu Autour, 2007.
- THÉRIAULT, Marie José. *Lettera amorosa*. Montréal: Hurtubise HMH, 2008.
- _____ . *Obscènes tendresses*. Montréal: Dernier Havre, 2006.
- THUY, Kim. *Ru*. Montréal: Libre Expression, 2009.
- TREMBLAY, Michel. *La traversée du continent*. Montréal: Leméac/Actes Sud, 2007.
- _____ . *La traversée de la ville*. Montréal: Leméac/Actes Sud, 2008.
- _____ . *La traversée des sentiments*. Montréal: Leméac/Actes Sud, 2009

11.4. Projeto de pesquisa: Representações imaginárias do lugar: práticas, invenções e apropriações (encerrado)

1. Apresentação e justificativa

- Primeiras palavras

Ao longo do desenvolvimento do projeto de pesquisa em curso, financiado pelo CNPq, tive a oportunidade de constatar que o conceito de exiguidade, proposto por François Paré e contemplado como um dos eixos fundadores de meus estudos, não se restringe a um simples dado geográfico, mas pode ser visto como uma espécie de mirante de onde se pode ver/ler o mundo. Em outras palavras, a experiência do exíguo sugere a prática do espaço habitado, elaborada a partir do vivido no seio de uma comunidade que se constrói graças a imagens simbólicas de seu lugar identitário. Foi ainda possível verificar que, traduzida como expressão estética, a vivência do exíguo constitui um convite promissor para a liberação, já que segundo o próprio François Paré, a arte e a escrita acarretam o alargamento do espaço (não o espaço topográfico, mas o do imaginário), cabendo a todo criador lutar contra o confinamento, o silenciamento e a despossessão. Isso é de algum modo corroborado no glossário *La mouvance: du jardin au territoire. Cinquante mots pour le paysage* (Berque et alii, 1994), no qual se lê que a paisagem – que supõe a estetização da idéia de país – “concerne a um incomensurável essencialmente estranho ao mensurável do meio-ambiente” (Berque et alii, 1994, p.6). Ou seja, transformada pelo discurso artístico, a categoria da exiguidade, que poderia apontar para a noção de restrição e aprisionamento em comunidades marcadas pela insularidade (que também não se restringe a uma questão geográfica), conduz ao transbordamento de fronteiras e ao movimento em direção ao Outro.

Na atualização de meu projeto em cursos, conferências, artigos, capítulos de livros e ensaios, também refleti sobre a representação de trânsitos identitários de personagens, narradores e autores que se instalam em terra estrangeira, conhecendo as contradições do exílio. Para abordar a complexidade dos vínculos entre seres das migrâncias e seu país de origem, desconfiando da ligação habitual entre lugar e territorialidade, recorri à leitura proposta pelo professor e crítico Simon Harel (Quebec). Recusando-se a encarar o lugar como uma base, como algo fixo que acolheria a identidade (Harel, 2005, p.122), ele oferece pistas rentáveis para se aprofundar a análise da mesma noção. Para o pensador quebequense, os chamados espaços habitados (cf. a idéia de *oikos* que sugere a materialidade da habitação e o ato de habitar) – que permitem compreender como uma comunidade representa seu espaço familiar – não existem independentemente da intervenção do sujeito na história (Harel, 2005, p.122).

Assim, ao refletir sobre as “Poéticas da exiguidade e da errância nas Américas”, além de analisar outros aspectos relevantes da temática proposta, tive a oportunidade de tratar também da idéia do lugar, em sintonia com leituras da atualidade que só confirmam a relevância do tema em pauta. Como se trata de uma questão incontornável – para lembrar o escritor e ensaísta antilhano Édouard Glissant (1997, p.59) – e que nem sempre tem merecido por parte de certa crítica uma interrogação maior, creio que será muito rentável para meu crescimento intelectual o projeto que submeto ao CNPq, que não só dará maior profundidade e alargamento a aspectos detectados em estudos já realizados, como também abrirá outras portas de acesso à experiência dos lugares habitados e dos espaços dos trânsitos. Para tanto, está prevista uma bibliografia crítica que incorpora ensaios e artigos ainda não explorados e um *corpus* também marcado pela novidade nas pesquisas já feitas. Como será mostrado a seguir, a interrogação sobre as representações imaginárias do lugar em obras literárias produzidas no Quebec, nas Antilhas e no Brasil (em menor grau) levará em conta a adoção de práticas, estratégias, invenções e apropriações através das quais personagens e narradores imprimem suas marcas no seu entorno. E para tratar desses aspectos, como será visto adiante, será buscado apoio em orientação metodológica que trará novas possibilidades à leitura do lugar.

- Começando

Pode-se perguntar as razões que justificam o desenvolvimento de um projeto de pesquisa centrado na noção de lugar, quando se tornou quase um consenso afirmar que vivemos em um mundo em que se perderam referências espaciais e históricas que, até pouco tempo, eram os alicerces de certezas identitárias. Como pensa o poeta, professor e ensaísta Pierre Ouellet (Quebec), os lugares do homem não são mais fixos e protegidos, o que leva as pessoas a se sentirem “desabrigadas”, deslocadas em seu meio (Ouellet, 2005, p.9). “Nova condição de nosso imaginário”, o exílio – do ser e do sentido – ilustra essa impossibilidade de se ter um lugar, o que marca nossa época (Ouellet, 2005, p.10). Ora, a despeito da crise de todas as referências e a perda de balizamentos que serviam para orientar os homens em um espaço que lhes seria próprio, e apesar da proliferação dos não-lugares (Augé,1994), o prestígio do lugar não desapareceu em nossos dias. Mesmo abalando as relações habituais entre o homem e o espaço – e aí poder-se-ia dizer entre o escritor e o leitor e a página –, a cultura do virtual

acarretou possibilidades de se viver de outro modo a experiência do lugar. Além disso, como afirmou Ecléa Bosi, “a tecnologia cria *redes* de globalização, mas o mundo é feito de territórios, nações, paisagens” (Bosi, 2003, p.19), que lhe conferem justamente seu caráter humano. Dessa forma, aporia produtiva, o lugar oferece pistas ao pesquisador interessado em temas relevantes no pensamento crítico atual, presentes em produções literárias e culturais da contemporaneidade.

A própria consciência do existir tem um vínculo estreito com a localização, já que o estar no mundo e a constituição da memória supõem o acúmulo de experiências vividas em um espaço ou mais de um espaço. Se, por um lado, habitamos lugares, por outro, eles nos habitam ao longo de nossas existências. E se podemos revisitar lugares, eles também nos revisitam, levando-nos a ocupar, ainda que provisória e simbolicamente, nossas próprias pegadas situadas em diferentes camadas do passado. Aos olhos do autor de *L'esprit migrateur. Essai sur le non-sens commun*, existir é tomar posse de um território, ter uma localização, ocupar um ponto no espaço (Ouellet, 2005, p.41). Cabe lembrar que utilizamos em português a expressão “ter lugar” (como em francês, “avoir lieu”) como equivalente a “acontecer”. Assim, o não ter lugar, para pessoas e fatos, equivale à não-existência, ao não-acontecimento.

Concebendo o lugar como a possibilidade do acontecimento (Nancy, 2005, p.125), o filósofo Jean-Luc Nancy vê o mundo como um *ethos*, um *habitus*, uma *praxis* e uma habitação. Para ele, ocupar um espaço supõe gestos de apropriação e a consciência ética do que significa habitar. Segundo o mesmo pensador, “um mundo é o lugar comum de um conjunto de lugares; de presenças e de disposições para os possíveis *avoir-lieu*” (Raffoul, 2005, p.142). E para se evitar que o mundo se transforme em terra de exílio, ele deve ser visto como “o lugar de um possível habitar” (Nancy, 2002, p.34). Uma vez que o sentido do mundo não antecede a existência humana, ele deve ser feito através da *praxis* que se ancora em lugares vividos, habitados, possuídos. Nesse sentido, Nancy dialoga com Simon Harel, para quem, “o ato de habitar um lugar se baseia na idéia de que o sujeito pode modelar o mundo e aprender a se situar nele” (Harel, 2006, p.9).

Explorar a apropriação espacial nos leva, necessariamente, aos trabalhos de Michel de Certeau e de seus seguidores (Pierre Mayol e Luce Giard). Nas atividades mais banais e invisíveis da rotina ordinária, Michel de Certeau e sua equipe souberam reconhecer a poeticidade dos pequenos gestos que supõem formas criativas de

intervenção humana no mundo. Vetor privilegiado do imaginário dos lugares (Harel, 2005, p.121), o texto literário apresenta sempre farto e rico material para se estudarem as relações entre os seres humanos (mesmo de papel) e o espaço, reelaborado graças a práticas e estratégias capazes de instaurar a invenção do cotidiano.

Arte de fazer vista frequentemente como menor no dia-a-dia, a atividade culinária alimenta a poética de autores antilhanos como Ernest Pépin e Patrick Chamoiseau que, tirando partido de metáforas ligadas à cozinha (como lugar e arte de fazer), depreendem seu sentido artístico e o exploram em seus romances. Textos de sabores e saberes, as obras de autores caribenhos de língua francesa parecem iluminar a prática culinária e aí reconhecem “toda uma montagem sutil de ritos e códigos”, “uma encruzilhada de histórias” (Giard, 1994, p.240). Arte da reciclagem pela qual se reinventam sobras de refeições, a atividade culinária supõe a capacidade de se estabelecerem misturas inusitadas, combinações imprevisas próprias das experimentações artísticas. Ligada ao corpo, a cozinha se associa em textos antilhanos - que evocam romances de Jorge Amado – à sensualidade, aos prazeres da carne ligados estreitamente à oralidade: de um lado, a absorção do alimento, de outro, a circulação da palavra, de “tagarelices descosidas”, exercício “de uma doce intimidade” (GIARD, 1994, p.270). Além disso, o gesto de alimentar – ligado à prática da hospitalidade – pode ser visto enquanto doação de si mesmo, movimento em relação ao outro.

Associada ao patrimônio vivo da memória que se perpetua e se renova sem cessar, a cozinha aparece em obras centradas na experiência do exílio e da desterritorialização como um ponto de referência para seres deslocados. Na literatura brasileira, por exemplo, em romances inspirados pela migração – vista, sobretudo, enquanto experiência estética – a cozinha ocupa um lugar de destaque, como é o caso de *Amrik*, de Ana Miranda ou de *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum. Na chamada literatura migrante do Quebec, as lembranças de sabores e temperos da terra de origem é forte em personagens imigrantes que ainda estão muito presos a seu país. O estranhamento experimentado diante dos hábitos alimentares da nova cultura seria uma espécie de fidelidade ao passado, à terra que foi deixada por força das circunstâncias (cf. *Le figuier enchanté*, de Marco Micone).

Além da cozinha, em seu livro *L'invention du quotidien I: arts de faire*, Michel de Certeau salienta outra arte de fazer significativa: o ato de andar a pé pela cidade. Como se contrariasse, sem o saber, usos previstos por urbanistas e arquitetos para a cidade, o

pedestre imprime ao tecido urbano suas marcas, evitando roteiros previsíveis, alterando itinerários, criando seus próprios roteiros passíveis de serem reinventados a cada dia. Diferentemente de quem atravessa a cidade de carro ou a contempla do alto de um arranha-céu, o pedestre estabelece um corpo-a-corpo com a cidade que apreende através do exercício apurado de seus sentidos, tal como se dá na novela que dá título ao livro *Les aurores montréalaises*, da escritora quebequense Monique Proulx. Isso porque, como pensa Pierre Ouellet, as cidades apontam, antes de tudo para a experiência vivida, sendo feitas de

olhares e de passos, de coisas que se vêem e que se ouvem (...). Em resumo, elas são mais carne e osso do que argamassa e cimento. Elas *vivem*, no sentido forte da expressão. Elas *são* também seus habitantes, das quais elas encarnam o lugar físico da existência, o *topos* no sentido grego, mas sobretudo o lugar ético e político da coexistência, que os gregos chamavam de *Polis*. A cidade é *habitat* e *habitus* misturados. (OUELLET, Pierre. 2005, p.155-156)

Dialogando com as palavras de Pierre Ouellet, em seu texto ficcional *Un automne à Paris*, a ensaísta Lise Gauvin fala de suas deambulações através de Paris, uma cidade que se escreve, que é escrita e descrita, e que nos escreve (Gauvin, 2005, p.14). Consciente de que escrever é sentir-se deslocada (p.107) – o que remete à condição paratópica de todo escritor (MAINGUENEAU) –, empreende a errância nos meandros das ruas de uma cidade inacabada, com seus ritmos e improvisações, inventada por todos (p.108: “Cada um inventa sua Paris”). Escapando a todas as tentativas de representação, a mesma cidade – “lugar que chama a ficção como seu complemento mais sonhado do que real” (p.109) - lhe parece inacessível, o que a leva a repetir palavras do escritor Julien Green: “Paris será o cenário de um romance que ninguém nunca escreverá” (p.109). Mais de que seus monumentos, Paris é vivida como um corpo vivo que convida os passantes a se integrarem a ele:

Tomar o pulso de uma cidade, não a dos monumentos e dos lugares celebrados, mas a que se oferece a cada dia ao transeunte. Ser parte dessa onda de imagens e desse movimento. Traçar o retrato desse inacabamento,

dessas visões fugidias no centro da agitação urbana.
(Gauvin, 2005, p.9)

Passados mais de quinze anos de sua publicação, a obra *L'invention du quotidien I: arts de faire* ainda apresenta inegável interesse e atualidade, mas, indo além das pistas fornecidas pelo historiador francês, autores da contemporaneidade exploram, com criatividade, outros modos de apropriação espacial da cidade através do que poderia ser designado como experimentações da escrita em trânsito. Trata-se de textos cujo lugar de enunciação pode se referir a meios de transporte variados ou a lugares de grande circulação nas metrópoles. Mesmo quando a enunciação não coincide com um meio de transporte, ele não deixa de ser o fator que permite a apropriação da cidade e a própria elaboração do texto literário. Na literatura quebequense, há muito, os vínculos entre viagem e procura existencial se fazem representar, desde a já clássica busca identitária pessoal e coletiva no “roman de la route” *Volkswagen blues*, de Jacques Poulin (1984) e a vivida como uma aventura inusitada por uma senhora de cerca de setenta anos que se desloca sozinha, de ônibus, do Canadá à Califórnia, em *De quoi t'ennuies-tu Eveline*, de Gabrielle Roy (1984), até alguns romances mais recentes, que se constroem a partir de diferentes meios de transporte. Poderiam ser citados, entre outros, *Un taxi la nuit* (Pierre Léon-Lalonde) e *Singuliers voyageurs* (Hélène Vachon).

A título de ilustração, passo a discorrer sobre o romance *Un taxi la nuit*. Logo na sua abertura, no texto intitulado “Contes à rebours”, uma observação chama a atenção do leitor: saído da blogosfera, esse livro – cujo narrador é um chofer de táxi que circula à noite em Montreal – é definido, com humor, como “geneticamente modificado”, por apresentar a inversão da ordem dos blogs divulgados anteriormente na internet. Sugerindo a seus leitores que comecem a leitura de seu livro pelo fim, o narrador deixa claro que não há uma ordem necessária, já que os capítulos apresentam-se descosidos, independentes. Tal é, aliás, a marca da rotina de seu trabalho que pode ser visto como a sucessão de encontros fortuitos e efêmeros. Apesar dos textos terem sido escritos posteriormente aos fatos narrados, o tempo verbal empregado é, em geral, o presente do indicativo, o que atribui uma atualidade aos fatos e pode causar certo estranhamento no leitor, como em uma passagem da página. 31: “**Hier** soir, je **roule** sur René-Lévesque”. Ao empregar o presente do indicativo para contar fatos ocorridos na véspera, o narrador parece simular uma situação de enunciação que se daria no seu próprio táxi. A despeito

de uma rotina pontuada por acontecimentos mais ou menos previsíveis, não está descartada aí a possibilidade da descoberta do sentido maior do ato de habitar a cidade, o que leva o chofer-narrador a afirmar:

Eu morava em Montreal, agora, eu a vivo. Eu a sinto como uma entidade própria, como uma companhia. À noite, a cidade se exacerba e entra em um estado segundo. Ela se embriaga, se intoxica, seu coração bate mais rápido. De onde estou, eu a escuto bater no ritmo de seus habitantes. Em suas artérias, a vida circula (Lalonde, p.231)

A tomada de consciência da habitabilidade dessa metrópole, que, paradoxalmente, é descrita como uma prostituta capaz de iludir com suas ilusões (p.230), decorre da possibilidade do encontro. Espaço da hospitalidade, o táxi – visto como “terceiro-mundo dos transportes coletivos” em Montreal (p.142) - acolhe os tipos mais diversos, imigrantes de diferentes etnias, bêbados, mendigos, artistas, músicos e jornalistas, que são capazes de se abrir ao outro durante a brevidade de seus itinerários. E “essas cores, esses odores, essas culturas que se misturam” (p.142) levam o chofer a se encantar por sua profissão e por sua cidade. Apresentada através de textos e de fotos (em que se pode observar a solidão através da ausência de figuras humanas, com exceção de uma em que o autor representa a mão de um taxista dirigindo seu carro), Montreal oferece ao motorista a chance de aprender mais sobre o gênero humano e sobre sua própria função na grande metrópole. Ao final do livro, ele depreende o parentesco do trabalho de um chofer de táxi com o de um escritor, pois ambos sabem a arte dos desvios e da errância, colocando-se à espera de algo (do acontecimento, traduzido como um passageiro ou a inspiração).

Outro exemplo dos vínculos entre o escrever e os meios de transporte se refere às experimentações criadas pela escritora e ensaísta (para só citar duas de suas múltiplas faces profissionais) Régine Robin em cujos textos se dá a reinvenção da escrita autobiográfica, através do que ela chama de “bioficção”. Em *Cybermigrances, traversées fugitives*, texto nômade e híbrido em que se mesclam reflexões e narrações, a narradora é alguém que deambula por cidades e pela internet, interrogando-se sobre as novas formas de escrita inventadas a partir das novas tecnologias de inteligência. Deve

ser lembrado que esse livro publicou, sob a forma de papel, textos da página da autora na internet, hoje muito reduzida. Senhora dos trânsitos por excelência – francesa de origem, filha de pais poloneses que conheceram o horror da Shoah – Robin emigrou para Montreal onde construiu uma brilhante carreira. Além de seu interesse pelas questões relativas à origem, à memória, à identidade, tem uma importante reflexão sobre as novas experimentações literárias na pós-modernidade.

Definindo-se como alguém que anda a pé, na contramão e que ama os transportes coletivos, a narradora de *Cybermigrances* se exercita como sujeito da escrita em situações inusitadas. No texto “Du Web au Livre: *Home page* Papiers Perdus” do mesmo livro – que, como sua página virtual, se tornou também uma emissão radiofônica -, a autora descreve sua página virtual, onde é explicitada uma espécie de jogo de escrita fundamentado em “constrangimentos literários” próprios ao grupo conhecido como Oulipo (Ouvroir de Littérature Potentielle, oficina de literatura em potencial criada por autores como Georges Pérec, Raymond Queneau, entre outros). Impondo-se regras lúdicas no exercício da escrita, a autora deve obedecer ao esquema proposto por ela mesma: trata-se de pegar um ônibus de uma certa linha e de descer em todas as estações. A cada descida, é preciso tirar uma foto e redigir um texto curto (de algumas linhas a uma página), que pode ser a legenda da foto, mas não necessariamente. É preciso indicar a hora da foto e a do texto. É necessário pegar o ônibus seguinte e seguir as mesmas orientações. Antes da chegada do próximo ônibus, o texto deve estar redigido. Como os ônibus da linha escolhida são numerosos, a empreitada oferece certa dificuldade. No fim da tarefa, o conjunto do material produzido deve traçar o perfil parisiense da linha. Ela precisa repetir a mesma operação no verão e no inverno, para verificar se tira as mesmas fotos e se escreve o mesmo gênero de textos. Isso lhe mostrará suas repetições, suas palavras-fetiche. Reconhecendo em sua proposta um parentesco com outros autores, como Georges Pérec, ela se refere a uma “poética dos transportes urbanos”.

Curiosamente, cafés, bistrôs e restaurantes podem também ser vistos como lugares dos trânsitos, procurados por seres dos deslocamentos que com eles se identificam. É o que se destaca em uma das cartas da escritora magrebina Leila Sebbar que procura o anonimato dos lugares públicos de circulação e passagem, como cafés e restaurantes, onde, nas horas de fraco movimento, ela escreve em todos os tipos de papéis (guardanapos, pedaços de toalhas de mesa, notas fiscais etc). Para ela, seu gesto ilustra o

próprio exílio: «Creio que a mobilidade do exílio eu a encontro também aí, nesses papéis instáveis, febris, que pego, de modo desordenado, nos lugares que me retêm numa cidade» (p.8). Deve ser lembrado que, consagrados como «laboratório de ideias e ensaios» em que intelectuais franceses encontravam seus parceiros, os cafés parisienses constituem lugares de memória (NORA,1997, p.3.792). Assim, a escritora do Maghreb se instala nesse tipo de espaço público e aí conquista seu lugar, ainda que provisório e instável. Lugar dos trânsitos, o café se torna um espaço habitado por Sebbar que aí identifica sua própria condição paratópica. (Maingueneau).

O prestígio dos cafés também se faz presente em *Un automne à Paris*, de Lise Gauvin, que se mostra sensível à enorme variedade de estabelecimentos do gênero nessa cidade: a seus olhos, tão variados como os bairros parisienses, cada café tem sua personalidade, sua clientela e seus códigos inacessíveis ao não-iniciados. (p.16). Reunindo permanência e imprevisibilidade (p.81), eles a atraem pela promessa de um acontecer. Ao escolher um café, às vezes o mesmo, às vezes um outro, é preciso: “Colocar-se à escuta. Esperar que algo aconteça, dentro ou fora de si mesmo”(p.9). Uma tal leitura do café evoca uma passagem de Jean-Luc Nancy para quem, “espécies de praças abrigadas”, os cafés ilustram a possibilidade do “avoir lieu”. (Nancy, p.125).

Fascinada pelos cafés e bistrôs, como registrou em sua página virtual e em seu livro *Cybermigrances. Traversées fugitives*, Robin pontua seus périplos pelas cidades que visita com idas constantes a tais espaços. Não se trata apenas de frequentá-los, mas de registrar sua presença aí, às vezes de modo excessivo. Ao lado de outros gostos e detalhes de sua vida pessoal (como seu amor pela bandeira vermelha, sua paixão pelo seu nome próprio e seus documentos de identidade, que, sintomaticamente, não pára de perder e de reencontrar), os bistrôs representam, segundo ela, seus “biografemas”, no sentido barthesiano. (Robin, 2004, p.225). Tais signos funcionam como espécies de lugares que a ancoram na existência, dando-lhe a certeza de ter passado por lá. Assim, da mesma forma que, em Berlim, tentando captar essa cidade, recolhe dejetos largados na rua, colocados por ela em um saco plástico, no dia-a-dia, coleciona notas de cafés, bistrôs e restaurantes, de compras e de suas idas ao correio, “recibos de vida” (p.103) que confirmam os menores incidentes de sua cotidianidade. Em uma passagem do mesmo livro, ela torna explícito o significado de tais gestos: “Minha escrita procura lugares de ancoragem no lugar desses não-lugares da memória que são a Polônia, a Europa central e oriental, não-lugares onde não há mais nada” (p.53).

É também a necessidade de suprir “os brancos de uma identidade ferida desde o início” (p.53) que explica o forte apego da autora – reinventada na ficção – a agendas, diários, cadernetas onde registra tudo ou nada (nesse caso, o vazio da agenda conteria melhor a verdade de sua vida, ou melhor, todas as possibilidades de uma existência que teriam permanecido enquanto virtuais. p.229). Assumindo a lógica das “identidades à la carte” disponibilizadas pela internet, desdobra-se em muitas e pensa em manter várias agendas ao mesmo tempo. Protéica, inspira-se nos heterônimos de Fernando Pessoa e imagina-se em várias vidas representadas na escrita de várias agendas simultâneas que dariam conta das múltiplas virtualidades de uma existência que não deveria ser reduzida a uma só.

A referência a tais lugares de escrita – vistos como espaços do trânsito - remetem também à poética dos “carnets de route”, encarados por Jean-Michel Maulpoix como práticas da “escrita circulatória” (Maulpoix, 2005, p.228). Criados para os esboços, as primeiras impressões de viagem, podem ser considerados como pré-textos que se atualizam posteriormente. Colocados, em geral, no bolso do caminhante, em sintonia com seu corpo, esses cadernos de viagem situam-se no intervalo entre o subjetivo e o objetivo, entre o fora e o dentro, sendo, ao mesmo tempo, uma experiência afetiva e intelectual (Maulpoix, 2005, p.229).

Textos centrados na idéia de viagem e nas interfaces entre deslocamento e escrita –como *Ruelles, jours ouvrables* (André Carpentier) e *Voyage au Portugal avec un Allemand* (Louis Gauthier) – fazem referência a tais cadernetas que acompanham escritores-andarilhos. No contexto antilhano, em seu *Livret des Villes du deuxième monde* (2002), o escritor da Martinica Patrick Chamoiseau dá realce ao caderno de notas que aí adquire um sentido metafórico. Tendo circulado entre vários donos antes de seu atual proprietário – o narrador – ele apresenta impressões de viagem marcadas pelo diverso e pelo híbrido. Criado a partir da prática de reciclagem, ele incorpora elementos díspares, como pedaços de pneu, lâminas de plástico, fibras vegetais e pó de pedra. Ao acolher, em sua própria feitura, a inscrição da diversidade, o “livret des notes” sugere a escrita da criouliização (Glissant) e a impossibilidade de se definir a identidade antilhana pela idéia de homogeneização.

Se percorrer criticamente lugares dos trânsitos próprios de nossa era e, em particular, das grandes metrópoles, sugere possibilidades rentáveis de análise – sobretudo se forem iluminadas pela perspectiva da hospitalidade e da habitabilidade–,

parece-me também promissora a reflexão sobre os diálogos entre a Literatura e as novas formas de enunciação referentes às práticas adotadas na internet. Não se trata, necessariamente, de propor a leitura de *blogs*, mas de verificar como essa reinvenção das escritas de si permite-nos repensar a própria criação literária.

2. Objetivos

A partir da leitura de obras produzidas no Quebec, nas Antilhas de língua francesa e no Brasil (em menor grau), pretende-se analisar:

- a) A enunciação dos lugares e o lugar da enunciação em textos da contemporaneidade
- b) A representação de espaços de pertencimento e da alteridade, e de práticas de inclusão e exclusão, característicos de nosso tempo
- c) As estratégias de apropriação espacial favoráveis à invenção do cotidiano em nossa época e, em particular, as que se referem ao exercício do “braconnage identitaire” (Simon Harel)
- d) O imaginário e a escrita dos lugares habitados e dos espaços dos trânsitos no cenário contemporâneo
- e) Os lugares de habitabilidade e de hospitalidade em grandes metrópoles e no espaço virtual
- f) Experimentações literárias inspiradas pelas novas tecnologias de inteligência

3. Metodologia

No projeto a ser desenvolvido, darei lugar à questão do lugar, questão fundamental e fundadora da história da cultura. (Derrida, 1997, p.20). Situando-se no entrecruzamento de disciplinas como a Literatura, a Sociologia, a Antropologia, a História, a Geografia, o Paisagismo, a Filosofia, as reflexões sobre as representações imaginárias do lugar colocam em cena discussões sobre noções como as de fronteira, memória, migração, habitabilidade e hospitalidade, que contribuem para os Estudos Culturais. Dada a diversidade de perspectivas, será necessário fazer um levantamento dos vários significados atribuídos a palavras como “lugar”, “território”, “espaço” etc.

Para abordar a idéia de habitabilidade, recorrerei, em especial, à orientação de Michel de Certeau e de seus discípulos. Inspirando-se em pistas do historiador francês, Pierre Mayol se dedicou à análise das práticas culturais inventadas pelos usuários de uma cidade, em particular no âmbito de seu bairro. Objeto de consumo de que os habitantes de uma cidade se apropriam sob o modo da privatização do espaço público, o bairro permite um estudo dos vínculos fecundos entre o homem e seu entorno. Organização coletiva de trajetórias individuais, ele oferece o reconhecimento do espaço como social, como abertura em direção ao Outro. A contribuição de Mayol deverá ser de grande valia para a leitura da cidade cosmopolita representada em obras de ficção, no interior das quais o ser humano aparece, muitas vezes, deslocado, exilado no abandono e na solidão das ruas, onde desenvolve artes de sobrevivência. Em se tratando da leitura de romances cuja ação se passa em metrópoles marcadas pelo multiculturalismo – como é o caso da chamada literatura migrante do Quebec –, será interessante propor um diálogo entre as sugestões de Pierre Mayol e as de autores mais próximos das cidades-Babel de nosso tempo.

Buscando um maior alargamento do sentido da habitabilidade, encontrarei apoio teórico nos trabalhos do orientalista e paisagista Augustin Berque que, ao lado de sua equipe multidisciplinar, inspirou pesquisas de Simon Harel. Na obra deste teórico quebequense, escolhi o conceito de “braconnage” para apurar minhas interrogações sobre as táticas de apropriação espacial. Conceito produtivo para se estudarem situações de fronteira, a braconagem (ouso aqui a tradução da palavra francesa, inexistente em língua portuguesa) evoca as idéias de caça, roubo e astúcia, colocadas em prática na vivência de um espaço. Utilizado por Michel de Certeau para designar a leitura (1990), a braconagem aponta para estratégias inventivas de resistência de que se valem pessoas ou coletividades em seu espaço de ação.

Opondo-se aos lugares cadastrados, a prática da braconagem supõe táticas suspeitas aos olhos dos representantes da ordem, que se atualizam como invasão, transbordamento de limites e camuflagem. Com o advento das novas tecnologias de inteligência e as novas configurações espaciais daí decorrentes, a ação de “braconner” leva a considerar novos modos de representação do espaço. Na verdade, nossas referências espaciais sofreram mudanças relevantes nos últimos vinte anos, a ponto de desestabilizar as diferenças entre sedentarização e nomadismo. A miniaturização de objetos ligados a princípio ao espaço sedentário – telefones, computadores, gravadores

etc... – tornou-os mais próximos da vida nômade e os seres mais ligados à esfera doméstica podem realizar viagens virtuais e deslocar-se, conectados que estamos à grande rede da desterritorialização. Para aprofundar tal aspecto, além da leitura de Simon Harel, nomes como os de Jacques Attali, Michel Maffesoli e Zygmunt Bauman trarão subsídios de peso para minha pesquisa.

Interventor no mundo, o “braconnier” colhe o que lhe apraz no espaço de outrem, desestabilizando fronteiras. Se na era cibernética, reconhecemos aí os “hackers”, no campo literário – espaço propício para “roubos” e empréstimos de diversas ordens –, a braconagem, a meu ver, pode ser assumida por leitores, escritores e tradutores. Para verificar a pertinência de tal hipótese, será preciso propor leituras de romances em que as atividades da leitura, da escrita e da tradução estão presentes. Como suporte teórico, dois nomes me parecem desde já indispensáveis: Michel Schneider e seu livro *Voleurs des mots* e Antoine Compagnon e seu trabalho sobre a citação e a escrita de segunda mão.

Não seria possível propor um estudo dos lugares habitados – espaços de ação, segundo Harel –, sem refletir sobre o conceito de hospitalidade, um dos eixos a serem explorados em meus estudos. Sinal de civilização por excelência, a hospitalidade esteve presente nos primórdios da história humana e as sociedades modernas conservam algumas de suas práticas, adaptando-as às novas exigências da vida atual. Regida por normas e ritos, a hospitalidade é uma maneira de se lidar com a questão do estrangeiro. Marcada pela ambiguidade, que na língua francesa se destaca na palavra “hôte” (=hospedeiro e hóspede), a complexidade da idéia de hospitalidade está embutida no parentesco etimológico entre *hospes* e *hostis* (= “l’ennemi” e “l’hôte”). A exploração de tais riquezas semânticas se fará possível com o apoio de abordagens diversas, dentre as quais destaco os trabalhos de história sociocultural (cf. os reunidos por Alain de Montandon em suas publicações) e de filosofia (Derrida, Lévinas e Jabès).

Minha proposta inclui ainda a análise de possíveis lugares da hospitalidade no mundo contemporâneo, em que, ao lado dos que seriam mais previsíveis por sua capacidade de acolhimento, existem outros como cafés, bistrôs, restaurantes, táxis, trens, metrôs (Alain Milon fala de uma “transhospitalidade” do metrô). Em outro nível, considero também como lugares da hospitalidade a própria língua, as práticas intertextuais e a atividade da tradução.

Para pensar sobre a hospitalidade na web, encontrarei apoio em estudos de Pierre-Lévy, para quem, “devemos antes tentar acompanhar e dar sentido à virtualização, inventando ao mesmo tempo uma nova arte da hospitalidade” (Lévy, 1996, p.150), já que o virtual é “heterogênesse, devir outro, processo de acolhimento da alteridade”. Outros autores também fornecerão dados significativos para analisar a era do virtual e a configuração de novas identidades, como Régine Robin, Philippe Lejeune, Sherry Turkle e Paul Soriano.

O conceito de paratopia também será produtivo no desenvolvimento de meu projeto, já que aponta para a impossibilidade de se designar um lugar verdadeiro por parte de todo escritor, que se encontra sempre, segundo Dominique Maingueneau, diante de uma difícil negociação entre o lugar e o não-lugar. Se, como afirma o mesmo teórico, sem deslocalização não existe literatura (2001, p.28), obras inspiradas pela poética das migrações constituem um campo fecundo para se analisar a condição paratópica do autor. Mais uma vez, obras de Régine Robin e Simon Harel constituem referências obrigatórias.

4. Equipe envolvida

Além da proponente, participarão das atividades ligadas ao presente projeto, dois ex-orientandos de Doutorado da professora, Arnaldo Rosa Vianna Neto e Renato Venâncio Henriques de Sousa, respectivamente da Universidade Estácio de Sá (UNESA) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ligados ao Grupo de Pesquisa “Identidades em trânsito:estéticas transnacionais”, coordenados pela docente (ao lado da Profa Vera Lúcia Soares / UFF), seus estudos têm forte vínculo com os de sua ex-orientadora. As estudantes de Mestrado em Literaturas Francófonas Maria Daura Bittencourt Macedo da Rocha e Vanessa Massoni da Rocha, assim como os alunos de Doutorado em Literatura Comparada Valdir da Silva Chagas e Valéria Ribeiro Guerra orientam suas pesquisas em sintonia com propostas do projeto em questão. Dois alunos de PIBIC, Alexandre Oliveira do Nascimento e Valéria Medeiros Gasparello, também terão suas pesquisas vinculadas a aspectos do mesmo projeto.

5. Cronograma

Março/Abril de 2008: Leitura crítica de textos teóricos e de obras literárias

Maio/Junho de 2008: Elaboração de comunicação a ser apresentada no Congresso da FIPF (Quebec). Encontro com canadianistas da ABECAN (UFF). Preparação de textos a serem apresentados no Congresso Internacional da ABRALIC e no encontro da ANPOLL.

Julho de 2008: Participação no Congresso Internacional da FIPF (Federação Internacional de Professores de Francês). Participação em Congresso Internacional da ABRALIC.

Agosto e Setembro de 2008: Participação em Encontro da ANPOLL Seminário interno com participantes do projeto com apresentação de texto crítico. Revisão bibliográfica. Preparação de cursos de graduação e de pós-graduação. Preparação de comunicação para o Simpósio Internacional do CECAB (UFG). Participação no mesmo evento.

Outubro e Novembro de 2008: Redação de texto a ser publicado. Participação, como orientadora, no Seminário de Iniciação Científica. Prêmio Vasconcelos Torres (UFF)

Dezembro de 2008: Leitura crítica de obras literárias e teóricas.

Janeiro/Fevereiro/Março de 2009: Preparação de ensaio a ser publicado em livro. Organização de obra coletiva a ser publicada pela EdUFF/ABECAN, através do Núcleo de Estudos Canadenses da UFF. Preparação de cursos.

Abril de 2009: Seminário interno com participantes do projeto. Elaboração de artigo a ser publicado em revista especializada.

Maio de 2009: Aprofundamento e alargamento de questões norteadoras da pesquisa. Continuidade da organização de obra coletiva. Elaboração de comunicação.

Junho de 2009: Encontro com canadianistas ligados à ABECAN. Participação em seminário de estudos canadenses (UEFS)

Julho de 2009: Preparação de curso de pós-graduação.

Agosto e Setembro de 2009: Elaboração de texto a ser apresentado no Congresso Internacional da ABECAN.

Outubro de 2009: Seminário interno com participantes da pesquisa. Elaboração de capítulo de livro.

Novembro de 2009: Participação, como orientadora, do Seminário de Iniciação Científica. Prêmio Vasconcelos Torres (UFF). Participação no Congresso Internacional da ABECAN. Organização de evento na UFF ligado ao Grupo de Pesquisas “Identidades em trânsito: estéticas transnacionais”

Dezembro de 2009: Alargamento e aprofundamento bibliográfico.

Janeiro/Fevereiro de 2010: Preparação de curso de graduação e de pós-graduação.

Março de 2010: Elaboração de ensaio a ser publicado em revista especializada. Seminário interno com os participantes do projeto.

Abril/Maio de 2010: Reformulações críticas. Atualização bibliográfica.

Junho de 2010: Encontro com canadianistas da ABECAN. Organização de projetos e de parcerias com os mesmos. Preparação de comunicações a serem apresentadas em Congresso Internacional da ABRALIC e em Encontro da ANPOLL.

Julho de 2010: Elaboração de novo projeto a ser submetido ao CNPq. Participação em congresso da ABRALIC.

Agosto/Setembro de 2010: Participação em Encontro da ANPOLL. Preparação de cursos de graduação e pós-graduação

Outubro de 2010: Elaboração de capítulo de livro.

Novembro de 2010: Participação, como orientadora, no Seminário de Iniciação científica. Prêmio Vasconcelos Torres (UFF). Leitura crítica de obras teóricas e literárias.

Dezembro de 2010: Elaboração de artigo a ser publicado em revista especializada.

Janeiro/Fevereiro de 2011: Reflexões finais sobre o projeto. Elaboração de relatório técnico a ser encaminhado ao CNPq.

Obs: É evidente que, no desenvolvimento do projeto, serão feitas mudanças no cronograma sugerido, uma vez que sempre surgem outras possibilidades de congressos, encontros e seminários, e de publicações. As datas propostas de congressos são as prováveis, estando sujeitas a modificações. O importante é já deixar assinalada a participação da docente nesses eventos já previstos no nosso calendário acadêmico.

6. Bibliografia

1. ATTALI, Jacques. *L'homme nomade*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 2003
2. AUGÉ, Marc. *Un ethnologue dans le métro*. Paris: Hachette, 1986.
3. _____. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
4. BACHELARD, Gaston. *La poétique de l'espace*. Paris: Quadrige/PUF, 2004.
5. BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999
6. _____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
7. _____. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
8. _____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
9. _____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
10. BARCELO, François. *Carnets de Montréal*. Montréal: Les Heures Bleues, 2007.
11. BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
12. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987. Obras escolhidas, vol. 1.
13. BEN JELLOUN, Tahar. *Hospitalité française: racisme et immigration maghrébine*. Paris: Seuil, 1998.
14. BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger*. Culture et tradition en Allemagne romantique. Paris: Galilée, 1984.
15. BERQUE, Augustin (dir.). *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Seyssel (France): Champ Vallon, 1994.
16. _____. *La mouvance: du jardin au territoire*. Cinquante mots pour le paysage. Paris: Éditions de la Villette, 1999.
17. BERQUE, Jacques. *Dépossession du monde*. Paris: Seuil, 1964.
18. BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

19. BRANDÃO, Luis Alberto. *Grafias da identidade*. Literatura contemporânea e imaginário nacional. Rio de Janeiro: Lamparina Editora; Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.
20. CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
21. CARPENTIER, André. *Ruelles, jours ouvrables*. Montréal: Boréal, 2005.
22. CARVALHO, Bernardo. *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
23. _____ . *O sol se põe em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
24. CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
25. CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien I: arts de faire*. Paris: Gallimard, 1990.
26. _____, MAYOL, Pierre et GIARD, Luce *L'invention du quotidien 2. Habiter, cuisiner*. Paris: Gallimard, 1994.
27. CHAMOISEAU, Patrick. *Livret des villes du deuxième monde*. Paris: Éditions du Patrimoine, 2002.
28. CHASSAY, Jean-François et GERVAIS, Bertrand. *Les lieux de l'imaginaire*. Montréal: Liber, 2002.
29. COMPAGON, Antoine. *La seconde main ou le travail de la citation*. Paris: Seuil, 1979.
30. DERRIDA, Jacques *Le monolingüisme de l'autre ou la prothèse de l'origine*. Paris: Galilée, 1996.
31. _____ . *Khôra*. Paris: Galilée, 1993.
32. _____ . *De l'hospitalité: Anne Dufourmantelle invite Jacques Derrida à répondre*. Paris: Calman-Lévy, 1997.
33. _____ . *Cosmopolites de tous les pays, encore un effort*. Paris: Galilée, 1997.
34. _____ . *Papel-máquina*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
35. DÉSY, Caroline ; FAUVELLE, Véronique; FRIDMAN, Viviana et MALTAIS, Pascale (dir.). *Une oeuvre indisciplinaire*. Mémoire, texte et identité chez Régine Robin. Les Presses de l'Université Laval, 2007.
36. DIDI-HUBERMAN, Georges. *Génie du non-lieu*. Air, poussière, empreinte, hantise. Paris : Éditions du Minuit, 2001.

37. DURAND, Gilbert. *L'imaginaire: essai sur les sciences et la philosophie de l'image*. Paris: Hatier, 1994.
38. _____. *Champs de l'imaginaire*. Grenoble: Université Stendhal, 1996.
39. FINFIELKRAUT, Alain et SORIANO, Paul. *Internet, l'inquiétante extase*. Paris : Mille et une nuit, 2001.
40. FOUCAULT, Michel. «Outros espaços». In: _____. *Ditos e escritos. vol. 3*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
41. GAGNON, Marie-Julie. *Cartes postales d'Asie*. Montréal: 2007.
42. GAUTHIER, Louis. *Voyage au Portugal avec un Allemand*. Montréal: Bibliothèque Québécoise, 2007.
43. GAUVIN, Lise, L'HÉRAULT, Pierre et MONTANDON, Alain (dir.). *Le dire de l'hospitalité*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2004.
44. GAUVIN, Lise. *Un automne à Paris*. Montréal: Leméac, 2005.
45. GHITTI, Jean-Marc. *La parole et le lieu*. Topique de l'inspiration. Paris: Minuit, 1998
46. GLISSANT, Édouard. GLISSANT, Édouard. *Poétique de la Relation* Paris: Gallimard, 1990.
47. _____. *Traité du Tout-Monde*. Poétique IV. Paris: Gallimard, 1997.
48. _____. *Mémoires des esclavages*. Paris: Gallimard, 1997.
49. GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
50. HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
51. HAREL, Simon. *Le voleur de parcours: identité et cosmopolitisme dans le roman québécois*. Longueil (Québec): Le Préambule, 1989.
52. _____. «Braconagem: um novo modo de apropriação do lugar?». In: *Interfaces 5*. Rio Grande: FURG/ABECAN, 2005.
53. _____. *Les passages obligés de la littérature migrante*. Montréal: XYZ, 2005.
54. _____. *Braconnages identitaires*. Un Québec palimpseste. Montréal: VLB, 2006

55. _____ . «Résistances du lieu et empiétements du virtuel. Les cybermnésies de Régine Robin». In: MORENCY, Jean, TOONDER, Jeannette den et LINTVELT, Jaap (dir.). *Romans de la route et voyages identitaires*. Montréal: Nota Bene, 2006.
56. HASSOUN, Jacques. *Fragments de langue maternelle: esquisse d'un lieu*. Paris: Payot, 1979.
57. HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
58. _____. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
59. JABÈS, Edmond. *Le livre de l'hospitalité*. Paris: Gallimard, 1991.
60. JASMIN, Claude. *Chinoiseries*. Montréal: VLB, 2007.
61. LALONDE, Pierre-Léon. *Un taxi la nuit*. Montréal: Hamac-Carnets, 2007.
62. LEJEUNE, Philippe. «*Cher écran...*» *journal personnel, ordinateur, internet*. Paris: Seuil, 2000
63. LÉVINAS, Emmanuel. *Totalité et infini*. Essai sur l'extériorité. La Haye: Martinus Nijhoff, 1961.
64. LÉVY, Pierre-Henri. *Cyberdémocratie*. Paris: Éd. Odile Jacob, 2002
65. _____. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 2003
66. _____. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 2003
67. MAALOUF, Amin. *Origines*. Paris: Bernard Grasset, 2004.
68. MAFFESOLI, Michel. *Du nomadisme*. Vagabondages initiatiques. Paris: Livre de Poche, 1997.
69. MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da enunciação literária: enunciação, escritor e sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
70. _____. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
71. MANGUEL, Alberto et GUADALUPI, Gianni. *Dicionário de lugares imaginários*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
72. MAULPOIX, Jean-Michel "Table d'orientation". In: RUSSO, Adelaïde et HAREL, Simon. *Lieux propices*. L'énonciation des lieux/ Le lieu de l'énonciation dans les contextes francophones interculturels". Les Presses de l'Université Laval, 2005.
73. MAXIMIN, Daniel. *L'isolé soleil*. Paris: Seuil, 1981.
74. _____. *Soufrières*. Paris: Seuil, 1987.
75. _____. *L'île et une nuits*. Paris: Seuil, 1995.
76. _____. *Tu, c'est l'enfance*. Paris: Gallimard, 2004.

77. _____ *Les fruits du cyclone, une géopoétique des Caraïbes*. Paris: Seuil, 2006.
78. MÉDAM, Alain. *Montréal interdite*. Montréal: Liber, 2004.
79. MIRANDA, Ana. *Desmundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
80. _____ . *Amrik*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997
81. MIRISOLA, Marcelo. *Joana a contragosto*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
82. MONETTE, Hélène. *Unless*. Montréal: Boréal, 2004.
83. MONETTE, Pierre. *L'immigrant Montréal*. Montréal: Tryptique, 1994.
84. MONTANDON, Alain (dir.) *Le livre de l'hospitalité*. Paris: Bayard, 2004.
85. MORIN, Michel et Bertrand Claude. *Le territoire imaginaire de la culture*. La Salle (Québec): Hurtubise HMH, 1979.
86. NANCY, Jean-Luc. *Le sens du monde*. Paris: Galilée, 1993.
87. _____ . *La ville au loin*. Paris: Mille et une nuits, 1999
88. _____ . *La création du monde ou la mondialisation*. Paris: Galilée, 2002.
89. _____ . «L'approche». In: RUSSO, Adelaïde et HAREL, Simon. (org.). *Lieux propices*. L'énonciation des lieux/Le lieu de l'énonciation dans des contextes francophones interculturels. Les Presses de l'Université Laval, 2005.
90. NEPVEU, Pierre et MARCOTTE, Gilles (dir.) *Montréal imaginaire*. Ville et littérature. Montréal: Fides, 1992
91. NEPVEU, Pierre. *Lecture des lieux*. Essais. Montréal: Boréal, 2004.
92. NOLL, João Gilberto. *Bandoleros*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
93. _____ . *O quieto animal da esquina*. São Paulo: Francis, 2003
94. _____ . *Harmada*. São Paulo: Francis, 2003.
95. NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. 3 vol. Paris: Gallimard, 1997.
96. OUELLET, Pierre. *L'esprit migrateur*. Essai sur le non-sens commun. Montréal: VLB, 2005.
97. PANKOW, Gisela. *L'homme et son espace vécu*. Analyses littéraires. Paris: Aubier, 1986.
98. PARENTE, André (org.). *Imagem-máquina*. A era das tecnologias do virtual. São Paulo: Ed.34, 1993.
99. PÉPIN Ernest. *L'envers du décor*. Paris: Rocher, 2006.
100. POULIN, Jacques. *Volkswagen blues*. Montréal: Québec/Amérique, 1984.

- 101._____. *La tournée d'automne*. Montréal: Leméac, 1993.
- 102._____ .*La traduction est une histoire d'amour*. Montréal: Leméac/Actes Sud, 2006
- 103.PROULX, Monique. *Les aurores montréalaises*. Montréal: Boréal, 1997.
- 104._____ . *Le coeur est un muscle involontaire*. Montréal: Boréal, 2004.
- 105.RADKOWSKI, Georges Hubert de. *Anthropologie de l'habiter*. Paris: PUF, 2002.
- 106.RAFFOUL, François.«Le rien du monde». In:RUSSO Adelaïde et HAREL Simon (dir.). *Lieux propices*. L'énonciation des lieux/ Le lieu de l'énonciation dans les contextes francophones interculturels". Les Presses de l'Université Laval, 2005
- 107.RICHARD, Jean-Pierre. *Pages, paysages*. Microlectures II. Paris:Seuil, 1984.
- 108.ROBIN, Régine. *Le deuil de l'origine: une langue en trop, la langue en moins*. Les Presses de l'Université Vincennes, 1993.
- 109._____ . *L'immense fatigue des pierres*. Biofictions. Montréal: XYZ, 1996.
- 110._____. *Cybermigrances. Traversées fugitives*. Montreal: VLB, 2004.
- 111.RONAI, Cora (org.).*Caiu na rede*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- 112.RUSSO, Adelaïde et HAREL Simon. *Lieux propices*. L'énonciation des lieux/Le lieu de l'énonciation dans les contextes francophones interculturels. Les Presses de l'Université Laval, 2005.
- 113.SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
114. SCHNEIDER, Michel. *Voleurs de mots: essai sur le plagiat*. Paris: Gallimard, 1985.
- 115.SERRES, Michel. *Atlas*. Paris: Flammarion, 1996.

- 116.SIBONY, Daniel. *Le corps et sa danse*. Paris: Seuil, 1995.
- 117.SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
118. TORRES, Antônio. *Um táxi para Viena d'Áustria*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
119. TURKLE, Sherry. *A vida no ecrã: a identidade na era da internet*. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.
- 120.VACHON, Hélène. *Singuliers voyageurs*. Montréal;Québec/Amérique, 2004.
121. YERGEAU, Pierre. *Du virtuel à la romance*. Québec: L'instant même,1999.

11.5. Projeto de pesquisa: Poéticas da errância e da exiguidade nas Américas (encerrado)

1) Apresentação e justificativa

(...) desde sempre falta-nos espaço.

(Nicole Brossard,1985,p.32)

Marcher, c'est manquer de lieu

(Michel de Certeau,1990,p.155)

Desde o início da história da colonização nas Américas, foram associadas ao novo continente imagens plurais, à primeira vista excludentes, como as da falta e do excesso, da carência e da generosidade, do inferno e do paraíso, entre outras.«Terreno particularmente fértil para uma tal visão dicotômica das coisas» (NEPVEU, 1998, p.73), as Américas constituem, ao mesmo tempo, uma idéia ou invenção europeias e o espaço propício para a elaboração criativa de «coletividades novas» (BOUCHARD,1996) que souberam inventar-se sob o ponto de vista identitário.

À luz da ótica europeia, paralelamente às visões do paraíso, valorizou-se «uma concepção de uma América feita em sua essência de selvageria e instinto, de um continente que encontraria naturalmente seu gênio em seu espaço e suas

paisagens»(NEPVEU, 1998, p.72). Veiculava-se, então, a imagem de extensões de terra sem fim, propícias à aventura, aos deslocamentos e ao confronto do homem com um ambiente hostil e perigoso. Todavia, ainda no período da colonização, uma outra versão não menos significativa do continente americano se depreende de textos literários em que ele é associado à busca de um recolhimento favorável à reflexão. Assim, ao lado de narrativas – em particular, a dos primeiros viajantes – centradas na descrição da riqueza de espécies e espaços naturais, e na valorização de uma exterioridade abundante – descrita como paraíso ou como inferno segundo os interesses dos donos do poder – desde cedo se manifestou a configuração de paisagens americanas da interioridade, convite à introspecção e à inteligência poética. É o que o crítico quebequense Pierre Nepveu depreende nos escritos místicos da religiosa Marie de l’Incarnation, representante do olhar feminino sobre o Novo Mundo. Vivenciando seu exílio voluntário como falta e intensidade suprema, em seus textos autobiográficos ela empreende uma descoberta imaginária da América através da reflexão. Ao atravessar o Atlântico para se engajar como reclusa nas missões canadenses, ela traz uma perspectiva diferente para a leitura do Novo Mundo. Trata-se de descobri-lo a partir do confinamento e da exiguidade, o que confere um papel significativo à sua experiência que lhe permitiu ter acesso a outra face da «terra prometida» onde se ancoravam desejos e expectativas responsáveis por práticas de nomadismo e de sedentarização. Mais do que sua condição de exilada, é sobretudo a referência à exiguidade que interessa aos propósitos do presente projeto que pretende, em linhas gerais, refletir sobre a interferência da consciência do exíguo – e, em menor escala, da vastidão territorial – na elaboração de duas «artes de fazer» (DE CERTEAU, 1990) privilegiadas na apreensão das Américas: a movência e o enraizamento.

Em um texto que provocou certa polêmica, há poucos anos, no seio da intelectualidade do Quebec, a escritora Monique LaRue aborda a questão identitária através do reconhecimento de duas figuras arquetípicas que, embora remontem às origens da Nouvelle-France, aparecem no cenário contemporâneo sob a forma de tensões entre os «Québécois de souche» (quebequenses de raiz) e os «néo-Québécois» (os migrantes que se tornaram mais visíveis e incômodos no panorama quebequense). Inspirando-se, provavelmente, nas ideias desenvolvidas por Walter Benjamin sobre o narrador tradicional, ela identifica nas paisagens das memórias dos quebequenses duas formas de se estar no mundo: o geômetra e o navegante. A seus olhos, ambos estão

presentes no memorial coletivo desde os primórdios da colonização, o que não só deixa entrever a existência de uma dupla maneira de se viver no Novo Mundo, como também deveria neutralizar as dificuldades atuais nas relações entre o «nós» quebequense e «os outros» (que, de certo modo, teriam substituído o «outro»anglófono ameaçador). A cada uma dessas figuras corresponde uma espécie de investimento corporal: ao geômetra cabem a paixão da medida, o gosto pelo estabelecimento de balizas, uma apreensão do continente americano como território onde seriam imprescindíveis os atos de civilizar e de estabelecer limites e recortes geográficos; o navegante, ao contrário, desconfiando do aprisionamento das fronteiras, age como explorador movido pela sede do novo e pelo desejo da experiência de limites sempre renováveis. Duas faces da mesma moeda identitária do Quebec— e, mais ainda, dois representantes simbólicos das Américas — as figuras analisadas por LaRue não deveriam ser lidas sob o signo da oposição:

Não se trata (...) de abafar a voz do geômetra, nem de exigir dos navegantes que eles se fixem em seus cadastros. O navegador rompe as amarras, larga seu passado, mas transporta com ele sua memória. Para navegar, o navegador não pode dispensar o trabalho do geômetra. E um mundo só de navegadores seria vazio de marcas.

(LARUE, 1996, p.26)

Refletir sobre os vínculos entre a apropriação espacial e a construção identitária se justifica sob diversos ângulos. Em primeiro lugar, a sensação de pertencimento passa necessariamente pela experiência da inclusão/exclusão. Além disso, o repertório de lembranças de uma coletividade se traduz como a constituição de paisagens afetivas, o desenraizamento podendo ser encarado como uma “condição desagregadora da memória” (BOSI, 2003, p. 28). Em outras palavras, a memória se articula com a noção de tempo vivido em determinado(s) lugar(es), com a fabricação de espaços da intimidade e do social onde se inscrevem as histórias do cotidiano. Identificar-se decorre, pois, de práticas espaciais: para tanto, é preciso se localizar no espaço, situar o espaço onde se vive em relação a outros (PARÉ, 2001).

Se na contemporaneidade, resultantes, em parte, das migrações pós-coloniais, desafiliações e desapropriações identitárias se fazem muito presentes a ponto de abalar a

certeza de referenciais considerados estáveis até recentemente, o sentimento da multiplicidade de pertencimentos também se vincula à experiência espacial, à acumulação do tempo vivido em países diferentes. Como pensa o escritor Amin Maalouf – que reivindica para si um duplo pertencimento (libanês e francês) – hoje, inúmeros indivíduos, «fronteiriços de nascimento, ou pelo acaso de suas trajetórias, ou ainda por uma vontade deliberada» podem reavaliar-se e escolher de que lado da balança identitária eles se colocam (MAALOUF, 1998, p. 50). Escolher seu lugar no mundo é muito mais do que se referir a um território geográfico, mas aderir simbolicamente a um espaço cultural, o que nem sempre é possível para um escritor migrante. A título de exemplo, poderiam ser lembrados aqui versos do autor ítalo-quebequense Antonio d'Alfonso: «Nés ailleurs, non pas nés ici. Être toujours ailleurs, avec ce besoin d'être ici. Ni l'ici, ni l'ailleurs perçus comme idéal. Notre Utopie, le choix d'être ici ou ailleurs» (D'ALFONSO, 1987, p.169). Como se manifesta com outros escritores marcados pelas migrações, o dilaceramento identitário se confunde aqui com a impossibilidade de se habitar plenamente um país, uma língua, uma cultura. Vivendo, numa (im)possível adição/subtração de um espaço (um país a mais, um país a menos), o sujeito migrante estaria marcado por uma relação problemática com a habitabilidade (HAREL, 2003).

A alusão ao ato de habitar nos remete ao conceito de “literaturas da exiguidade” criado por François Paré, que se tornou referência nos estudos centrados em produções literárias das margens. Assumindo a defesa das “pequenas” culturas, ele propõe uma reflexão apurada sobre literaturas fundamentadas na prática da resistência, na reivindicação do logos e no desejo de afirmar sua diferença para além da arrogância do universal. Embora a proponente não tenha a intenção de aderir totalmente a esse conceito em suas pesquisas sobre as literaturas quebequense, antilhana e brasileira, no estudo de Paré sobre o assunto há pistas produtivas para a leitura de obras inspiradas pelo exíguo. Ou seja, o que importa à pesquisa não é necessariamente rotular as literaturas em questão dentro da categoria criada pelo crítico quebequense – até porque se deve levar em conta que tal conceituação é relativa (por exemplo, diante da produção literária franco-ontariana, a literatura quebequense não pertence à exiguidade, o que pode ser reconhecido na sua situação diante da literatura francesa) – mas sim, investigar formas da exiguidade simbólica constitutiva de identidades e comunidades das Américas. Exiguidade que se manifesta nas páginas literárias sob a forma de

impossibilidades e carências, ou ainda como impulso em direção a gestos do resistir e do reinventar.

Acreditando que o futuro da Literatura “depende da manutenção e da promoção da diversidade radical” (PARÉ, 2001, p. 114), no prefácio de seu ensaio, Paré se vale de uma metáfora reveladora: a das dunas selvagens que, nos Países Baixos, impedem o avanço das águas do mar em direção às primeiras casas das aldeias. Ilustração significativa do “saber da resistência”, tais dunas asseguram a proteção “contra toda intrusão que poderia desenraizar ou colocar em perigo a preciosa vegetação” (p.17). Em outras palavras, trata-se de valorizar as margens e de reconhecer a importância de estratégias de sobrevivência de que lançam mão seres marcados pela fragilidade. Associadas às dunas nos confins da terra habitada, as literaturas da exiguidade definem-se pela sua capacidade de resistir aos riscos de desaparecimento no interior de novas paisagens identitárias de um mundo globalizado em que é muitas vezes problemática a manutenção das diferenças.

Ao se engajar na defesa e ilustração dos discursos da exiguidade, Paré ressalta que, ao contrário das “grandes literaturas” – que se apóiam no prestígio do universal – as “pequenas literaturas” remetem às ideias de fragmentação e diversidade. Ausentes, em geral dos currículos universitários, tais produções representam, como acaba de ser dito, um lugar rentável para a leitura da contemporaneidade e das novas cartografias da identidade em que, ao lado dos apelos da homogeneização, irrompem, com persistência e determinação, vozes plurais de especificidades culturais. Cabe, pois, reconhecer a emergência dos discursos das margens, não como “um subproduto das culturas dominantes, mas como fabricação original e autônoma de bens simbólicos inéditos” (PARÉ, 2001,p.206).

Complementando o pensamento de François Paré, pode aqui ser lembrado que além da produção de bens culturais inéditos o “menor se apropria de tudo”, valendo-se do paródico, do carnavalesco, da oralidade da língua falada. (ROBIN, 1989, p.7). É o que foi detectado no desenvolvimento do atual projeto da proponente, através da descoberta de um poema occitânico de P. Grosclaude, citado por Hubert Bost em seu livro *Babel: du texte au symbole* e cuja tradução em francês será transcrita agora, pois ele ilustra alguns pontos das literaturas da exiguidade.

Il sera une fois

Écoutez ce conte

Un conte à l'envers

Pour que les enfants

Ne puissent plus dormir

Il sera une fois

J'aurai peur de me rencontrer dans la rue

Tu auras peur de te rencontrer dans la rue

Il aura peur de se rencontrer dans la rue

Il sera une fois

Nous aurons peur de nous ressembler tous

Vous aurez peur de vous ressemblez tous

Ils auront peur ils seront tous pareils

Il sera une fois

Un paradis standardisé

Il sera une fois

Nous serons tous pareils

Nous aurons les mêmes mots

Pour dire les mêmes choses

Nous n'aurons qu'une histoire

Nous n'aurons qu'un regard

Nous n'aurons qu'un visage

Nous nous ressemblerons comme des briques

Et avec toutes ces briques

Nous bâtirons une tour

Et nous l'appellerons Babel (Apud BOST,1985, p.195-196)

Reapropriando-se parodicamente do mito bíblico de Babel, o poeta “menor” aí inscreve uma repetição em diferença, atribuindo-lhe, não a punição da pluralidade presente na leitura tradicional da mesma narrativa, mas os malefícios da homogeneização. Longe de ser vista à luz da reabilitação positiva e recente da pluralidade linguística e cultural que a aproxima do sentido de Pentecostes e de noções como mestiçagem e criouliização (GLISSANT,1990), Babel sugere neste poema os riscos do monolinguismo, da banalização e do empobrecimento cultural. Para Bost, o que era um acontecimento do passado cujas consequências pesavam nos ombros dos homens, torna-se o prenúncio angustiante de um futuro artificialmente homogeneizado, normalizado, onde não há nenhum espaço para as diferenças. Representante da exiguidade, o poeta deve resistir, pela palavra, a tal ameaça contra a insignificância e a fragilidade identitária de sua comunidade.

No interior das chamadas literaturas da exiguidade, Paré identifica tipos distintos: as literaturas minoritárias, as literaturas coloniais, as literaturas insulares e as “pequenas” literaturas. Em todos os casos, verifica-se a ideia de falta e de privação do ser que se manifesta de diversas formas. Através da designação de “literaturas minoritárias”, o crítico quebequense se refere a obras produzidas no âmbito de minorias étnicas no interior dos Estados unitários. Segundo ele, o colonialismo, as deportações e migrações, a repartição arbitrária de fronteiras estão na origem da heterogeneidade cada vez mais visível na cena do mundo em que enclaves minoritários se instalam no espaço do outro. No segundo grupo, Paré situa produções marcadas por um passado colonial cujos efeitos nefastos se fazem ainda sentir, como a alienação, a desapropriação e a

desposseção identitárias. Nos seus comentários sobre as literaturas insulares – como as da Islândia, da Ilha Maurício e da Terra-Nova – ele ressalta o conceito de insularização, vista como condição interiorizada da exiguidade insular que pode afetar pessoas que não moram necessariamente em ilhas – o que se dá, por exemplo, no caso dos descendentes dos acadianos deportados num passado longínquo, mas que ainda sonham em resgatar a pátria ou a mátria perdida nas páginas da ficção. O último grupo identificado por Paré é o das “pequenas” literaturas nacionais que existem na contramão da constituição canônica dos escritos reconhecidos na historiografia literária que exclui e silencia as produções que escapam à difusão e ao fortalecimento do Mesmo. Em geral, os “pequenos” discursos literários nacionais engajam-se em processos políticos de emancipação cultural. Gesto político e solidário, a escritura é uma forma de afirmação da existência de uma comunidade, o que dialoga de perto com a proposta de Deleuze e Guattari (1977).

Reflexões em torno da língua ocupam lugar de destaque na crítica da exiguidade. Segundo Paré, independentemente de seu contexto, o desenvolvimento e o prestígio de uma cultura estão ligados à sobrevivência e à importância estratégica da língua que a exprime na economia linguística do mundo. Como pensa Lise Gauvin, os escritores francófonos – e deveriam ser incluídos aí os escritores contemporâneos em geral – são sensíveis à existência de um “imaginário das línguas”, sendo dotados de uma “surconscience linguistique”. Tal é outro aspecto que a leitura de François Paré oferece ao pesquisador como um viés rico de indagações, o que já constituiu objeto de estudo no interior de outras pesquisas da proponente.

Ao se reconhecer a seriedade da proposta de François Paré, identificam-se, no conjunto de seus textos, algumas opções de leitura mais promissoras para o presente Projeto Integrado. Uma delas se relaciona às metáforas da exiguidade. Figura de linguagem ligada aos trânsitos e às transferências semânticas, a metáfora ocupa lugar de destaque em textos das movências identitárias, não só ficcionais, como teóricos. É o que se destaca das palavras de Salman Rusdhi, ser migrante por excelência:

(...) a emigração nos oferece também a mais rica metáfora de nossa época. A própria palavra *metáfora*, com suas raízes gregas, *levar através*, descreve uma espécie de emigração, a das idéias em direção às imagens. Os emigrados – homens levados através – são

seres metafóricos na sua própria essência, e a emigração, vista como metáfora, está em toda parte em torno de nós. Todos nós atravessamos fronteiras; num sentido, somos todos emigrados. (RUSDHIE, 1993, p.307-308)

Da mesma forma, se somos todos emigrados como sugere Salman Rushdie, a exiguidade não deixa de fazer parte da condição humana. Em um ensaio interessante em que analisa a “experiência da habitabilidade” em romances de Émile Ollivier, escritor de origem haitiana que participa da chamada literatura migrante do Quebec, Simon Harel encontra na obra do mesmo autor um paralelismo entre a casa e a escritura. Segundo ele, a escritura seria uma espécie de obra-refúgio ou obra-insular cuja função é a “de aumentar desmesuradamente nossa relação com o mundo de modo a nos proteger da pequenez da condição humana e da insegurança que a acompanha”(HAREL, 2003, p.87). É ainda outro trecho de Émile Ollivier que ilustra vários aspectos da exiguidade, a partir de metáforas expressivas:

Nous venons d'un pays qui n'en finit pas de se faire, de se défaire, de se refaire. Coureurs de fond, nous avons franchi cinq siècles d'histoire, opiniâtres et inaltérables galériens. Nous avons subsisté, persévéré sur les flots du temps, dans cette barque putride et imputrescible à la fois, dégradable et pérenne. Notre histoire est celle d'une perpétuelle menace d'effacement, effacement d'un paysage, effacement d'un peuplement: le génocide des indiens caraïbes, la grande transhumance, l'esclavage et, depuis la mort de l'Empereur, une interminable histoire de brigandage. Notre substance est tissée de défaites et de décompositions. Et pourtant, nous franchissons la durée, nous traversons le temps, même si le sol se dérobe sous nos pas. Malgré vents et marées, malgré ce présent en feu, ce temps de tourments, cette éternité dans le purgatoire, nous continuons à survivre en nous livrant à d'impossibles gymnastiques.

(OLLIVIER, 1994, p.129-130)

Nessas linhas de inegável valor poético, o escritor-testemunha retrata a teimosia de seu povo que soube e sabe resistir aos riscos de apagamento identitário, insurgindo-

se contra obstáculos impostos pelo regime colonial e pela opressão que se manifestou, ao longo da história haitiana, como exercício da degradação e do aviltamento de seres humanos. A alusão a memórias vividas no espaço do horror traz à baila a imagem antiga da barca putrefata, evocação dos navios negreiros que povoam o imaginário caribenho. Ao invés de sugerir, metaforicamente, a simbologia de uma casa superlativa – como Barthes depreendeu no *Nautilus* de Júlio Verne (BARTHES, 1972, p. 56) – o barco insinua aqui os riscos de morte. Morte de seres anônimos do passado, deslocados para sempre das trilhas de sua memória de origem. Morte anunciada no interior do próprio romance em que um grupo de haitianos miseráveis tenta atingir Miami através da fuga pelo mar, fracassando em seu intento.

A metáfora do barco como espaço hostil da carência e do aprisionamento está presente também na obra ensaística de Édouard Glissant intitulada *Poétique de la Relation* (1990). Segundo ele, na memória coletiva antilhana persistem duas experiências das trevas: a primeira se refere à deportação brutal imposta aos africanos, arrancados de seu lugar no mundo e de seus deuses protetores; a segunda diz respeito ao trauma da travessia nos navios negreiros. Vivenciado como um “abismo-útero”, o barco equivale, para os deportados, a uma experiência inaugural do que seria o cotidiano em uma sociedade escravocrata. Útero formador de futuros escravos, o navio negreiro os expulsava de seu interior, destituído de qualquer resquício de habitabilidade. Lançados desse “gouffre-matrice” em direção a outros ambientes inóspitos e traumáticos – a morte real no fundo do mar ou a morte simbólica na nova terra – conhecedores do confinamento insular e do aviltamento identitário teriam passado a seus descendentes não só as lembranças de todo esse sofrimento, mas ainda as possibilidades abertas do sonho. É a partir de um “conhecimento compartilhado” em lugares do confinamento – o navio negreiro e as plantações de cana de açúcar – que o ensaísta da Martinica nos acena com a possibilidade de uma Poética da Relação, contrária a qualquer resquício de exiguidade cultural: “Nossos barcos estão abertos para todos os navegarmos”(GLISSANT, 1990, p.21). Isso sugere a disponibilidade para se traçarem novos rumos e metas identitárias e a capacidade de se acolherem diferenças no interior da barca/identidade antilhana, “continente” híbrido onde se inscreve o Diverso.

Outra ilustração da exiguidade imposta aos antilhanos aparece no texto “Lieu clos, parole ouverte” de Glissant (1990, p.77). Ao considerar que o sistema escravocrata prolongou em terra, de certo modo, a violência vivida sob o signo do exíguo, iniciada

no navio negreiro, ele reconhece que, curiosamente, foi em um cenário avesso a toda manifestação de expansão identitária, que se desenvolveu a liberação através da palavra. Foi, assim, em um espaço restrito e castrador, que a figura do contador de histórias ganhou prestígio e reconhecimento sociais. Ser das astúcias do dizer e do fazer, o contador tradicional – imortalizado por Patrick Chamoiseau no romance *Solibo Magnifique* (1988) – insurge-se contra a ameaça de desaparecimento da cultura da oralidade. Aproximado por Chamoiseau de outra figura identitária relevante nas Antilhas, o djobeur (biscateiro), o contador se define, antes de tudo, pelo poder de resistência e por sua capacidade de abrir, pela força do verbo, outras trilhas nas searas da criatividade. Figuras exemplares do fazer artesanal e do ato de resistir à ameaça de desaparecimento cultural em obras de Patrick Chamoiseau (*Solibo magnifique* e *Chronique des sept misères*), o contador de histórias e o biscateiro estabelecem com seu ofício um investimento corporal, o que mostra que a aprendizagem do exíguo passa, antes de tudo, pelo domínio de técnicas capazes de estender os limites do humano, as fronteiras do próprio corpo.

Desenvolvendo um pouco mais as considerações a respeito da lembrança do exíguo no contexto antilhano, pode ser lembrado que o próprio nascimento da língua crioula - marcado pelas misturas culturais - se deu durante a atividade de trabalho daqueles que se dedicavam à plantação de cana de açúcar. Palco do confinamento e da violência colonial, os canaviais não deixam de ser também o espaço da elaboração de artes de dizer por parte de seres oprimidos: provérbios, adivinhações, histórias foram criados em condições adversas, apesar de todas as impossibilidades. Aqui o conceito de exiguidade evoca as idéias de Deleuze e Guattari sobre a literatura menor e, em particular, a lembrança de Kafka, sensível às impossibilidades da linguagem (ROBIN, 1989, p. 6).

Ainda nas Antilhas, viver as impossibilidades, a insuficiência e o confinamento vinculados à exiguidade colonial, leva, necessariamente, à reflexão sobre o que o escritor e ensaísta haitiano René Depestre (1980) chama de “marronnage” cultural. Criado a partir da palavra “marron” (que se origina do espanhol “simarron”), o termo “marronnage” é empregado em relação a diversas formas de resistência à opressão, indo da ação concreta da fuga – no Brasil os quilombos representariam um exemplo evidente de tal prática – a criações do plano artístico como a dança, a música etc. De certo modo, a própria língua crioula foi usada como manifestação de “marronnage” cultural,

permitindo aos despossuídos dispor criativamente de um espaço de identificação importante. Em resumo, para além de seus aspectos negativos, a exiguidade representa uma espécie de convite à sua reinvenção, até porque os limites e interditos levam o ser humano a não se estagnar no lugar que lhe foi imposto, reelaborando-se continuamente.

Nas Antilhas, segundo Patrick Chamoiseau, a língua crioula designa como “drive” um efeito da exiguidade do espaço geográfico e do desejo impossível de um retorno à África. Manifestando-se, em diversas situações, como a pulsão da errância, a “drive” pode assumir um aspecto maléfico quando associada à deambulação de loucos perdidos em seus delírios, ou a imigrantes indianos sem contrato que, por falta de um ponto de referência capaz de ancorá-los no espaço onde tentam se inserir, se entregam a uma espécie de vagabundagem significativa. Ao lado desse mau uso da “drive”, deve ser lembrado que, diferenciando-se do “nègre habitant” – mais fácil de ser domesticado - o “driveur” escapa da estabilização paralisante, mostrando-se “sensível ao desconhecido das altas diversidades” (CHAMOISEAU, 1997, p. 195). Assim, exprime a disponibilidade para as mestiçagens culturais, uma extensão de suas próprias raízes e a pluralidade identitária.

Se, no caso do contexto antilhano, a própria cartografia insular parece favorecer o surgimento da consciência da exiguidade, pode-se indagar como seria possível reconhecê-la em comunidades que vivem em grandes extensões territoriais como o Quebec e o Brasil. Cabe reiterar que a representação do exíguo no imaginário coletivo não é necessariamente determinada pela estreiteza geográfica, articulando-se, antes, com as idéias de impotência e insuficiência. Cercado por vizinhos anglófonos (o resto do Canadá, excetuando-se algumas “ilhas” de francidade), o Quebec viveria, de certa maneira, uma forma de insularidade e exiguidade. No Brasil, apesar de sua enorme superfície geográfica, seres despossuídos e oprimidos são susceptíveis do sentimento do exíguo, como outros povos que sofreram ou sofrem a desapropriação identitária.

Como já foi anunciado, no âmbito das literaturas periféricas uma forma de exiguidade pode ser apreendida no exercício cotidiano da prática lingüística, levando-se em conta o contexto de diglossia em que capitais lingüísticos diferenciados se encontram em uma relação de força. Para o poeta quebequense Gaston Miron, identifica-se no Quebec uma espécie de “no man’s langue” que leva muitos falantes da língua francesa ao sentimento de profunda desintegração de seu idioma. Justamente daí, segundo Lise Gauvin, insinua-se a possibilidade de renovação. Ao entrevistar o mesmo

poeta, Lise Gauvin propõe uma leitura nesse sentido, partindo de uma frase do próprio Miron:

Por outro lado, para um escritor, o fato de trabalhar a partir de uma língua ameaçada não é também um estímulo poderoso? Quando você diz: “Eu me invento como um naufrago em toda extensão de minha língua”, há a palavra “naufrago”, mas também a palavra “invento”. Será que essa situação de fragilidade não obriga a uma criação constante? (GAUVIN, 1997, p.58)

É o que se verifica em produções literárias quebequenses, antilhanas e brasileiras centradas na perspectiva feminina. Como é sabido, o acesso das mulheres à escrita equivale a um longo processo de resistência ao confinamento simbólico a que estiveram submetidas no decorrer das histórias anônimas de ocultação de suas diferenças. Sob certo ponto de vista, a “vinda à escritura” representou para elas a meta final de um percurso feito do enfrentamento de fragilidades e obstáculos de várias ordens. Em obras de Anne Hébert (Quebec) e Lya Luft, por exemplo, através da metáfora de quartos fechados e da poética das frestas, sugere-se a necessidade de se ultrapassarem barreiras espaciais e simbólicas que condenavam as mulheres - muitas vezes cúmplices desse processo – ao silenciamento e à subordinação a um modelo de feminino marcado pela exiguidade.

De tudo o que foi exposto, espera-se que tenha ficado claro que a exiguidade não se restringe necessariamente a um dado físico, mas corresponde a uma espécie de mirante de onde se pode ler o mundo. No caso das Antilhas, por exemplo, a “pequenez” da língua crioula levou escritores como Patrick Chamoiseau e Ernest Pépin a reinventar a língua francesa através da prática da desterritorialização criativa. Além disso, obras escritas a partir da perspectiva da migração – vista como categoria estética – inspiraram-se nas possibilidades expressivas do minoritário, de seres que, em seu cotidiano, conhecem a perda e a ausência de um espaço identitário e são capazes de criar, apesar de todas as impossibilidades. Isso se explica segundo François Paré pelo fato da arte e da escritura acarretarem a liberação do espaço, cabendo ao criador lutar contra o exíguo, o silenciamento e a despossessão identitária.

Em várias passagens de seu ensaio, François Paré associa a poesia à exiguidade. Encarada como “uma recusa e uma exaltação da margem” (p.138), ela “seria o modo de expressão privilegiada da marginalidade”(p.138). Para o ensaísta, esta escrita corresponde à idéia de limite, convocando-nos como minoritários à experiência iluminadora do que se situa “ao lado de”, e que assegura a renovação.

No âmbito da literatura brasileira, escrevendo contra a camisa de força imposta à linguagem cotidiana pelo senso comum, Manoel de Barros confirma vários aspectos do pensamento de Paré. Criando, como sugere Paré, “um espaço infinito” (p. 73) e sem medo de “declinar o cotidiano” (p.73), o poeta maior Manoel de Barros, com competência e sensibilidade em seu *Livro das ignoranças* ou das insignificâncias reveladoras, faz o inventário das pequenas coisas, formulando uma “desaprendizagem” ou desleitura da ordem dita normal do mundo. Deslocando as relações habituais entre o homem e seu entorno, tira partido dos “deslimites da palavra” e se permite “desinventar objetos”. Movido pela inquietude de quem não se satisfaz com a leitura habitual e pragmática do mundo, Manuel de Barros reitera a opinião do ensaísta quebequense citado, para quem há as literaturas da suficiência e aquelas, fundamentais, que se apoiam na inquietação (PARÉ, p.73). Em sua obra *O livro sobre nada* o poeta se engaja no despropósito de “atrapalhar as significâncias”, chegando a dizer que emprega o “idioleto manoelês arcaico” (p.43), adotando, com criatividade e até certa provocação ao leitor, a língua inventiva das margens.

A partir da inspiração renovadora de Manoel de Barros, para quem a “poesia é voar para fora da asa”, pode-se encarar a poeticidade do exíguo como convite à exploração de possibilidades expressivas para além de fronteiras, o que faz, com a arte e a sabedoria dos simples, o seu/nosso Bernardo, representante das reinvenções do cotidiano graças à reabilitação poética da exiguidade:

(Bernardo consegue esticar o horizonte usando três fios de teia de aranha. A coisa fica bem esticada.)

Bernardo desregula a natureza:

Seu olho aumenta o poente.

(Pode um homem enriquecer a natureza com a sua incompletude?)

2) Objetivos

- a) Refletir sobre a representação ficcional dos vínculos entre práticas espaciais e construções identitárias nas Américas
- b) Estudar metáforas da errância e da exiguidade em textos literários quebequenses, antilhanos e brasileiros
- c) Analisar a inscrição de um “imaginário do lugar” em poéticas inspiradas pela vivência da insularidade e da fragilidade cultural
- d) Propor uma revisão crítica do conceito de exiguidade a partir de suas interfaces com a noção de “literatura menor”
- e) Contribuir para o debate teórico sobre o papel das chamadas literaturas periféricas no âmbito dos Estudos Culturais

3) Metodologia

A análise dos vínculos estreitos entre as práticas espaciais e a elaboração identitária constitui para o pesquisador situado nos domínios dos Estudos Culturais, um campo fértil de interrogações, permitindo-lhe transitar por áreas plurais das Ciências Humanas, como a Literatura, a Antropologia, a Sociologia, a História, a Filosofia e a Psicologia Social. Ao se eleger a ótica da Literatura Comparada para se ler a complexidade de alguns aspectos das relações culturais interamericanas, aposta-se na escolha de uma crítica nascida nos interstícios produtivos e que leva em conta a rentabilidade da situação do entre-dois que, como define Daniel Sibony (1991), favorece a criatividade e a renovação. Trata-se também de considerar o estudioso da Literatura Comparada como um andarilho que, deslocando-se dos limites que separam diversas áreas do saber, à maneira do “braconneur” de Michel de Certeau (1990, p.239), lança mão de astúcias e estratégias de leituras à primeira vista desviantes, engajando-se na caça de possíveis caminhos rentáveis de investigação.

Para se tratar dos vínculos simbólicos estabelecidos entre o escritor ou um personagem e seu entorno, sobretudo no caso da fragilização identitária decorrente do

exílio, recorrer-se-á às noções de “imaginário do lugar”, “habitabilidade”, “territorialidade imaginária” presentes em textos críticos de Simon Harel. Dialogando frequentemente com o historiador Michel de Certeau (1990) no que diz respeito à invenção do cotidiano, Harel contempla em seus textos aspectos valorizados pela proponente em outros momentos de suas pesquisas que se voltavam para outras perspectivas de reflexão.(cf. os Projetos Integrados: “A representação do cotidiano como invenção nas literaturas periféricas” – já concluído – e “Babel revisitada: a construção de uma poética das línguas nas Américas”, em curso até fevereiro). Retomar, a partir de significativo avanço metodológico e de maior amadurecimento crítico, certos textos teóricos, lidos sob um novo enfoque, dará à pesquisa maior rigor e profundidade, favorecendo o encontro de teóricos e autores de origens muito diversas que contribuem de modo efetivo para a leitura das Américas.

No que concerne à abordagem de lugares da intimidade, além de se tirar partido da perspectiva já clássica da poética do espaço de Gaston Bachelard, buscar-se-á apoio sobretudo na leitura proposta por Pierre Nepveu, em seu *Intérieurs du Nouveau Monde*. Como se pode constatar na bibliografia, os estudos sobre a simbologia de práticas espaciais estão muito disseminados, tendo merecido a atenção de intelectuais de peso que, ao falar do espaço, situam-se em diferentes lugares críticos, o que confere uma maior relevância à proposta e aponta a necessidade de um aprofundamento e alargamento de leituras anteriores sobre o tema.

Em relação à noção de exiguidade, a referência inicial obrigatória é François Paré e seu clássico estudo que, em 1993, recebeu no Quebec o renomado Prix du Gouverneur Général e hoje conquistou o reconhecimento de outros críticos, mesmo quando esses divergem de algumas de suas idéias. Suas reflexões sobre as “pequenas” culturas, ausentes em geral dos currículos universitários e de pesquisas acadêmicas reabilita a expressividade de saberes e de fazeres culturais das comunidades minoritárias e/ou despossuídas, sugerindo que em nossa contemporaneidade o “essencial se encontra talvez agora nos espaços exíguos da exclusão, nas margens” (p.10). Cabe acrescentar que, como há mais de vinte anos a proponente desenvolve pesquisas sobre as literaturas francófonas e mais recentemente sobre a Literatura Comparada, do ponto de vista metodológico, o projeto apresenta reais condições de exequibilidade, acenando com perspectivas viáveis de realizações produtivas.

Com a finalidade de tornar mais ricas as reflexões sobre o conceito de exiguidade criado por François Paré, será de grande valia aproximá-lo do de “literatura menor” de Deleuze e Guattari. Indo mais além, releituras dessa noção elaboradas por Régine Robin (1989) e Lise Gauvin (2003) fornecerão dados relevantes para o avanço da questão. Investindo na idéia de “exiguidade”, pode-se propor também sua leitura no contexto do pós-colonial e no panorama das cartografias identitárias da época atual, a partir das análises de Stuart Hall – em particular sobre a diáspora –, Edward Said (o exílio, as relações entre cultura e imperialismo) e Homi Bhabha (o local da cultura).

Finalmente, o estudo de paisagens e passagens no cenário das Américas se fundamentará na reflexão de autores consagrados que se voltaram, nas páginas da crítica e da ficção para a redescoberta das Américas, espaço inacabado que sempre suscitará questionamentos e novas invenções.

Procedimentos metodológicos

- a) A partir das pistas de leitura sugeridas na Apresentação e Justificativa, proceder-se-á ao inventário e à análise de territórios da exiguidade em obras brasileiras, quebequenses e antilhanas
- b) Leitura crítica de textos propostos na bibliografia
- c) Reflexão sobre as relações entre exiguidade e poética do espaço
- d) Aprofundamento das investigações sobre os vínculos entre exílio e exíguo
- e) Diálogos conceituais: “exiguidade” e “literatura menor”
- f) Alargamento bibliográfico
- g) Encontros periódicos com orientandos de PIBIC, Mestrado e Doutorado
- h) Preparação de cursos de graduação e pós-graduação centrados na temática escolhida
- i) Elaboração de artigos e ensaios
- j) Participação no Grupo de Pesquisa “Identities em trânsito” coordenado pela proponente

4) Equipe envolvida

Além da proponente, participarão das atividades ligadas ao presente projeto mestrandos e doutorandos sob sua orientação. Caso seja contemplada com quota de PIBIC/UFF, a aluna Vanessa Massoni da Rocha (que é bolsista de Iniciação Científica junto ao CNPq e vem apresentando excelente desempenho) deverá se integrar ao grupo. O doutorando Renato Venâncio Henriques de Sousa continuará a desenvolver sua tese centrada em reflexões sobre a tradução e a literatura migrante do Quebec. Alguns bons candidatos que passarão por processos seletivos de ingresso ao Mestrado e Doutorado no segundo semestre já demonstraram seu interesse de serem orientados pela proponente, o que aumentará o número de participantes.

5) Cronograma

Março/Abril/Maio/05: Preparação de curso de Mestrado e Doutorado. Leitura crítica de textos teóricos

Junho/ 05: Leitura de textos literários à luz das obras teóricas lidas. Elaboração de texto crítico.

Julho/05: Encontro com canadianistas da ABECAN. Leitura crítica de obras literárias quebequenses, antilhanas e brasileiras

Agosto e Setembro/ 05: Atualização de bibliografia. Seminário interno com os participantes do projeto

Outubro/05: Elaboração de comunicação a ser apresentada no Congresso Internacional da ABECAN

Novembro/05: Participação no Congresso Internacional da ABECAN. Colóquio em Porto Alegre do Grupo de Trabalho responsável pela elaboração do *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*, coordenado Pela Profa Zilá Bernd (UFRG)

Dezembro/ 05: Elaboração de ensaio

Janeiro/Fevereiro/06: Preparação de curso de pós-graduação

Março/Abril/06: Elaboração de comunicação a ser apresentada no Congresso Internacional da ABRALIC

Mai/06: Elaboração de comunicação a ser feita no Encontro da ANPOLL

Junho/Julho/06: Participação no Encontro Nacional da ANPOLL Encontro com canadianistas da ABECAN. Participação no Congresso internacional da ABRALIC

Agosto/Setembro/Outubro/06: Alargamento de bibliografia crítica

Novembro/Dezembro/06: Elaboração de ensaio. Participação no Seminário de Iniciação Científica da UFF

Janeiro/Fevereiro/Março/07: Preparação de curso de Mestrado e Doutorado

Abril/Mai/07: Análise comparatista de textos literários. Alargamento do corpus inicial

Junho/07: Reunião da MesaDiretora da ABECAN. Encontro deCanadianistas

Julho/Agosto/07: Preparação de capítulo de livro sobre exiguidade

Setembro/07: Seminário interno de pesquisa

Outubro/07: Preparação da bolsista de PIBIC para o Seminário de Iniciação Científica da UFF. Elaboração de comunicação

Novembro/Dezembro/07: Seminário de Iniciação Científica da UFF. Participação no Congresso Internacional da ABECAN

Janeiro/Fevereiro/08: Avaliação dos resultados da pesquisa com os participantesElaboração de Relatório Final da Pesquisa

6) Bibliografia

1. ARA, Angelo e MAGRIS, Cláudio. *Trieste une identité de frontière*. Paris: Seuil, 1991.
2. ATTALI, Jacques. *L' homme nomade*. Paris: Fayard, 2003.
3. AUGÉ, Marc. *Não lugares: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

4. ----- . *Atualidade da antropologia: o sentido dos outros*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.
5. AUGOYARD, Jean-François. *Pas à pas: essai sur le cheminement quotidien en milieu urbain*. Paris: Seuil, 1979.
6. BACHELARD, Gaston. *La terre et la rêverie de la volonté*. Paris: José Corti, 1948.
7. ----- . *La terre et la rêverie du repos*. Paris: José Corti.
8. ----- . *La poétique de l'espace*. Paris: José Corti.
9. BAIER, Lothar. *À la croisée des langues: du métissage culturel d'Est en Ouest*. Montréal: Actes Sud/Leméac, 1997.
10. BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. São Paulo: Record, 2001.
11. ----- . *O livro das ignoranças*. São Paulo: Record, 2001.
12. BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: DIFEL, 1972.
13. BERND, Zilá (org.) *Americanidade e transferências culturais*. Porto Alegre: Editora Movimento, 2003.
14. BERQUE, Augustin. *La mouvance: du jardin au territoire: cinquante mots pour le paysage*. Seyssel(France): Champ Vallon, 1994.
15. ----- . *Logique du lieu et dépassement de la modernité*. Bruxelles: Ousia, 2000.
16. BERQUE, Jacques. *Dépossession du monde*. Paris: Seuil, 1964
17. BERTRAND, Jean-Pierre & GAUVIN, Lise (dir.). *Littératures mineures en langue majeure. Québec/Wallonie-Bruxelles*. Bruxelles: Presses Universitaires Européennes; Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2003.
18. BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
19. BOSI, Ecléa. *O tempo vivido da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
20. BOST, Hubert. *Babel: du texte au symbole*. Genebra: Labor et Fides, 1985.
21. BOUCHARD, Gérard. *Entre l'ancien et le nouveau monde. Le Québec comme population neuve et culture fondatrice*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 1996.

22. ----- . *Raison et contradiction: le mythe au secours de la pensée*. Montreal: Nota Bene, 2003.
23. CARVALHO, Bernardo. *Onze*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
24. ----- *As iniciais*: São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
25. ----- . *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
26. CASANOVA, Pascale. *La République mondiale des lettres*. Paris: Seuil, 1999.
27. CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien I: arts de faire*: Paris Gallimard, 1990.
28. CHAMOISEAU, Patrick. *Solibo magnifique*. Paris: Gallimard, 1988.
29. ----- . *Texaco*. Paris: Gallimard, 1992.
30. ----- . *Écrire en pays dominé*. Paris: Gallimard, 1997.
31. ----- . *Livret des villes du deuxième monde*. Paris: Éditions du Patrimoine, 2002.
32. ----- . *Biblique des derniers gestes*. Paris: Gallimard, 2002.
33. D'ALFONSO, Antonio. *L'autre rivage*. Montreal: VLB, 1987.
34. DELEUZE, Giles & GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
35. DERRIDA, Jacques. *Khôra*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
36. ----- . *Demeure*. Paris: Galilée, 1998.
37. ----- & ROUDINESCO, Elisabeth. *De quoi demain... Dialogue*. Paris: Librairie Arthème Fayard et Éditions Galilée, 2001.
38. GAUVIN, Lise. *L'écrivain francophone à la croisée des langues*. Paris: Karthala, 1997.
39. GLISSANT, Édouard. *Poétique de la Relation*. Paris: Gallimard, 1990.
40. HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

41. HAREL, Simon. *Le voleur de parcours: identité et cosmopolitisme dans le roman québécois*. Longueuil: Le Préambule, 1989.
42. ----- & JACQUES, Mathieu-Alexandre. *L'écrivain-témoin: déplacements, transferts culturels et expérience de l'habitabilité dans les romans d'exil d'Émile Ollivier*. In: *Revue Internationale d'Études Canadiennes*. Numéro 27. Ottawa: Conseil International d'Études Canadiennes, 2003.
43. HÉBERT, Anne. *Kamouraska*. Paris: Seuil, 1970.
44. ----- *Les enfants du sabbat*. Paris: Seuil, 1975
45. ----- *L'île de la demoiselle*. Montreal: Les Écrits du Canada français, 1979.
46. ----- *Le premier jardin*. Paris: Seuil, 1988.
47. LARUE, Monique. *L'arpenteur et le navigateur*. Montréal: Fides/CÉTUQ, 1996.
48. LÉVINAS, Emmanuel. *Éthique et infini*. Paris: Fayard, 1982.
49. ----- *Totalité et infini*. Paris: Livre de Poche, 1992.
50. LUFT, Lya. *O quarto fechado*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
51. ----- *Exílio*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
52. MAALOUF, Amin. *Les identités meurtrières*. Paris: Grasset et Fasquelle, 1998.
53. MAILLET, Antonine. *Pélagie-la-charrette*. Montréal: Bibliothèque Québécoise, 1990.
54. MAFFESOLI, Michel. *Du nomadisme, vagabondages initiatiques*. Paris: Le Livre de Poche, 1997.
55. MANGUEL, Alberto & GUADALUPI, GIANNI. *Dicionário de lugares imaginários*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
56. MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
57. MOISÉS, Leyla Perrone. *Altas Literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
58. NEPVEU, Pierre. *Intérieurs du Nouveau Monde. Essais sur les littératures du Québec et des Amériques*. Montreal: Boréal, 1998.

59. NOLL, João Gilberto. *Bandoleiros*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
60. ----- . *Harmada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
61. ----- . *Mínimos, múltiplos, comuns*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
62. NORA, Pierre (dir.) *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1997.
63. OLLIVIER, Émile. *Repérages*. Montréal: Leméac, 2001.
64. PARE, François. *Théories de la fragilité*. Ottawa: Le Nordir, 1994.
65. ----- . *Traversées*. Ottawa: Le Nordir, 2000.
66. ----- . *Les littératures de l'exigüité*. Ottawa: Le Nordir, 2001.
67. PÉPIN, Ernest. *Le tango de la haine*. Paris: Gallimard, 1999.
68. PIÑON, Nélica. *Vozes do deserto*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
69. PORTO, Maria Bernadette. "En découvrant l'Amérique: la poétique de la circulation dans des textes brésiliens, québécois et acadiens". In: *Revue Internationale d'Études Canadiennes* 13. Ottawa: Conseil International d'Études Canadiennes, 1996.
70. RICHARD, Jean-Pierre. *Pages, paysages*. Paris: Seuil, 1984.
71. ROBIN, Régine. "A propos de la notion kafkaïenne de littérature mineure: quelques questions posées à la littérature québécoise". In: *Paragraphes 2*. Autrement le Québec. Conférences 1988-1989. Montréal: Département d'Études Françaises. Université de Montréal, 1989.
72. RUSHDIE, Salman. *Patries imaginaires*. Paris: Christian Bourgois, 1993.
73. SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
74. ----- . *Fora do lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
75. SERRES, Michel. *Les cinq sens*. Paris: Grasset et Fasquelle, 1985.
76. ----- . *Atlas*. Paris: Flammarion, 1996.
77. SCLIAR, Moacyr. *Cenas da vida minúscula*. Porto Alegre: L&PM, 2003.
78. SIBONY, Daniel. *Entre-deux: l'origine en partage*. Paris: Seuil, 1991.

